

Sabrina
Romances Preciosos

1579
RS 7,50

Romance
Paranormal



**ALÉM DA
ESPERANÇA**
KRISTIN HANNAH

The New York Times
Best Seller
as melhores
autoras

Kristin Hannah

**Além da
Esperança**

(Comfort & Joy)

Conversão formatação ePub: Reliquia



Digitalização: Cris Silva

Revisão: Andréa

Entre dois mundos...

Abalada após o divórcio, Joy Candellaro embarca, para uma cidadezinha rural, na esperança de que alguns dias num lugar remoto e pacato a ajudem a recuperar o equilíbrio emocional. Mas seus planos são frustrados quando o avião cai numa floresta, no meio da noite. Milagrosamente, Joy sobrevive e consegue se afastar a tempo, antes de o avião explodir. E ali, perdida entre árvores gigantescas e seculares, ela toma a decisão desesperada de alcançar seu destino a pé...

Recentemente viúvo, Daniel O'Shea tem de lidar com a falta que seu filho de oito anos sente da mãe, e Bobby dificulta as coisas fechando-se em seu mundo, cercado de amigos imaginários. Quando Joy e Bobby se conhecem, um vínculo imediato se cria entre ambos, mas o atraente pai do garoto parece ignorá-la. Então, uma dramática reviravolta nos acontecimentos coloca Joy frente a frente com uma verdade assustadora, obrigando-a a decidir: em meio a sonhos impossíveis e oportunidades inesperadas, ela conseguirá reunir a fé necessária para conquistar o amor que encontrou, e uma nova vida na qual somente ela acredita?

Copyright © 2005 by Kristin Hannah

Originalmente publicado em 2005
pela Random House Publishing Group

PUBLICADO SOB ACORDO COM
RANDOM HOUSE PUBLISHING GROUP NY
NY - USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas
terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: COMFORT & JOY

EDITORA Leonice Pomponio
ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves

Paula Rotta

Vânia Canto Buchala

EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Eliana Campos

Revisão: Leonice Pomponio

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Jan Greune/Getty Images

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Gustavo Moura

© 2009 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - 10º andar

CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley

SUMÁRIO

[CAPÍTULO I](#)
[CAPÍTULO II](#)
[CAPÍTULO III](#)
[CAPÍTULO IV](#)
[CAPÍTULO V](#)
[CAPÍTULO VI](#)
[CAPÍTULO VII](#)
[CAPÍTULO VIII](#)

Querida leitora,

Este romance de Kristin Hannah me comoveu profundamente, é uma história diferente de tudo que já li, e tenho certeza de que vai ficar também na sua lembrança durante muito tempo. Com incrível habilidade e talento, ela narra a aventura de uma mulher desiludida, a quem é dada uma segunda chance de amar e ser feliz, de uma maneira como você nunca viu, e nem pode imaginar...

Leonice Pomponio Editora

CAPÍTULO I

Dezembro sempre foi meu mês favorito no ano. Desde criança, eu contava os dias para a chegada do Natal com expectativa crescente. Até um ano atrás, eu ainda comemorava o feriado sagrado com o mesmo entusiasmo da infância.

Porém, muita coisa mudou em um ano. A festa que eu mais gostava passou a ocupar o topo na minha lista de coisas a serem evitadas a qualquer custo, assim como enfeites natalinos, ramos de visgo, filmes sobre a data e, principalmente, recordações.

Recordações...

No ano passado, nessa mesma época, eu estava na minha adorável sala de estar com as pessoas que mais amava neste mundo: Thomas, meu marido, e Stacey, minha irmã mais nova.

Um ano depois, estava na minha cozinha, determinada a apagar todas as lembranças que se referiam ao passado, concentrada em escrever "Joy Candellaro", meu nome, nas etiquetas espalhadas sobre a mesa e, com dedicação redobrada, colar cada uma delas nas vasilhas de biscoitos de avelã que tinha feito na véspera.

Recusando-me a chorar, tomei um banho demorado e troquei de roupa, preparando-me para o último dia de trabalho antes do feriado. Embora tivesse nevado durante a noite, a temperatura permanecia amena, ótima oportunidade para usar meu novo suéter verde luminoso com o cachecol vermelho-vivo. Quando eu os comprei, desejei com esperança que o colorido alegre das roupas pudesse distrair as pessoas e camuflar a tristeza que pairava ao meu redor como uma aura quase palpável.

A verdade era que ninguém sabia o que dizer para me consolar, e eu não podia culpar meus amigos. Eu mesma não sabia o que queria ouvir.

Na biblioteca onde eu trabalhava, um silêncio incômodo pairava no ar quando eu chegava. Sussurros discretos acompanhavam minha saída.

Eu procurava aliviar a tensão causada pela minha presença e sorria, fingindo não perceber o mal-estar. O que mais poderia fazer? Todos estavam cansados de esperar que eu superasse as mágoas causadas pelo meu divórcio e seguisse em frente.

Claro, era o que eu tinha de fazer. Porém, ainda não estava pronta para apagar os rastros da minha antiga vida. Não tinha coragem nem forças para construir uma nova história, mesmo sendo o que eu queria.

Com os recipientes dos biscoitos nos braços, tranquei a porta da casa e fui para a garagem. Não pude evitar um olhar nostálgico para o arquivo de metal na parede dos fundos. Meus sonhos estavam guardados nas gavetas, arrumados em pilhas de papéis dobrados e perfeitamente organizados.

Organização sempre foi um traço predominante da minha personalidade. Talvez por isso tenha escolhido a profissão de bibliotecária, perfeita para exercer os rituais quase obsessivos de classificar e ordenar. Ao menos, isso ajudava a esquecer os problemas.

E lá estavam eles, todos os meus sonhos, classificados e ordenados, adormecidos dentro de uma fria gaveta de metal. Ao longo dos anos, guardei tudo o que li sobre locais exóticos e distantes, com a esperança de, um dia, poder conhecê-los. Com o passar do tempo, no entanto, convenci-me de que eu não passava de uma sonhadora covarde. Depois de onze meses de separação, já era tempo de abrir as gavetas e realizar ao menos um de meus sonhos. Entretanto, eu sequer chegara perto do arquivo.

Com o firme propósito de não pensar mais no divórcio, entrei no meu velho Volvo marrom e saí da garagem.

O ar frio da última sexta-feira antes do Natal me revigorou dos vestígios de sono pela noite mal-dormida. Os cones amarelo-brilhantes projetados pelos faróis do carro atravessaram a neblina da manhã e iluminaram a fachada da casa. Sob a luz artificial, os gerânios murchos pendendo dos canteiros retrataram a imagem da mais pura desolação e abandono.

Uma lembrança flamejou como um trovão, sem que eu pudesse evitar.

Eu havia chegado em casa mais cedo naquela noite, e o carro de Thom estava na garagem. Lembro-me de ter me preocupado. Ele nunca saía do trabalho àquela hora, e achei que pudesse estar doente.

Dentro de casa, joguei meu casaco sobre o sofá e corri para o andar superior, chamando por Thom. Estava subindo a escada quando reconheci os sons. Num impulso, abri a porta do quarto... E lá estavam, ele e uma mulher, nus, na cama. Fiquei parada feito uma idiota, olhando para eles. Por uma fração de segundo, esperei que Thom se ajoelhasse aos meus pés e pedisse perdão. Então, olhei para o rosto da mulher e levei alguns segundos para assimilar o que eu via. Minha irmã!

Reprimi com força minhas recordações e engatei a marcha à ré, ansiosa por me afastar da casa que guardava as melhores e, ao mesmo tempo, as piores recordações da minha vida.

Em minha rota desesperada de fuga, quase derrubei a placa de venda do imóvel, presa ao portão. Estava ali havia meses, sem que ninguém tivesse se interessado. Mas, a quem eu estava querendo enganar? Seria quase impossível que alguém se interessasse por uma casa que fora palco de um casamento destruído. A corretora responsável pela venda me alertara sobre isso. Ela dissera que, numa cidade pequena como Bakersfield, onde os acontecimentos particulares e pessoais de cada um eram de conhecimento público, todos sabiam sobre meu dramático divórcio.

A separação de um jovem casal, em si, era uma notícia que alimentava a

voracidade dos fofoqueiros de plantão por meses. E o tipo de escândalo aumentara a efervescência dos boatos. Afinal, não era todo dia que uma mulher perdia o marido para a própria irmã.

O drama em família que a casa abrigara assustava os candidatos a compra. Era como uma pedra lançada num lago sereno, cujas ondulações se insinuavam infinitamente. Ninguém queria comprar um imóvel com o estigma da traição e da infelicidade.

Evitando me magoar ainda mais, concentrei-me em manobrar o carro e afastei os pensamentos perturbadores. No fundo, eu tinha consciência de que os boatos sobre meu rompimento com Thom não eram maldosos. As pessoas simplesmente ficaram chocadas com o que aconteceu.

Engolindo, as lágrimas, obriguei-me a prestar atenção no trajeto pelas ruas de Bakersfield, calmas e tranqüilas naquele começo de manhã.

Cheguei ao colégio poucos minutos antes das sete horas e estacionei na vaga reservada em frente ao prédio da administração. Peguei as três vasilhas de biscoitos e entrei, não sem antes verificar meu reflexo no espelho retrovisor e encobrir com corretivo e base os vestígios de lágrimas do meu rosto.

— Bom dia, Joy.

Bertha Collins, a secretária do período da manhã, sorriu para mim de seu posto na escrivaninha da recepção.

— Bom dia, Bertie. Eu trouxe alguns biscoitos para a festa desta noite.

— Você não virá?

Neguei com um gesto discreto e tentei sorrir, disfarçando a melancolia.

— Não estou me sentindo festiva este ano, Bertie.

Ela assentiu em silêncio. Como uma mulher casada pela segunda vez, era de se esperar que Bertie entendesse minha necessidade de solidão. Não poderia ser diferente, depois do resultado catastrófico de um casamento que tinha tudo para ser perfeito.

— Cuide-se, Joy — ela aconselhou com ar preocupado. — O primeiro Natal depois de um divórcio pode ser...

— Sim. Eu sei.

Forçando um sorriso, eu me afastei antes que ela se visse forçada a me dar conselhos e a dizer palavras de conforto, e poupei a ambas do constrangimento.

No ano passado, essas técnicas funcionavam. Mas depois de onze meses de separação, eu tinha a impressão de que nada mais poderia me tirar do poço de auto-piedade em que eu havia mergulhado.

Continuei a andar pelo corredor, contornei a lanchonete vazia e entrei no meu hábitat: a biblioteca. Minha assistente acenou com um sorriso de boas-vindas ao me ver entrar.

Rayla Goudge, uma mulher robusta com uma farta cabeleira grisalha e roupas exóticas, formara-se na Universidade Davis, assim como eu. Trabalhamos lado a

lado por cinco anos e ambas desfrutamos cada minuto. Em maio, quando ela terminasse o mestrado em Ciência da Biblioteconomia, seria contratada por outra escola. E aquela era mais uma perda sobre a qual eu não queria pensar.

— Bom dia, Joy — cumprimentou-me sem desviar a atenção da pilha de papéis sobre a escrivaninha.

— Olá, Ray. Paul melhorou do resfriado?

Enquanto prosseguimos com nossa conversa trivial, coloquei a bolsa na primeira gaveta da minha mesa e comecei meu dia: ligar os computadores, substituir os jornais do dia anterior pelos atuais e esperar pelos alunos. Rayla e eu trabalhávamos lado a lado por seis horas, verificando o sistema de catálogos, incluindo livros novos, orientando os alunos e retirando e recolocando livros nas estantes. Poucos alunos pediam nossa ajuda para pesquisas escolares depois que passaram a ter acesso à internet.

O último dia letivo transformou a biblioteca numa tumba silenciosa. Para fugir do tédio, ocupei-me com a limpeza das enciclopédias empoeiradas numa prateleira, evitando pensar no que faria nas três semanas de folga que teria pela frente.

No passado, eu esperava com ansiedade pelas férias. Era parte da motivação para ser bibliotecária escolar. Quinze anos atrás, quando estava na faculdade, imaginava viagens a lugares exóticos e inexplorados...

— Joy, você está bem?

Eu estava tão absorta que levei um segundo para perceber que Rayla falava comigo. Quando dei por mim, estava parada no meio da sala, segurando um livro pesado e poeirento nas mãos.

— Sim, estou — menti. — O que você disse?

— Eu disse que você está parecendo um fantasma, parada aí, com esse livro velho nas mãos...

Por sorte, o sinal da saída soou naquele momento, poupando-me de ter de dar uma explicação. As paredes ribombaram com o abrir e fechar de portas das crianças, rindo e correndo em algazarra pelo corredor, anunciando o início das férias de inverno.

— Você quer carona para a festa? — Rayla perguntou, aproximando-se.

— Festa? — ecoei, como se estivesse considerando a proposta. — Não, obrigada.

— Você não vai, não é?

— Não — respondi, evitando encará-la.

Rayla sempre teve o poder de destruir minhas defesas com um olhar.

— Mas...

— Este ano, não, Ray. — Ela assentiu e suspirou.

— O que você vai fazer hoje à noite?

Nós duas esperávamos com expectativa crescente pela primeira noite de nossas férias. Sempre fora especial, até aquele momento.

No ano anterior, na noite de sexta-feira, Stacey e eu tínhamos nos encontrado

para jantar e ela havia me acompanhado enquanto eu me torturava para encontrar o presente perfeito para Thom.

Eram exatamente aquelas recordações que eu tentava evitar, mas eram como amianto: invisíveis e mortais.

Rayla tocou meu braço, distraindo-me dos devaneios.

— Você já enfeitou a árvore de Natal?

Respondi que não com um aceno quase imperceptível da cabeça.

— Se quiser, posso ajudá-la.

— Não, obrigada. Preciso fazer isso por mim mesma.

— E vai mesmo montar uma árvore de Natal este ano?

Eu fitei os amáveis olhos acinzentados e achei surpreendentemente fácil sorrir.

— Sim, vou.

Rayla riu e enlaçou um braço no meu. Juntas, saímos da biblioteca silenciosa e emergimos no corredor abarrotado de crianças felizes e barulhentas. No estacionamento, ela me acompanhou até o carro.

— Odeio deixar você sozinha! Paul e eu podemos cancelar nossa viagem a Minnesota e...

— Nem ouse pensar nisso! — interrompi com gravidade. — Aproveite a companhia de sua família. Eu vou ficar bem.

— Você e Stacey...

— Não! — quase gritei, e prossegui com um sussurro suplicante: — Por favor, não quero ouvir esse nome, pelo menos hoje.

— Ela e Thom vão se separar, você vai ver. Stacey vai recobrar a razão.

Eu havia perdido a conta das vezes que Rayla dissera aquela frase, a mesma que eu repetia em voz baixa nas noites de insônia.

— Por que você não vai para um desses lugares de sonho, como Machu Picchu ou Londres? — ela sugeriu, tentando me animar.

— Eu vou — assenti, como sempre fiz. Porém, nós duas sabíamos que não era verdade.

— Bem, então, Feliz Natal! — Ela me abraçou e estalou um beijo na minha bochecha. — Nos veremos no ano que vem, Joy.

— Feliz Natal, Ray — desejei antes de fechar a porta do carro. Dei a partida e me afastei com um aceno, fingindo não estar abalada pela chegada das festas de fim de ano.

O tráfego pesado da tarde de sexta-feira me ocupou até chegar à Rua Amond. Rayla tinha razão, pensei. Eu precisava de um pouco de ação e aventura, algo que me estimulasse a recomeçar. Então, na Avenida Central, conduzi o carro para a faixa da esquerda e estacionei diante de uma floricultura com pinheiros em oferta. Já que pretendia começar a ser feliz, tinha de comemorar o Natal com uma bela árvore.

Vaguei pela falsa floresta, fingindo interesse nos pinheiros em exposição. Na

verdade, estava evitando olhar para as famílias que transitavam com animação pela loja. A felicidade dos casais de mãos dadas me atingia como uma afronta pessoal. Sem poder suportar nem mais um segundo, peguei a etiqueta da primeira árvore ao alcance da mão e passei pelo caixa.

O jovem atendente me deu um recibo e um lenço de papel, e somente então percebi que estava chorando.

Perfeito!, pensei com ironia. Como se não bastasse estar sozinha, tinha de passar pelo vexame de ser consolada por um rapazote que mal saíra das fraldas!

Enquanto ele amarrava o pinheiro sobre a capota do Volvo, disfarcei as lágrimas e olhei ao redor. Não havia nenhuma testemunha por perto. Num capricho, tirei vinte dólares da carteira e entreguei ao rapaz, como se, com isso, pudesse compartilhar um pouco da alegria dele ao receber a generosa gorjeta.

Segui para casa pensando que, se eu realmente decidisse montar a árvore de Natal, precisaria de enfeites novos, já que me recusava a usar os mesmos que Thom e eu havíamos colecionado durante os anos de casamento. Além disso, pretendia comprar um belo presente para mim mesma.

A idéia de gastar dinheiro comigo me deixou momentaneamente feliz. Aquele era um fato raro na vida das bibliotecárias, cujo salário nunca durava até o mês seguinte. Porém, naquele ano em particular, eu podia me considerar uma mulher rica. Meu bônus de Natal passava dos dez mil dólares, graças às horas-extras que minha solidão me compelira a fazer.

Um pouco menos desolada, entrei na minha rua e reduzi a marcha. Madrona era um bonito nome para uma bela rua num subúrbio não tão bonito de Bakersfield. Eu sempre gostei de morar ali, numa ruela com o nome de uma árvore que não crescia na Califórnia, especialmente devido ao fato de os empreendedores do projeto habitacional terem eliminado qualquer coisa verde que ousasse crescer do solo.

Quando Thom e eu vimos a casa pela primeira vez, estava praticamente em ruínas. Era a única com um gramado amplo na frente e uma velha cerca de madeira carente de reparos e pintura. O corretor nos empolgara ao dizer que era cheia de possibilidades para um casal jovem como nós.

— Os antigos donos passaram por um terrível processo de divórcio — ele dissera em tom de confidência.

Nós rimos na ocasião. Claro, anos depois, após passar por experiência semelhante, não me pareceu nem um pouco engraçado.

Manobrei o carro com cuidado ao atravessar o portão para não derrubar o pinheiro. Estava tão concentrada que demorei a perceber a presença de Stacey, sentada no degrau da varanda.

Num impulso, pisei no freio e nos encaramos pelo pára-brisa. Quando ela me viu, começou a chorar.

Stacey veio me contar que terminou com Thom!, pensei, esperançosa. Porém,

nem mesmo o momento que mais esperei na vida poderia diminuir a mágoa que se instalara em meu peito. Sem perdão, não havia nenhum futuro para mim e Stacey. Como eu podia perdoar uma irmã que dormira com meu marido?

Pisei no acelerador e coloquei o carro na garagem. Saí e comecei a desatar a corda que amarrava a árvore, ignorando a presença de minha irmã.

Stacey estava lá, olhando para mim, apertando a gola do casaco ao redor do pescoço. Lágrimas brilhavam nas bochechas rosadas pelo frio. Era a primeira vez que ficávamos frente a frente desde que aquele pesadelo começara.

Porém, em vez de raiva, senti uma inesperada nostalgia. Lembrei-me de coisas sobre ela, sobre nós, como nossa viagem de carro pelos desertos do país, num calor infernal, com minha mãe cantando a plenos pulmões.

Só Deus sabe como tive forças para suspender a árvore e colocá-la no chão. Virei-me lentamente, e deparei-me com Stacey, parada diante de mim.

Olhar para ela era como ver meu próprio reflexo no espelho. “Gêmeas irlandesas”, era como mamãe nos chamava, numa alusão aos cabelos ruivos e à pele sardenta.

Stacey e eu nascemos com onze meses de diferença e tínhamos o mesmo cabelo acobreado, a mesma pele clara recoberta de sardas e os mesmos olhos azuis. Não era de admirar que Thom tivesse se apaixonado por ela. Afinal, era a versão mais jovem e sorridente de mim mesma.

Ela deu um passo adiante e abriu a boca, indecisa. Thom e eu rompemos, esperei ouvir, um momento antes de perceber que não fora o que ela dissera.

— O... O quê? — gaguejei, incerta.

— Não podemos continuar assim, Joy. Não agora. É Natal.

— E eu deveria perdoá-la só porque é Natal? — retorqui por entre os dentes.

— Sei que nunca me perdoará, mas seu casamento com Thom já tinha terminado quando...

— Estávamos tendo problemas...

Eu não soube como terminar a frase. Stacey mordeu o lábio inferior, num óbvio sinal de nervosismo, e me estendeu um envelope branco. Antes de abrir, eu já havia adivinhado do que se tratava. Um convite de casamento, um evento santificado marcado para julho.

— Você deve estar brincando! — vociferei, apertando o maxilar. — Vocês deveriam se separar, e não...

— Estou grávida, Joy.

As palavras reverberaram em meus tímpanos antes de penetrar no cérebro, ferindo-me como punhais afiados.

Finalmente, depois de meses fingindo estar bem, eu não pude me controlar. Durante cinco anos, eu sonhara com um bebê. Eu implorava para Thom que começássemos nossa família. Ele nunca estava pronto.

Então, eu soube por quê. O problema era eu. Thom não queria construir uma

família comigo.

— Eu sinto muito, Joy. — Stacey mal podia falar, com a voz entrecortada pelos soluços. — Eu sei como você queria um bebê...

Tive vontade de gritar, expor minha dor, fazer com que ela se sentisse mal por destruir minha vida. Contudo, toda a minha energia estava sendo usada para que eu conseguisse me manter respirando.

— Eu nunca quis magoar você...

Eu não quis ouvir mais nada. Meus joelhos tremiam, e tive medo de cair. Eu tinha passado o último ano tentando me manter de pé, e percebi que estava no limite das minhas forças.

Dei as costas para minha irmã e corri para o carro. Parte de mim ouvia enquanto ela gritava meu nome, mas não me importei. As palavras pareciam sons sem sentido. Nada fazia sentido.

Entrei no carro e saí a toda a velocidade. Deparei-me com a rua deserta e acelerei ainda mais, deixando para trás a imagem de Stacey acenando freneticamente na calçada.

Não tinha idéia para onde ir, e não me preocupei com isso. Queria apenas colocar uma distância segura entre mim, aquele convite de casamento e o bebê que crescia no ventre de minha irmã.

Quando vi a saída para o aeroporto, me pareceu natural girar a direção e entrar. Agindo como um autômato, estacionei o carro e entrei no terminal lotado. Sem pensar no que estava fazendo, estudei o painel de chegadas e partidas.

Esperança. Um calafrio percorreu minha espinha ao me deparar com o inusitado nome da cidade. A palavra parecia deslocada na lista, espremida entre cidades maiores e conhecidas. Pestanejei e olhei novamente para me certificar de que não estava imaginando coisas.

Sim, era real. Esperança. Era tudo o que eu precisava! Caminhei para o guichê e me dirigi à funcionária, tentando aparentar naturalidade.

— Há algum assento vago no voo para Esperança?

— Sinto muito, senhora, mas esse voo foi fretado para uma excursão. Está lotado. Desolada, eu a encarei como se tivesse acabado de ouvir minha sentença de morte.

— Desculpe-me, senhora...

Eu me virei e deparei com um homem corpulento trajando roupas com estampa de camuflagem.

— Acho que você está com sorte! — disse ele com um sorriso amigável. — Sou o responsável pela excursão e houve uma desistência de última hora. Se quiser, pode viajar nesse voo, mas não posso prometer que conseguirá vaga na volta.

Incerta se deveria ficar aliviada ou entrar em pânico, apanhei a carteira com mãos trêmulas.

— Vou precisar de passaporte?

— Oh, não. Esperança é uma cidadezinha turística ao sul do Estado de Washington, a quatro horas daqui. — Ele me deu uma piscadela cúmplice e agitou a passagem no ar. — E então? É pegar ou largar!

— Eu vou! — exclamei, como se embarcar num avião sem saber para onde estava indo fosse o evento mais rotineiro da minha vida.

Momentos depois, estava no portão de embarque, rodeada por um exército de homens animados, trajando o mesmo tipo de roupa que o rapaz de quem eu tinha comprado a passagem. Não demorou muito para eu perceber que se tratava de uma expedição de pesca, o que explicava a empolgação.

Acomodei-me num dos assentos vazios e apanhei uma revista, Caça e Pesca, tema predominante daquela viagem. Como bibliotecária, estava acostumada a ler qualquer coisa que caísse em minhas mãos, mas fiquei horrorizada ao ver o artigo sobre a caça de patos, e fechei instintivamente os olhos ao me deparar com uma matéria com fotografias aterrorizantes sobre taxidermia. Definitivamente, eu não estava interessada em aprender a conservar peles de animais selvagens.

Virei a página e me encantei com a ilustração de uma encantadora pousada, uma construção antiga e sólida em meio a um arvoredo verdejante. O Chalé do Conforto parecia ser o local perfeito para uma mulher solitária se hospedar. Guardei a revista para arquivá-la junto com meus sonhos esquecidos. Algum dia, eu gostaria de visitar o Chalé do Conforto.

Ao acomodá-la na bolsa atravancada, senti o contato liso de couro do estojo da minha antiga câmera fotográfica. Nunca gostei de máquinas fotográficas digitais, modernas demais para mim. Preferia a eficiência infalível da minha Canon prateada e o inigualável prazer de ajustar lentes e foco. Por sorte, eu tinha o hábito de carregar minha câmera comigo, para o caso de me deparar com alguma paisagem inusitada, ou com uma cena inédita durante o trajeto para a biblioteca. Acaricieei o estojo de couro desgastado pelo tempo, deslizei a correia ao redor do pescoço e removi a proteção da lente.

Finalmente, surgira a oportunidade de fazer uma viagem rumo ao desconhecido; eu tinha de documentar o evento inédito. Focalizei o portão, os outros passageiros, a visão da pista pelas janelas embaçadas. Com isso, consegui ocupar minha mente durante algum tempo, entretanto, o mundo real voltou a se insinuar em meus pensamentos.

Stacey ia se casar e ter um filho de Thom.

A dor foi maior do que pude agüentar. Lágrimas rolaram dos meus olhos, e esfreguei-os com impaciência, cansada de chorar, cansada de me sentir a pior das criaturas. O problema, porém, era que eu não sabia como mudar aquela condição.

Tudo o que eu sabia era que, por mais de três décadas, minha irmã fora o porto seguro da minha vida, e de repente, eu passei a pisar em areia movediça. Nunca

me senti tão perdida e só. Se pudesse, piscaria os olhos e diria palavras mágicas que me fizessem desaparecer.

A voz metálica no alto-falante anunciou meu voo, e os pescadores se encaminharam para o portão como um bloco humano compacto.

Segui em silêncio atrás deles.

No avião, encontrei um assento vazio na última fileira, ao lado do banheiro, tão perto que meu braço seria esmagado caso alguém abrisse a porta abruptamente ao sair. Tentei não ver a situação como uma metáfora da minha vida. Em vez disso, sentei-me, ajustei o cinto de segurança e perscrutei o céu através da minúscula janela oval.

Assim que o avião se estabilizou, após a decolagem, peguei na bolsa a revista sobre caça e pesca e passei a folheá-la. Um artigo sobre uma floresta tropical no Estado de Washington chamou minha atenção. As árvores gigantescas, com copas em todos os tons de verde, pareciam irreais.

— Está bem acomodada?

Ergui o rosto e me deparei com o rapaz que me vendera a passagem. Ele sorria, e o movimento encurvou o bigode espesso num ângulo curioso.

— Sim, estou bem — respondi, sabendo que estava longe de ser verdade.

— A propósito, meu nome é Riegert Milosovich.

— Prazer em conhecê-lo. Sou Joy Candellaro.

— Bem, você terá férias inesquecíveis em Esperança, Joy. E nos deseje boa sorte na pescaria.

— Tenham cuidado — eu disse, incapaz de desejar a desgraça dos pobres peixes.

— E, mais uma vez, obrigada por ter me conseguido este lugar no voo. Acho que um pouco de "Esperança" é exatamente o que preciso.

— Todos nós, eu diria — ele retrucou, com um sorriso.

Em seguida, entrou no banheiro e fechou a porta. Momentos depois, a porta se abriu de supetão e eu encolhi o braço num movimento rápido.

Riegert estava chegando à fileira da frente quando o avião estremeceu violentamente, fazendo-o perder o equilíbrio e cair de joelhos. Então, de repente o nariz do jato apontou para baixo, numa manobra estranha, e um calafrio gelado percorreu minha espinha, da cintura até a nuca. Aquilo não era normal, em pleno voo...

Agarrei os braços da poltrona para me firmar, mesmo sabendo que era ridículo. No entanto, me dava a sensação de que eu tinha controle da situação. Então o jato empinou para cima e voltou a ganhar altura. Tive tempo de murmurar "Graças a Deus" antes que uma explosão ensurdecedora fizesse a aeronave sacolejar como um liquidificador gigante. E aí, começamos a cair numa velocidade vertiginosa. A estranha imagem de um meteoro rasgando o céu e deixando um rastro de fogo atrás de si preencheu minha mente.

O cinto de segurança me puxou para trás, cortando-me ao meio. Sacolejei como

uma boneca de pano, com um estalo doloroso no pescoço. Para piorar o desconforto, a máquina fotográfica pressionada entre o cinto de segurança e minhas costelas estava a ponto de romper meu abdômen.

Máscaras de oxigênio penderam do teto, e um homem gritou em algum lugar nas fileiras da frente. O som era terrível, gutural, apavorado.

Balancei a cabeça, enquanto uma só palavra ocupava minha mente: "Não!"

Meu coração batia tanto que eu não conseguia tomar fôlego. Uma das comissárias de bordo posicionou-se à frente e começou a discorrer sobre as instruções de emergência: "...dobrar o corpo e apertar a cabeça de encontro ao assento da frente...", foi só o que consegui ouvir. Então, ela indicou as saídas de emergência, e os gestos estudados pareciam parte de um ritual funesto.

O comandante interrompeu as instruções para ordenar que ela ocupasse seu assento. Seria impressão, ou havia pânico no tom de voz dele?

Não, não se tratava de nenhuma turbulência. HorrORIZADA, tive a certeza de que o avião ia cair. Minha vida passou diante de meus olhos como uma espiral de imagens envolvida numa bruma. Gritei o nome de Stacey e me dobrei sobre os joelhos, tentando respirar. Eu devia ter falado com ela!

Meus dedos se cravaram no braço da poltrona, e a cada vez que eu inalava, todos os meus músculos doíam.

— Tripulação e senhores passageiros... Preparar para o pouso de emergência...

— A voz do comandante soou como um trovão em meio a um pesadelo.

Pouso... Por um segundo, achei que ainda havia alguma esperança.

A velocidade da queda provocou uma pressão insuportável em meus ouvidos. Meu grito se confundiu com rangidos metálicos e um zumbido ensurdecedor que eu nunca havia escutado antes.

Bandejas, varas de pescar, valises e outros objetos foram arremessados pelo corredor entre os assentos. Ergui a cabeça a tempo de ver a atendente de bordo passando, amarrada na cadeira. Por uma fração de segundo, nossos olhares se encontraram, antes que as luzes se apagassem e a escuridão recaísse sobre nós.

Gritei mais uma vez, sem conseguir parar. O som era como um murmúrio em meio ao caos. Olhei pela janela e vi a floresta se aproximando, enquanto o jato caía verticalmente, chocando-se com as copas das árvores.

O impacto violento me arremessou para a frente. Minha máquina fotográfica esmagou minhas costelas, e uma dor lancinante se somou ao pânico. Alguma coisa explodiu dentro da minha cabeça. Levei um segundo para perceber que estávamos de cabeça para baixo. Tudo doía, e senti o gosto de sangue.

De repente, um silêncio sepulcral pairou no ar. Tudo se tornou imóvel. No instante seguinte, pessoas tossiam, choravam e gemiam. Rolos de fumaça impediam a visão.

Soltei o cinto de segurança e caí como uma fruta madura, batendo a cabeça no teto do avião. Perdi a consciência por um ou dois segundos e, quando despertei,

estava desorientada. Provei meu próprio sangue e me lembrei do que havia acontecido.

A explosão... A queda... Eu tinha de sair do avião!

Com um esforço sobre-humano, consegui me arrastar alguns centímetros. As chamas lambiam as paredes de metal, sibilando ao encontrar o tecido dos assentos. Numa fração de segundo, as línguas alaranjadas famintas estavam por toda parte.

Tossindo, procurei alguma coisa para proteger o nariz e a boca. Não encontrei nada, e puxei a barra do suéter para cobrir o rosto. Os passageiros e membros da tripulação se amontoavam nas saídas de emergência, e eu rastejei na direção deles, raspando os joelhos nas saliências retorcidas do teto. Fui envolvida por uma densa nuvem de fumaça e tentei desesperadamente avançar. A cada fileira que passava, procurava por algum passageiro inconsciente, preso pelo cinto de segurança. Mas as poltronas estavam vazias.

Finalmente, depois do que pareceu levar horas, vi a abertura da saída. Um homem estava lá, oferecendo a mão para me ajudar. Ele não parecia notar que os cabelos e a camisa estavam encharcados de sangue.

— Por aqui! Rápido! — ele gritou, puxando-me com força para fora.

— Obrigada... — murmurei, chorando convulsivamente. Caí sobre o solo firme e cambaleei alguns passos.

— Você é a última?

Assenti, e o movimento sutil fez o mundo girar ao meu redor. Minha cabeça latejava e eu mal podia me sustentar sobre as pernas. Olhei para trás, boquiaberta ao ver as chamas consumindo a fuselagem do jato, iluminando a escuridão absoluta.

Dei alguns passos e o chão pareceu ondular sob meus pés, como se eu caminhasse sem a força da gravidade. Aquele não parecia ser o mundo que eu conhecia. Tive de me concentrar em inalar o ar pesado e denso que se recusava a entrar nos meus pulmões.

Procurei alguém para perguntar onde estávamos, mas não havia ninguém por perto. De repente, percebi que havia poças no chão, e não tive certeza se estava pisando em sangue ou gasolina. Orientei-me pela árvore mais próxima e segui em frente. Um grupo se reunira perto dali, mas parecia impossível alcançá-lo. Esbarrei em algo e caí sobre os joelhos. A dor pungente me impediu de prosseguir, e deitei-me no chão frio. Quando virei a cabeça e olhei ao redor, percebi que havia me afastado apenas alguns passos do avião em chamas. Uma risada histérica sacudiu meu corpo e me obriguei a levantar-me. Por pior que fosse a situação, eu havia sobrevivido, pensei para me animar.

Depois do que pareceu um século, consegui me manter na posição vertical.

— O avião vai explodir... Corram!

Alguém estava gritando. A fumaça me engolfou, mas ainda pude ver Riegert

correndo e acenando os braços.

Quando registrei o sentido das palavras, reuni todas as forças que me restavam e tentei transpassar o chão escuro e pegajoso rumo à floresta. De súbito, notei que estava sozinha, e uma onda gelada de pânico me paralisou. No instante seguinte, o estrondo de uma explosão me atordoou. Fui projetada para a frente e transportada no ar como uma pluma. A trajetória terminou com um baque violento no chão.

E então, tudo escureceu de vez.

Quando tornei a abrir os olhos, vi-me encarando um céu de Dia das Bruxas, preto e cinzento, com a sutil sugestão de luz alaranjada chamejando timidamente acima das copas cerradas. Um círculo estranho pairava sobre mim, e notei que aquelas não eram árvores comuns; eram gigantescas.

Uma chuva desbotada começou a cair, leve como uma névoa. A princípio, não pude ouvir nada além dos batimentos do meu próprio coração. Era como se meus ouvidos estivessem cheios de algodão. Minha pulsação estava lenta, estrondando num eco distante. Gradualmente, entretanto, comecei a ouvir além.

Outro estrondo sacudiu a terra. Fiz o que pude para me proteger e rastejei sobre pedras e gravetos, procurando me afastar do perigo. Uma onda quente me cobriu com um peso sufocante, estrangulando-me. O céu ficou encoberto pela fumaça, e o crepitar das chamas atingindo as árvores ecoou como um gemido no silêncio. Um calor insuportável queimou minhas bochechas e meus cabelos ficaram empapados de suor. Obriguei-me a levantar e, horrorizada, descobri que não podia me mover.

— Você consegue... Você consegue — repeti como um mantra, olhando para meus pés.

Eu havia perdido um sapato, e os dedos enlameados refletiram sob a luz alaranjada do fogo.

Finalmente, estendi os braços e me sentei. Tateei a relva coberta de lama, cinzas e escombros. Vi as árvores tombadas como palitos quebrados. Pela primeira vez, tive consciência da devastação. A terra sangrava como nós.

Ao longe, através da fumaça cinzenta, avistei ambulâncias, carros de polícia e caminhões de bombeiros. Os sobreviventes estavam sendo socorridos. Decidi que tinha de tirar uma fotografia para documentar aquele momento, mas minhas mãos tremiam incontrolavelmente.

— Eu estou aqui! — gritei num gemido débil, tentando erguer a mão.

Mas ninguém me ouviu. Ninguém estava me procurando.

Por quê?, pensei, aterrorizada. Por um insano momento, tive dúvidas se eu realmente estava viva. Foi então que me lembrei de Riegert correndo para longe do jato, segundos antes da explosão. Na certa, todos acharam que eu havia morrido.

E esse foi meu último pensamento consciente.

CAPÍTULO II

Minha mãe caminhava entre as árvores, não longe de mim. Estava exatamente como eu me lembrava: alta e magra, com cabelos loiros prateados e olhos azuis translúcidos. A pele acetinada parecia ainda mais alva em contraste com o batom vermelho, sua cor favorita. Eu esperei que ela sorrisse, mas ela cruzou os braços e me encarou com expressão grave.

— Mamãe? — murmurei, confusa.

Achei que ela não tivesse me ouvido. Havia uma cacofonia estranha ao redor, confundindo ruídos de motor, sirenes e o eco de palavras perdidas no ar. Minha mãe se aproximou e inclinou o rosto sobre o meu.

— Acorde, querida.

Senti o toque das mãos suaves em minha testa. Fixei os olhos que eu amava e percebi que tinha começado a esquecer como era a fisionomia dela.

— Mamãe, eu estou morta? E por isso que você está aqui?

Ela sorriu, e me senti segura e amada. Secou minhas lágrimas com as costas das mãos e beijou minha testa antes de sussurrar:

— Levante-se, Joy.

— Não. Eu não posso... Stacey... Ela e Thorn... Eles estão juntos, eles me traíram!

— Joy, você tem de acordar e seguir em frente. Levante-se! Agora!

A autoridade no tom de voz teve o efeito de me reanimar. Abri os olhos e a vi do meu lado, segurando minha mão. Inalei o aroma floral do xampu que ela usava e a dor sufocante da saudade apertou meu peito.

— Sinto sua falta, mamãe.

Forcei-me a respirar, e a dor lancinante voltou, afiada, pulsando em meu crânio. O ar ao redor de mim estava pesado e opressor. Pingos de chuva tamborilavam na fuselagem do avião destruído. Ao longe, ouvi sirenes, motores, vozes e passos que pareciam ecoar de outro planeta.

Foi quase um milagre eu não ter sido esmagada de encontro a uma árvore quando a explosão me atingiu.

Eu estava escondida no bosque. Samambaias enormes pendiam dos troncos robustos ao redor de mim. Reconheci um pé de sapato pendurado num galho sobre minha cabeça, balançando com o vento.

Rastejei com dificuldade e agarrei-me ao tronco de uma árvore. Quando me pus de pé, fui golpeada por uma onda de náusea. Esperei que passasse, alcancei meu sapato e o calciei, como se não pudesse sobreviver sem ele.

Cambaleando passo a passo, saí do emaranhado de folhas e avancei para perto dos destroços, esperando que alguém me visse e me levasse de volta para a vida real. O facho de uma lanterna passou sobre minha cabeça e eu gritei a plenos

pulmões para ser vista. Porém, meus gritos não passavam de murmúrios inaudíveis. Desolada, vi quando os bombeiros desistiram da busca e se afastaram. Nunca imaginei que desejaria tanto voltar para a casa vazia na Rua Madrona, onde eu passaria as festas sozinha; para meu velho Volvo caindo aos pedaços; para o calendário que marcava o tempo até que chegasse o dia do casamento de Stacey e o nascimento do bebê...

Um sussurro cortou o ar. Seria minha mãe me chamando, ou o gemido do vento? De súbito, percebi que era minha própria voz, e repeti mais alto:

— Ninguém sabia que eu estava no avião!

Ninguém se preocuparia com minha ausência! Tal noção me deixou mortificada. À beira da histeria, forcei-me a correr na direção da última viatura que deixava o local. Mas minhas pernas não cooperaram, e vi as lanternas vermelhas desaparecendo na escuridão.

Embora estivesse tremendo da cabeça aos pés, comecei a caminhar para longe do local da explosão. Segui na mesma direção que os carros haviam tomado e atravessei a floresta escura. Ao meu redor, tudo era um labirinto de fumaça.

Como por milagre, cheguei a uma estrada do outro lado do bosque. Se eu tivesse forças, teria gritado de alegria. Orientei-me pela faixa amarela pintada no meio da pista e avancei, movida pela esperança de que alguém me encontrasse.

Por fim, avistei luzes à distância. Mais à frente, deparei-me com uma placa suja de lama e semi-encoberta por uma samambaia, mas pude ler a palavra "Washington".

Sai do véu espesso dos arbustos e segui a pista de asfalto até a cidade. A perspectiva de poder tomar um banho proporcionou a energia de que eu precisava. Alisei os cabelos, preocupada com minha aparência, e ri ao perceber o ridículo da situação.

A cidade estava deserta, alheia à minha presença. Caminhei pelas ruas iluminadas por vitrines de lojas enfeitadas para o Natal. Uma inesperada alegria brotou em meu peito. Eu estava viva!

Naquele momento, tudo o que eu mais queria era um bom banho e uma cama. Minha cabeça voltara a doer e comecei a ter sintomas de resfriado. Ao passar pela porta de um restaurante, vi um anúncio do Chalé do Conforto. Quase gritei de alegria ao descobrir que o refúgio dos meus sonhos se localizava a um quilômetro da saída da cidade.

Parecia um sonho ter encontrado um destino!

Animada com a nova perspectiva da minha vida, orientei-me pelas placas de sinalização e cheguei à saída da cidade. Por sorte, a chuva fina que caía momentos antes havia parado, dando lugar à lua cheia. Tomei a estrada de cascalho que se embrenhava pela floresta e andei sem parar. O silêncio me envolveu e pude ouvir um esquilo se agitar numa árvore ao pressentir minha proximidade.

Depois do que me pareceu uma eternidade, divisei um lago do lado esquerdo da estrada. À direita, a imensa floresta parecia não ter fim. O caminho se tornou uma calçada forrada de folhas.

De súbito, um telhado recoberto de musgo surgiu à frente, iluminado pelo luar. Acelerei o passo e vi a construção rústica em meio ao arvoredo. Pude distinguir a escada de pedra que subia para a varanda ampla e a porta dupla de entrada, com duas cadeiras de balanço oscilando ao vento. No portão, li a placa com a inscrição: "Bem-vindo ao Chalé do Conforto". E, logo abaixo, havia outra placa que me fez lembrar minha própria vida.

A pousada estava à venda.

Todo o meu entusiasmo se evaporou num piscar de olhos. Desolada, parei no portão, sem saber o que fazer. Estava muito cansada para caminhar até a cidade. Além disso, minha cabeça latejava como se um duende maluco estivesse tocando tambor dentro do meu crânio. No entanto, convenci-me de que poderia contar com a clemência do proprietário. Seguramente, haveria algum quarto vago onde eu pudesse pernoitar.

— Não é para menos que nunca fui além de sonhar com aventuras — resmunguei ao atravessar o caminho de pedras que levava à varanda.

Empurrei as folhas duplas e sorri ao descobrir que a porta não estava trancada.

— Olá? — chamei ao entrar, e minha saudação morreu no silêncio, sem resposta.

O saguão de entrada consistia num amplo aposento com uma lareira rústica de pedra e janelas com vista para o lago. Em meio às sombras, pude discernir um sofá xadrez verde e vermelho em frente à lareira, duas poltronas de couro vermelho um tanto púidas e um tronco gigantesco como mesa de centro.

Fotografias em preto-e-branco forravam as paredes. Aproximei-me do balcão da recepção, sobre o qual havia uma caixa registradora antiga, resistindo ao impulso de me deitar no sofá e dormir por uma semana. Só não fiz isso porque estava desesperada por um banho. Tinha de encontrar um quarto e me instalar por aquela noite, mesmo que não encontrasse o dono da pousada. Afinal, eu já havia cometido um crime por invasão de propriedade. Uma transgressão a mais não faria diferença.

Na parede dos fundos, uma escada com degraus de madeira levava ao andar superior. Apoiei-me ao corrimão e galguei um por um, numa lenta tortura. Cheguei a um hall que dava para um corredor com fileiras de portas dos dois lados. Deduzi que fossem os quartos e forcei as maçanetas, uma a uma, até encontrar uma única porta aberta.

De fato, era um quarto, e levei alguns segundos para que meus olhos se ajustassem à penumbra. A imensa cama ao centro mostrava uma saliência macia, indicando que havia alguém dormindo ali. Quando me aproximei, o ocupante deu um pulo e arregalou os olhos, assustado.

— Mamãe? — ele chamou, sonolento.

— Não. Sou Joy.

Era um menino de cerca de oito anos de idade, usando um pijama listrado azul e branco. Ele se sentou e esfregou as pálpebras, procurando o foco.

— Você é de verdade? — perguntou, estreitando os olhos.

— Sim. Sinto muito por invadir seu quarto, mas estou tentando me registrar... — murmurei com suavidade.

— A pousada está fechada — ele respondeu com um bocejo.

— Oh... E você sabe se há algum hotel perto daqui?

— Não, não há.

— Ótimo! — desabafei por entre os dentes.

Minha cabeça voltou a latejar com força total, e receei desmaiar diante do garoto.

— Mas temos um quarto limpo — ele prosseguiu, saltando da cama com agilidade. — Venha! Eu já sei registrar hóspedes.

— É mesmo? Eu preciso de... — Minha voz morreu na garganta. Precisava de tantas coisas que me vi incapaz de enumerá-las. Decidi me focalizar num único objetivo e prossegui: — Preciso apenas de um quarto para passar a noite.

— Meu pai não vai gostar, mas esta casa também é minha.

Num gesto decidido, ele afastou os cobertores para longe e pulou da cama. Passou por mim e seguiu pelo corredor.

— Você não vem? — perguntou por sobre o ombro.

— É claro que vou! — afirmei, apressando-me a segui-lo.

Ele me conduziu escada abaixo e apontou para a última porta do lado esquerdo de um corredor que eu não notara antes. Abriu a porta e ligou o interruptor. Dentro do aposento havia uma cômoda estreita, uma cama king size e uma escrivaninha no canto, ao lado de outra porta que eu rezei para que fosse o banheiro. Os móveis rotos e desgastados pelo uso exalavam o cheiro característico de cera de polimento. O quarto estava impecavelmente limpo e a cama fora coberta com uma encantadora colcha de patchwork.

— Obrigada — agradei. — Quanto ao pagamento...

— Os hóspedes pagam quando encerram a diária — ele informou com ares de entendido no assunto.

Respirei aliviada. No dia seguinte, eu poderia ir à cidade e procurar um caixa eletrônico para sacar o dinheiro, já que minha bolsa ficara no avião.

— Até amanhã — o garoto se despediu, correndo para a escada. Fechei a porta atrás de mim, sentindo-me no Paraíso. Caminhei até a cômoda e reprimi um grito espantado ao ver meu reflexo no espelho. Eu estava horrível! Folhas e ramos se emaranhavam nos meus cabelos, espetados para todos os lados. Os olhos, normalmente meu traço mais favorável, estavam inchados e vermelhos. Aproximei-me mais e constatei, horrorizada, que havia sangue coagulado

misturado à lama que recobria minha face.

Aflita, tateei meu corpo à procura de ferimentos. Tudo doía, mas, aparentemente, não havia nenhuma lesão grave. Talvez eu tivesse algum corte na cabeça, mas não importava. Nada mais importava a não ser um banho quente e uma cama limpa.

Abri a porta do banheiro, tão limpo quanto o quarto, e fiquei decepcionada por não ter banheira. Seria um sonho mergulhar na água morna e deixar o tempo correr...

Abri a torneira e um jato forte de água quente caiu com a força de uma cachoeira. Encontrei sabonete, xampu e toalhas limpas no gabinete da pia e entrei no boxe sem me despir.

Sentei-me no chão e deixei que a força da água lavasse minhas roupas e minha alma. Não sei quanto tempo fiquei sentada ali, sob o jato quente, mas comecei a me sentir melhor. Revigorada, ensaboei e esfreguei as peças de roupa até que ficassem sem o menor vestígio de sujeira. Pendurei-as nos suportes das toalhas e arrastei uma cadeira e o aquecedor elétrico do quarto, posicionando-o ligado no máximo, bem perto das peças. Com um pouco de sorte, estariam secas quando eu acordasse no dia seguinte.

Então, dediquei-me ao banho mais meticuloso da minha vida.

Com uma toalha enrolada na cabeça e outra ao redor do corpo, caí na cama e fechei os olhos. Os pensamentos giravam na minha mente como um caleidoscópio maluco. A explosão. Minha irmã. Thom.

A exaustão venceu o caos e adormeci profundamente.

Quando acordei, sentia-me surpreendentemente bem para uma mulher que acabara de sofrer um acidente aéreo e que tentava desesperadamente fugir da vida real.

Não! Eu não estava fugindo da vida real, corrigi, e sim, embarcando na minha primeira aventura.

Mesmo assim, pulsava viva dentro de mim a esperança de que Stacey ainda estivesse em minha casa, esperando por mim, louca de preocupação. Talvez ela pensasse que eu fora raptada e chamasse a polícia... Ai então, ela se arrependeria por ter roubado meu marido e partido meu coração.

A fantasia se evaporou diante de meus olhos. Stacey não chamaria a polícia, nem organizaria uma equipe de busca. Um ano atrás, era o que ela teria feito, mas não depois de termos nos tornado inimigas mortais. No último ano, Stacey não participara da minha vida para sentir minha ausência. Não se importava se eu estivesse na Jamaica, com algum jovem nativo, ou em uma floresta tropical selvagem e primitiva.

Para me distrair dos pensamentos, voltei a atenção para os pássaros do lado de fora da janela e as águas do lago ondulando preguiçosamente contra a margem. Em algum lugar, um rádio tocava uma música antiga.

Fui para o banheiro e encontrei escova e pasta de dentes na gaveta do gabinete. Tomei outra ducha demorada e vesti as roupas do dia anterior. As peças estavam secas graças ao calor artificial do aquecedor elétrico e recendiam ao perfume do sabonete.

Limpa e vestida, senti-me pronta para começar meu primeiro dia de aventura.

Peguei a máquina fotográfica e deixei a segurança do quarto.

Seguia de acordo com a placa na porta. Saí à procura de algum funcionário da pousada que pudesse fazer meu check-in.

O saguão iluminado pela luz do sol ficara ainda mais aconchegante com o fogo que crepitava na lareira. Tudo parecia inacreditavelmente vivo e luminoso, até mesmo as poltronas de couro vermelho desbotado. Em contraste, sem a luz solar, a área da recepção se assemelhava a uma caverna acinzentada.

Tirei algumas fotografias para meu álbum de recordações e me dirigi à porta.

À distância, ouvi o som de uma ferramenta em ação, talvez um martelo, e passos abafados. Momentos depois, um vulto surgiu à distância, caminhando pelo deque do lago, e reconheci o menino que encontrara na noite anterior. Ao se aproximar, pude ver seus traços com mais nitidez. Cabelos pretos e ondulados, rosto corado, recoberto de sardas, e cílios tão longos que não precisaria de mais nada para ser bonito. Mas o que me chamou a atenção foram os olhos, os mais azuis que eu já vira, e os mais tristes também.

Ele colocou o martelo que carregava ao lado do degrau da varanda e me encarou com expressão confusa.

— Olá — saudei com um sorriso. — É bom vê-lo novamente.

O garoto cruzou os braços, intrigado, e franziu o cenho.

— Oh, é você?! — Ele arqueou as sobrancelhas num arco perfeito.

Eu reconheci a linguagem corporal, a mesma que eu tinha passado a usar com minha ex-irmã: cruzar os braços e tentar proteger o coração com uma camada de músculos e ossos.

— Achei que tivesse ido embora.

Observei o ligeiro tremor na voz, embora ele tentasse aparentar descaso. Reconheci o tom melancólico da solidão, o mesmo que me acompanhou por quase um ano, enquanto eu fingia que não tinha irmã.

— Eu gostaria de ficar, se for possível. Posso...

Antes que pudesse terminar a frase, a porta da frente se abriu com estrondo e um homem apareceu na varanda. Alto e atlético, tinha o rosto vincado e o maxilar firme, que deixava entrever a sombra azulada da barba por fazer. Os cabelos eram negros como os do garoto, as sobrancelhas espessas e os olhos verdes, translúcidos, em contraste com a severidade da expressão. Era um homem bonito e extremamente atraente. Porém, para ver a beleza viril do rosto perfeito, era preciso atravessar a máscara de frieza e descaso que assustava quem quisesse se aproximar.

Parecia ser um homem castigado pela vida, e me identifiquei com ele no momento em que o vi. Eu também tinha passado a usar uma máscara de falsa indiferença desde que sofrerá a maior decepção que uma mulher pode ter.

Ele passou por mim como se eu fosse invisível e olhou para o garoto.

— O que está fazendo aqui, rapaz? Achei que iríamos cortar a grama juntos. — A voz era grave e profunda, suavizada pelo inconfundível sotaque irlandês.

— Eu vim pegar um refrigerante e a encontrei... — O menino apontou para mim. — Registrei esta moça ontem à noite no quarto 1A, como mamãe e eu fazíamos quando este lugar estava aberto... Antes de você aparecer.

O homem nem sequer se dignou a olhar para mim. Obviamente, não despertei nenhum interesse nele.

— Um hóspede, é? Bem, isso é ótimo!

O tom irônico que ele usou nas últimas palavras não deixou nenhuma dúvida. Ele não gostou nem um pouco de me ver ali. Entretanto, havia alguma coisa por trás do sarcasmo, talvez o timbre melodioso do sotaque irlandês, que atenuava a hostilidade.

— Sei que minha presença não era esperada — justifiquei com um sorriso hesitante. — Sinto muito. Eu cheguei aqui ontem à noite e gostaria de ficar alguns dias.

O homem se agachou para pegar o martelo e, mesmo com a distância entre nós, ouvi o suspiro de enfado.

— Eu sei que você não quer vender este lugar, Bobby, mas aceitarmos um hóspede não vai mudar nada.

— Você disse que queria vender a pousada porque ninguém ficava aqui! — o garoto, se apressou a dizer.

— Não foi o que eu disse.

— Eu adoro este lugar! — Bobby gritou, à beira das lágrimas. — E eu sei registrar os hóspedes. Mamãe me ensinou.

O homem pareceu diminuir de tamanho diante de mim.

— Está bem.

— Prometo que não vou causar problemas — garanti, sentindo um medo súbito.

Se eu tivesse de ir embora, teria de voltar para casa. Não queria ir para lá, ao menos, por enquanto. Stacey estaria esperando por mim. Teria de enfrentar o casamento dela e Thom, o bebê e meu coração partido.

— Será só por alguns dias. Por favor... — Quando percebi, estava suplicando. — Preciso de férias.

— Ela vai ficar, pai — Bobby determinou.

Pai e filho trocaram um olhar mortal, como se medissem forças, e compreendi que estava diante de duas pessoas que haviam se perdido ao longo do caminho.

— Sua convidada poderá ficar se não esperar nada de mim. Estou ocupado demais para cuidar de hóspedes — o homem declarou, mastigando as palavras

para deixar evidente seu desconforto.

Uma onda de gratidão me envolveu. Como fugitiva da vida real, eu necessitava de tempo e distância para elaborar minhas perdas. Podia ficar escondida naquele Paraíso secreto, longe o bastante de Stacey, Thom, bebês e casamentos, até que recuperasse o fôlego. Então, voltaria revigorada para casa e para os problemas.

— Muito, muito obrigada! — exclamei, sem saber ao certo como expressar minha gratidão. — Você não sabe o que isso significa para mim! Meu nome é Joy Candellaro.

— Eu sou Bobby. — O garoto se adiantou com um sorriso vitorioso. — Ele é Daniel.

Daniel... O nome combinava com ele. Apesar de continuar agindo como se eu fosse invisível, senti uma certa ternura por aquele homem.

— Venha, Bobby. Preciso da sua ajuda para podar as árvores à beira do lago. Sua mãe deixou este lugar se transformar num caos!

O garoto seguiu o pai com relutância. Quando se afastaram, olhou para trás e sorriu, como se quisesse se certificar de que eu ainda estava lá.

Depois que eles partiram, o vazio me incomodou. Lembrei-me de que eram minhas primeiras férias em anos, e eu estava num lugar exótico e selvagem, como sempre sonhara. Embora o começo da aventura não fosse dos melhores, eu fora abençoada com uma dádiva divina.

Havia chegado o momento de me livrar da bagagem que pesara sobre meus ombros durante o último ano. Não tinha como saber quanto tempo eu poderia ficar na pousada, e decidi tirar proveito de todos os minutos, sem chorar, lastimar-me nem insistir em ficar mergulhada no poço de autopiedade em que me encontrava.

Ali, naquele santuário selvagem, voltaria a ser Joy Faith Candellaro, a mulher que acreditava no amor, no casamento e em contos de fada.

Porém, antes de partir para o mundo de aventuras sem fim, eu precisava comer. Encontrei a cozinha sem dificuldade, ao lado da sala de jantar anexa ao saguão. Grande e iluminada por janelas amplas com vista para a floresta, o ambiente antiquado e impecavelmente limpo me fez lembrar da cozinha de minha mãe. Os armários e gabinetes de madeira polida, o mármore branco da pia, o velho fogão de ágata... Era como se tivesse transposto um portal para outro mundo.

O aroma de café fresco me deu água na boca. Enchi uma caneca e fechei os olhos ao saborear o paladar rico. Aquele foi o melhor café da minha vida!

Passava das dez da manhã, e como não sabia a que horas seria o almoço, nem ao menos se teria chance de almoçar, servi-me de pão e queijo que encontrei na geladeira. Plenamente saciada, voltei à recepção e abri uma gaveta à procura de caneta e papel. Achei um bloco escondido entre cartões, cliques de papel, recibos de lojas e panfletos de viagem. No fundo, havia um DVD ainda na embalagem. Os Meninos Perdidos, o mesmo filme que eu comprara uma semana atrás, numa

promoção.

Então, Daniel e eu tínhamos a mesma preferência por filmes bizarros. Sorrindo diante daquela inesperada afinidade, anotei no bloco tudo que havia consumido no desjejum para pagar ao término da minha permanência. Felizmente, havia bancos computadorizados. Não levaria cinco minutos para que sacasse dinheiro vivo, mesmo no meio do nada. Pensei em ir à cidade ao entardecer. Porém, antes disso, queria explorar o local onde eu havia pousado sem querer.

Ajeitei a alça da câmera fotográfica no ombro e saí. As pesadas botas de inverno não eram as mais adequadas para se caminhar. Contudo, considerei-me afortunada por estar com os dois pés do calçado. Mais tarde, quando fosse à cidade, talvez pudesse comprar outra calça jeans, camisetas e um par de tênis.

A luz radiante do dia me saudou assim que saí à varanda. Fiquei encantada com aquele paraíso selvagem, isolado do mundo. Mesmo com o sol quente da manhã, a relva e a terra estavam úmidas. As folhas viçosas da vegetação exuberante gotejavam o orvalho da noite. Tudo parecia em equilíbrio perfeito com a natureza.

Inalei o ar úmido como um viajante que encontra um oásis no deserto. Aquele era um mundo envolto por névoa e umidade. Isso fazia com que a beleza original o tomasse único.

Reprimi o ímpeto de fotografar tudo o que via, já que não sabia quando teria oportunidade de comprar filme para a máquina. A procura da fotografia perfeita, caminhei para o lago e preendi a respiração ante o cenário de sonho que se descortinava diante de mim.

A superfície azulada refletia as nuvens como um espelho gigantesco. Através da água cristalina, podia-se ver o fundo, forrado de pedregulhos roliços que pareciam ter sido polidos um a um. A brisa acariciava a superfície da água, provocando uma ondulação quase imperceptível.

Deslumbrada, não resisti e tirei três fotografias de ângulos diferentes. Talvez pudesse colocá-las numa moldura na sala de estar, quando voltasse para casa. Assim, poderia me consolar por ter estado num paraíso ao menos uma vez na vida.

Olhei ao redor e não avistei nenhuma outra casa às margens do lago. Havia apenas a floresta nativa, pulsando com vida própria. Nunca tinha visto nada tão majestoso antes.

Virei-me e analisei o chalé. Visto de longe, era ainda mais imponente. De acordo com o artigo da revista, a construção datava de mais de sessenta anos. Na fotografia, havia crianças brincando no gramado, casais sentados na varanda e caiaques atracados ao deque, muito diferente da visão que eu tinha naquele momento.

Pelo restante do dia, perambulei pelas cabanas de madeira que ocupavam o terreno aos fundos da pousada. As seis construções eram idênticas, com sala,

lareira, quarto, cozinha e banheiro. Assim como a pousada, os telhados eram recobertos de musgo. Precisavam de cuidados, mas não havia dúvida de que eram pitorescas. Com uma pequena reforma e uma boa faxina, estariam prontas para acolher os hóspedes. As janelas antigas, com vidros ondulados e puxadores de cobre, permaneciam intactas. Porém, o piso de madeira e as paredes internas, feitas de troncos, precisavam de reparos.

Ao entardecer, fui para o deque e me sentei no banco de madeira diante do lago. Perdida em divagações, imaginei como teria sido aquele lugar em seus tempos de glória.

Tempos atrás, talvez dez ou doze anos, eu sonhava em ter uma pousada. Colecionei dúzias de livros e centenas de artigos sobre hospedarias e hotelaria. Por um segundo, fantasiei como seria se eu comprasse o Chalé do Conforto. Quase podia me ver fazendo a faxina das cabanas, cobrindo as camas de ferro com acolchoados fofos e perfumados, colocando toalhas limpas nas gavetas das cómodas...

Na certa, instalaria banheiras em todas as cabanas, decidi.

Então, pensei no arquivo em minha garagem, com os sonhos de uma vida relegados ao esquecimento. Eu não deveria ter deixado Thom banir meus sonhos para a garagem. Na ocasião não sabia, mas já era o começo do fim. E o mais engraçado era que no dia anterior, tal noção me faria chorar. No entanto, eu estava sorrindo. Voltara a sonhar novamente, pela primeira vez em anos, e me senti bem por ter resgatado tal possibilidade.

Um ruído se intrometeu em meus pensamentos. Virei-me lentamente e esquadrinhei os arredores. Daniel estava no telhado, martelando as telhas num ritmo enérgico. O som ecoava solitário e monótono em meio à serenidade ao meu redor. Sem que ele soubesse, fiquei observando-o por um longo tempo, enquanto ele trabalhava como uma máquina, ou como um homem numa missão de vida ou morte.

Receando que descobrisse meu interesse, pus-me a caminhar, chutando as pedrinhas arredondadas ao longo da margem do lago. O musgo tomava conta de tudo, como se aquela fosse uma terra que o tempo esquecera.

Havia me afastado do deque e entrara na floresta quando ouvi o balbuciar de uma criança.

— Não sei — dizia, com voz trêmula. — Talvez...

Segui o som e avistei Bobby sentado nas raízes proeminentes de uma árvore frondosa. A luz do entardecer penetrava pela folhagem espessa, refletindo raios avermelhados nos cabelos negros. Ele parecia ainda menor em contraste com a majestade da floresta.

— Ainda não... — ele pediu a ninguém. — Não vá embora!

Identifiquei o medo escondido nas palavras e me aproximei com cautela.

— Bobby?

Ele se encolheu ao som da minha voz, embora não se virasse para me fitar. Cheguei mais perto e fiz menção de me sentar diante dele.

— Não! — Ele ergueu as mãos, assustado. — Você quase se sentou em cima dela!

Alguma coisa naquele gesto fez meu sangue congelar nas veias.

— Bobby? Posso me sentar aqui? — sussurrei, escolhendo outra raiz para me acomodar.

— Sente-se onde você quiser. Ela foi embora.

Ele não parecia ser o mesmo menino que desafiara o pai naquela manhã. A expressão do rostinho adorável revelava a mais profunda tristeza e desamparo.

— Você está bem, Bobby?

— Sim, estou ótimo.

— Não é o que parece — retorqui com suavidade. — Não quer falar a respeito?

— Não. Você também vai pensar que eu estou louco.

— Por que eu pensaria isso?

— É o que todos pensam. — Finalmente, ele ergueu o rosto e olhou para mim. — Eles não acreditam que eu vejo ela.

— Vê... quem?

— Minha mãe — Bobby levou um momento para revelar. — Ela está morta.

Um calafrio percorreu meu corpo, como se eu tivesse nadado por muito tempo em águas geladas.

— Era com ela que você estava falando quando cheguei?

Ele acenou com a cabeça.

— Mas eu não estou louco. Eu sei que ela está no céu. Só que, às vezes, ela vem me visitar. Papai acha que é imaginação minha, assim como o sr. Patches.

— O sr. Patches era um amigo imaginário seu?

Ele assentiu com um murmúrio tristonho.

— Era, quando eu tinha quatro anos. Agora, não sou mais criança. Não estou imaginando minha mãe!

Lembrei-me da explosão do avião, quando fui arremessada para longe e perdi os sentidos. Eu vira minha mãe. A visão era tão nítida que acreditei ser verdadeira, e eu sou adulta. Um menino de oito anos de idade jamais poderia compreender os truques da nossa mente para nos defender do medo e da solidão.

— Bem, eu também vi minha mãe outro dia, e ela morreu já faz dez anos.

— É mesmo? — Ele arregalou os olhos, surpreso. Acenei com veemência e inclinei o corpo para a frente.

— Além disso, eu falo com ela o tempo todo.

Bobby pareceu considerar, e franziu o cenho com curiosidade.

— E ela responde?

Pensei a respeito. Em algumas ocasiões, raras e memoráveis, eu podia sentir a presença dela.

— Sim, de certo modo. Na verdade, acho que adivinho o que ela responderia. Bobby desviou os olhos e retirou um punhado de soldadinhos de brinquedo do bolso. Alinhou-os no chão e começou a simular uma batalha sangrenta.

— Ele ficou feliz por ela ter morrido — comentou em meio à brincadeira.

— Quem é ele?

— Meu pai.

Relanceei o olhar na direção da pousada, mas não consegui ver Daniel trabalhando no telhado.

— Agora, tenho de fingir que gosto dele.

— O que você quer dizer? — perguntei em tom neutro, tentando não demonstrar o quanto estava chocada com a revelação.

— Mãe e ele se divorciaram quando eu tinha quatro anos. Eu nem me lembrava dele. Agora, está aqui só porque ela morreu.

Quatro anos... A mesma idade em que o sr. Patches, o amigo imaginário, havia surgido. Tive aulas de Psicologia o suficiente para fazer a conexão óbvia.

Ponderei com cuidado sobre o que dizer. Aquele menino triste e solitário estava expondo o coração, e eu não podia arruinar tudo com um comentário inadequado.

— Bem, seu pai está aqui, não é? — falei por fim, rezando para que tivesse escolhido as palavras certas.

Bobby esfregou os olhos, envergonhado por externar as emoções. Mas eu sabia como ele se sentia. Estava com oito anos quando meu pai nos abandonou. Esperei por muito tempo que ele voltasse.

Deslizei para a frente e me agachei diante de Bobby.

— Não me importo se você chorar — murmurei.

— É o que os adultos dizem, mas não é verdade — ele retrucou com aspereza. — Arnie Holtzner diz que só os bebês choram. E agora, todo mundo me chama de Bebê Chorão na escola!

— Arnie Holtzner é um idiota! — exclamei, sem conter o impulso. — Aposto que ele não terá amigos por muito tempo.

Bobby ficou chocado por alguns segundos, e um sorriso hesitante curvou os lábios rosados.

— Você chamou Arnie de um nome feio.

— E posso pensar em nomes piores do que "idiota", acredite.

Ele me encarou, tentando reprimir o riso.

— Quer brincar de guerra? — convidou, com um brilho de esperança nos olhos.

— É claro que sim! — exclamei, surpresa por sorrir.

Eu quase ri, na realidade. Ali, naquela floresta virgem, a centenas de milhas de casa, eu me perdi e, de alguma maneira, me encontrei.

Naquela noite, embora tivesse adormecido facilmente, acordei suando frio,

incapaz de tomar fôlego. Cenas do acidente desfilavam repetidamente na minha cabeça, como um filme de terror. Eu quase podia sentir o cheiro sufocante da fumaça.

Obriguei-me a relaxar e a pegar no sono, mas foi impossível. A dor de cabeça voltara com intensidade redobrada, assim como no peito.

Porém, apesar de alguns hematomas e arranhões nos joelhos e pés, eu não tinha nenhum ferimento grave.

A dor física era o de menos. O que me atormentava era o fantasma de um coração partido, uma dor com a qual passei a conviver desde o dia em que cheguei em casa inesperadamente e encontrei Stacey e Thom juntos na minha cama.

Afastei as cobertas e me levantei, desistindo de dormir.

Abri a janela e me deparei com o nascer do sol, um espetáculo inesquecível. Os primeiros raios rosados invadiam o céu pálido e se refletiam na superfície espelhada do lago, como numa pintura inspirada de um artista primoroso.

Tomei um banho rápido e vesti as roupas que havia lavado na noite anterior e deixado diante do aquecedor elétrico para secarem. Peguei a máquina fotográfica e saí do quarto, torcendo para que ainda desse tempo de registrar o nascer do sol.

A meio caminho para o saguão, ouvi o timbre macio da voz de Daniel. Perscrutei o salão e o avistei parado junto à janela, olhando para o lago. Os cabelos negros em desalinho indicavam que ele tinha acabado de sair da cama.

Avancei dois passos e estiquei o pescoço para tentar ver o mesmo que ele.

Bobby estava do lado de fora, perto do lago, e gesticulava como se estivesse conversando com alguém. Porém, não havia ninguém por perto.

— Que Deus nos ajude — Daniel sussurrou numa prece pungente. Percebi pela primeira vez que havia uma estranha ligação entre eles. Praguejando, Daniel marchou para fora da casa e seguiu na direção do lago.

Aproximei-me da janela, mas de onde eu estava, não conseguia ouvi-los. Já que estava bisbilhotando, tinha de fazer da forma correta, decidi. Não havia nenhuma nobreza na minha ação, nada além de curiosidade, mas não pude resistir.

Saí para a varanda e deslizei para trás de um imenso arbusto de rododendros.

— Droga, Bobby! Achei que nós tínhamos concordado com isso!

Daniel passou a mão pelos cabelos, exasperado.

— Você não pode me impedir de falar com ela!

— Vamos ver o padre James amanhã — Daniel determinou. — Ele...

— Não quero ver o padre James!

Bobby passou pelo pai e correu para os fundos do chalé. As lágrimas o impediram de me ver.

Daniel permaneceu parado por muito tempo, olhando para o lago. Fiquei encurralada pela presença dele. Não podia sair do meu esconderijo sem o risco

de ser vista.

Por fim, ele se virou e voltou para o chalé, murmurando baixinho alguma coisa incompreensível. Assim que entrou, bateu a porta com força atrás de si.

Fiquei onde estava, assistindo ao alvorecer, um espetáculo indescritível proporcionado pela natureza. O céu se tingiu de camadas de cor, alternando fúcsia, lavanda, alaranjado e amarelo.

Segurei a câmera com firmeza e encontrei o ângulo perfeito. Deveria ter ficado feliz com isso, mas não senti alegria. O que me preocupava naquele momento não podia ser posto em foco ou emoldurado num ângulo perfeito.

Bobby e Daniel estavam com problemas. Eles naufragavam num mar de águas escuras, perdidos um do outro. Alguém precisava oferecer-lhes uma tábua de salvação.

CAPÍTULO III

De volta à cozinha, encontrei uma jarra de café e um prato de rosquinhas recheadas de geleia de amora, minhas favoritas. Enchi uma caneca com uma dose generosa e peguei dois bolinhos, os mais deliciosos que já provei na vida.

Anotei tudo o que havia consumido no bloco de notas e saí à procura da fotografia perfeita. Não aceitaria nada menos que isso.

O amanhecer róseo havia dado lugar a um céu acinzentado, de tempo incerto. Mais adiante, na estrada, nuvens pesadas anunciavam chuva iminente. Porém, na região do lago, o sol ainda brilhava.

Tomei a trilha paralela à floresta e inalei a névoa densa que pairava no ar. O canto de pássaros, com diferentes gorjeios e trinados, me acompanhava a cada passo que eu dava. Cheguei a uma espécie do parque infantil rústico, com dois balanços e uma gangorra feitos a mão.

Adorava brincar no balanço quando era criança. Stacey e eu apostávamos quem chegaria mais alto, e ela sempre ganhava. Ajeitei a alça da máquina fotográfica no ombro e me acomodei num dos acentos de couro preto. Impulsionei os pés mais e mais, até que estivesse voando nas alturas. O céu de carvão encheu minha visão e ri alto, usufruindo a liberdade.

— Adultos não brincam nos balanços.

Fiquei os pés no chão ao ouvir a voz de Bobby, parado ao lado da viga de sustentação do brinquedo. Os olhos claros estavam avermelhados pelo pranto. Senti um desejo quase opressivo de tomá-lo em meus braços e segurá-lo no colo.

— Adultos não brincam, é? Quem disse isso?

Bobby franziu a testa e me encarou, indeciso.

— Quer apostar quem chega mais alto? — convidei, voltando a impulsionar os pés no chão.

Ele esboçou um sorriso e se sentou no outro balanço.

— Tenho medo de altura — confessou, evitando me encarar. Fiquei sem saber o que dizer, e apenas assenti.

— Puxa, este balanço é o máximo! — comentei com sinceridade. — Alguém trabalhou duro para construí-lo.

— Foi meu pai, muito tempo atrás.

Balançamos juntos, sem ganhar altura, lado a lado, enquanto as nuvens se fundiam e se dispersavam acima de nós.

— Está vendo aquela nuvem? — Aponte para cima, indicando a mais densa e fofa. — O que você acha que parece?

Bobby estudou-a durante algum tempo, em silêncio.

— Minha mãe. Ela tinha cabelos cheios assim.

— Eu acho que parece um... hum... um Zipperumpa-zoo.

— Um o quê?

— Você nunca ouviu falar do professor Wormbog e sua busca pelo Zipperumpa-zoo?

Bobby balançou a cabeça solenemente.

— Oh, meu Deus! Acho que terei de lhe contar a história qualquer dia desses.

— Você promete? — ele pediu, excitado.

— Eu juro! — afirmei, erguendo a mão direita.

Ele sorriu e flexionou as pernas, ganhando mais altura do que no começo da brincadeira.

— E aquela outra? — Indicou o céu com o dedinho roliço. — Não parece uma bengala?

— Ou um pedaço de torta de creme... — sugeri quando a nuvem se dispersou.

— Ou o chapéu do Gandalf.

Nós dois rimos e impulsionamos os pés, chegando tão alto que fiquei sem fôlego. Ao menos, Bobby havia superado o medo de altura, embora parecesse não se dar conta disso.

— Talvez esteja na hora de lhe contar aquela história — sugeri, diminuindo o ritmo. — Podemos nos sentar na relva.

— Não posso — ele lamentou com uma careta. — Tenho de ir à reunião do grupo de crianças na igreja.

— É tão ruim assim?

— Arnie Holtzner também vai. E o padre James sempre tenta falar comigo sobre minha mãe. Ele acha que vou me sentir melhor se rezar. Como se funcionasse!

Eu me virei para encará-lo.

— E não funciona?

— É claro que não! Foi Deus quem levou ela embora, não foi?

Reconheci a emoção, e meu carinho por aquele menino se consolidou definitivamente.

— Então, você está bravo com Deus?

— Não... Só não quero ser obrigado a rezar.

As nuvens se fecharam sobre nós e, antes que tivéssemos tempo de correr, começou a gotejar.

Quando chegamos à varanda, minhas roupas estavam encharcadas.

— Oh, não! — murmurei, tentando em vão secar os vestígios da água respingada no suéter. — Não tenho outra roupa para trocar! Tenho de ir à cidade fazer compras.

— Tem uma pilha de roupas no armário do seu quarto — Bobby informou, solícito. — Estão limpas e passadas. Mamãe costumava guardar as peças de roupa que os hóspedes esqueciam, caso voltassem para apanhá-las, mas isso nunca aconteceu. Você pode ficar com elas, se não se importar em vestir roupas usadas.

— É mesmo? — Arregalei os olhos com esperança.

— Claro que sim. Ainda devem estar lá, se meu pai não jogou fora. Ele mal pode esperar para se livrar de tudo que tem neste lugar!

Corri para meu quarto, abri o armário, e lá estava: uma caixa de papelão marcada com "Perdidos e Achados" numa caligrafia perfeita.

A caixa continha um amontoado de peças de vários tipos e tamanhos, cuidadosamente dobradas. Depois de uma procura completa, escolhi uma saia de lã com elástico na cintura que quase encobria meus tornozelos, um suéter de tricô feito à mão, cor de marfim, e meias de lã preta que chegavam à altura dos joelhos.

Quando voltei ao salão com trajes do meu novo guarda-roupa, Bobby me esperava com ansiedade.

— Quer continuar a brincar? — convidou com um sorriso encantador.

— Eu pensei que você fosse à reunião na igreja...

— É só depois do almoço. Papai quer terminar a pintura da escada. Ele diz que tem de deixar tudo arrumado para vender a pousada por um preço melhor. Vamos nos mudar para Boston. Meus avós, pais dele, moram lá.

— Hum... — Sentei-me no tapete ao lado dele. — Você não gosta de Boston?

— Eu gosto daqui.

— E você disse ao seu pai que não quer se mudar?

— Como se ele me escutasse! — Bobby desdenhou, erguendo os ombros.

— Bem, talvez ele não saiba que você quer ficar. Deveria tentar falar com ele.

Quase ri da minha própria hipocrisia. Eu, que fugi de Stacey e me recusei a ouvi-la, estava dando conselhos sobre como se comunicar!

— Meus pais se separaram quando eu tinha a sua idade — comentei, deixando a autocensura de lado. — Fiquei com minha mãe e minha irmã mais nova. Meu pai simplesmente desapareceu. Nunca mais o vi.

— Você tem sorte.

Eu o encarei com seriedade.

— Você acha mesmo?

Ele franziu a testa com uma carranca. Por um segundo, achei que fosse dizer algo. Em vez disso, Bobby se levantou e caminhou para perto da lareira. Apanhou uma caixa de papelão e retirou alguns bonecos do interior, dentre eles, Gandalf e Samwise, personagens do filme O Senhor dos Anéis.

— Vamos brincar? — pediu com súplica no olhar, e percebi que não queria falar sobre sentimentos.

— Claro. Por acaso, você tem o Frodo?

— Tenho, sim! — Ele se animou e retirou o personagem principal da trama fictícia. — Vamos fingir que ele está usando o anel.

Bobby e eu passamos a manhã toda no saguão, viajando pelo mundo da fantasia. Fazia muito tempo que não me divertia tanto. Falar sobre coisas que não

importam, rir e fantasiar era tudo o que eu precisava.

Por volta do meio-dia, Daniel desceu a escada e passou por nós com a lata de tinta e um rolo de pintura.

— Venha, Bobby. Está na hora de irmos para a cidade.

— Não quero ir.

— Azar seu. Venha logo! — Daniel abriu a porta da frente e colocou o material de pintura na varanda. — Vamos, rapaz. Almoçaremos na cidade.

— Joy pode...

— Não! — ele interrompeu o filho em tom decisivo.

— Está vindo? — Bobby resmungou para mim ao se levantar. — Já estou indo, imperador!

Tive de me conter para não rir da provocação. Eu chamava meu pai de coisas bem piores do que "imperador" quando tinha a idade de Bobby.

— Até logo, rapazes. — Acenei em despedida, sem me levantar do chão.

— Até mais tarde. — Bobby olhou para trás, com expressão de quem caminhava para a forca. — Você pode continuar brincando, se quiser.

— Obrigada, mas prefiro esperar por você.

Daniel empurrou o filho porta afora. Minutos depois, ouvi o ronco do motor se afastando e o silêncio voltou a reinar.

Fiquei pensando no que fazer a seguir. Poderia caminhar até a cidade para comprar roupas e filme para a máquina, comer alguma coisa, dar um passeio pelo bosque, pegar um caiaque emprestado para dar uma volta no lago e até mesmo dormir. Na noite anterior, os pesadelos tinham atrapalhado meu sono, e despertei com a sensação de que estava mais cansada do que quando me deitei.

Deixando-me levar pela onda morna da preguiça, estirei-me sobre o tapete felpudo e fechei os olhos. O calor do fogo na lareira contribuiu para minha deliciosa lassidão, e fui embalada pelos ruídos da natureza que pulsavam do lado de fora.

De repente, eu estava num colchão de ar, flutuando no lago Curran. Os raios de sol me aqueciam. Quando tentei abrir os olhos, senti dor. Pressenti a presença de pessoas ao redor de mim, espirrando água para todos os lados. Em meio ao burburinho alegre, a voz de minha irmã era a mais constante:

— Eu sinto muito.

A frase se repetia sem parar, aumentando em volume e intensidade. Sabia que ela queria que eu abrisse os olhos, estendesse a mão e lhe dissesse que estava tudo bem.

Porém, nada estava bem. Ela havia despedaçado meu coração.

Ouvi minha mãe pedindo para eu acordar. Tive certeza de que ela também queria que eu perdoasse Stacey. Quis explicar-lhe que Stacey não merecia perdão, mas uma correnteza me arrastou para longe.

De súbito, eu estava em mar aberto, sozinha e apavorada.

— Não pode ser verdade!

A frase me fez estremecer. Com esforço, abri os olhos, esperando ver a água do mar e o céu azul luminoso. Em vez disso, deparei-me com o tapete cor de areia e o fogo crepitando na lareira.

Havia adormecido no chão da sala de estar da pousada. Pestanejei e me ergui sonolenta. Daniel estava por trás do balcão da entrada, falando ao telefone.

— O que quer dizer com "uma briga"?

Fiquei imóvel e atenta, começando a me preocupar.

— Ele tem oito anos de idade! — Ele praguejou em voz baixa, furioso. — Sinto muito, padre. E o senhor pensa que não estou tentando? Agora, Deus é o inimigo dele. Deus e eu, é claro.

Levantei-me devagar e parei ao lado da lareira. Daniel não notara minha presença, e pensei em sair discretamente antes que me visse. Se ele já não era nada amável comigo, passaria a me odiar se achasse que eu gostava de bisbilhotar.

O problema era que meus pés se recusavam a obedecer. A expressão no rosto daquele homem me tocou profundamente. Ele parecia tão...

Não encontrei a definição certa, Não estava furioso, nem aborrecido. Estava magoado.

— Está bem — ele disse depois de uma pausa. — Eu vou buscá-lo.

Ele desligou o telefone, praguejou em voz baixa e passou a mão pelos cabelos, num gesto desesperado. Foi então que se virou e deparou-se comigo, congelada no lugar, encarando-o.

— Sinto muito — balbuciei. — Eu não pretendia ouvir a conversa.

— Isso era tudo que eu precisava! — foi a resposta hostil.

— Eu já disse, não pretendia ouvir! — Endureci o tom e o encarei. — Adormeci no tapete e acordei com você falando ao telefone.

O olhar de Daniel me atravessou para se focar nas fotografias penduradas na parede da lareira. Estudou-as por alguns minutos e, com outra maldição, ele saiu do chalé e bateu a porta com estrondo.

O ronco do motor ecoou do lado de fora, e somente me movi quando tive certeza de que ele estava longe.

Observei as fotografias que haviam despertado a atenção de Daniel. Sorri ao ver a imagem de Bobby ainda bebê, enrolado numa manta azul. Daniel o segurava no colo, sorridente, ao lado de uma mulher bonita, de cabelos escuros. Não havia nenhuma dúvida de que se amavam.

Não era para menos que Daniel se mostrava rude comigo. O relacionamento entre ele e Bobby já era difícil o bastante sem um espectador intruso.

Na meia hora seguinte, ocupei-me em preparar uma omelete, almoçar e lavar a louça.

O fogo havia enfraquecido quando retornei ao saguão, extinguindo-se em faíscas.

Parei diante das brasas e estendi a mão para aquecê-las, e a porta da frente se abriu de súbito. Bobby entrou primeiro, abatido e envergonhado.

— Olá, Joy. Meu pai me proibiu de chegar perto do meu videogame por dois dias. E não fui eu que comecei a briga!

Daniel chegou logo a seguir e se sentou na poltrona em frente à lareira. A julgar pelo olhar que lançava a Bobby, ele ficara tão arrasado quanto o filho pela briga. No entanto, não estava bravo. Vi apenas tristeza nos olhos dele.

— Esse é um assunto de família — pontuou com rispidez. — Não fale com ela. Fale comigo!

Cale-se, Joy, ordenei secretamente.

Mas não consegui. Daniel estivera fora da vida do filho muitos anos. Ele não acompanhara o desenvolvimento de Bobby e talvez não soubesse como lidar com crianças.

— É com um crianças brigarem — eu disse com a maior suavidade possível. — Trabalho numa escola secundária e, acredite, sei como são.

— Mas meu pai não sabe.

Bobby se moveu por instinto para mais perto de mim quando Daniel o encarou soltando chispas pelos olhos.

— O que eu não sei?! — rosnou, com o maxilar apertado.

— Você não sabe como é apanhar de uma criança maior e mais forte. Aposto que nunca se machucou numa briga.

O tremor na voz de Bobby denunciava o quanto ele se ressentia por decepcionar o pai.

Para minha surpresa, Daniel sorriu.

— Quando eu era criança, em Dublin, consegui muitas cicatrizes.

— É mesmo?

— Sim. Eu tive meu traseiro chutado muitas vezes. Meu pai ia me apanhar na diretoria da escola com frequência. Ele dizia que não queria um filho que fosse o "queridinho da mamãe". — O sorriso desapareceu. — Não há nada errado em ser o "queridinho da mamãe", Bobby. Ela o amava muito.

— Eu sei — ele balbuciou com lágrimas nos olhos.

— Mas ela não gostaria de saber que você brigou na igreja.

Senti a urgência incontável de oferecer algum conselho mágico que os reunisse, mas sabia que não era da minha conta. Por um longo tempo, permanecemos em silêncio absoluto, até que Daniel se pôs de pé.

— Vou voltar ao trabalho. Ninguém vai comprar essa pousada nas condições em que se encontra. Você vem comigo?

— Não. Vou mostrar minhas pontas de flecha para Joy.

Uma onda de irritação flamejou nos olhos de Daniel.

— Ótimo. Trabalharei sozinho.

Sem olhar para trás, ele subiu os degraus e desapareceu. Assim que ficamos a

sós, eu encarei Bobby.

— Você não é nada gentil com seu pai.

— Ele também não é gentil comigo. — Afastou uma mecha de cabelos da testa e revelou a contusão arroxeadada sobre a pálpebra. — Ele ficou furioso por eu brigar, mas não perguntou de quem era a culpa.

Tive o impulso de abraçá-lo, mas Bobby não demonstrava estar pronto para ser confortado.

— O outro menino também se machucou? — perguntei com cuidado.

— Eu apanhei, se é o que quer saber — Bobby anunciou, contrafeito. — Eu queria matá-lo! Estava furioso.

— O que aconteceu?

Os ombros dele se resignaram em derrota.

— Arnie Holtzner me esmurrou.

— O idiota? Por quê?

— Porque eu sou um Bebê Chorão.

— Você não é nenhum Bebê Chorão, Bobby. Você é um menino muito valente.

— Estendi a mão para tocá-lo no queixo, e ele recuou. — Conte-me o que aconteceu.

— Nós tínhamos de fazer bolas de algodão para enfeitar a árvore de Natal e eu disse que não queria. Arnie perguntou por quê, e respondi que aqueles enfeites eram estúpidos. Ele disse que estúpido era eu. Então, eu o esmurrei, e ele revidou, só que com mais força.

Tive vontade de dizer que Arnie merecia uma surra bem dada, mas me contive.

— Por que você não queria fazer os enfeites?

— Porque não tem nenhuma árvore na pousada este ano. — A voz soou embargada pela emoção. — Minha mãe nunca se esquecia do Natal.

Mantive minha boca fechada, mas quando olhei para aquela adorável criança, fui movida por uma força que não podia ser contida.

— Nunca se sabe, Bobby. O Natal é cheio de magia...

Durante o resto da tarde, Bobby e eu jogamos dominó e assistimos a um filme. Enquanto isso, Daniel trabalhava no andar de cima, martelando, lixando e pintando. Eu disse a mim mesma para ficar fora daquela história, mas meu próprio conselho soou vazio e sem sentido. Aqueles dois precisavam de ajuda. Além de tudo, era Natal. Eu podia ter perdido meu espírito natalino, mas era doloroso ver acontecer a mesma coisa com um menino de oito anos. Ademais, aquela era a minha primeira aventura real. Que tipo de aventureira ignorava a necessidade dos outros?

— Vamos jogar de novo? — Bobby convidou, puxando a caixa do dominó.

— Estou cansada de jogar. Que tal se fizessemos outra coisa?

— Já sei o que podemos fazer!

Ele correu escada acima e, momentos depois, voltou com um jarro de barro.

— Esta é a minha coleção — anunciou, espalhando uma infinidade de pedrinhas sobre o tapete.

Várias pontas de flecha se misturavam aos pedacinhos de rocha coloridos, assim como cacos de vidro e carcaças de caramujos. Ajoelhei-me ao lado dele e passei os olhos pela coleção. Bobby pegou item por item, e por trás de cada um, havia uma história.

— Mamãe encontrou esta aqui no lago. Aquela estava na praia, escondida debaixo de um tronco caído, Eu achei esta sozinho.

Quando ele acabou, inclinou o corpo para trás e se sentou sobre os saltos dos sapatos.

— Ela sempre dizia que, um dia, acharíamos uma ponta de flecha branca.

— Sua mãe?

— Sim. Ela dizia que eram as mais raras, e que quem encontrasse uma teria sorte para sempre.

Comovi-me com a profunda tristeza na expressão de Bobby, e mudei de assunto.

— O que significa aquele níquel dentro do jarro?

— Nada.

Ele lançou um olhar de desdém para a moeda antiga. Definitivamente, havia algum sentido oculto dentro do "nada".

— Sério? Não há nenhuma razão para estar ali? — Balancei a cabeça de um lado para outro. — É curioso... O que uma moeda antiga estaria fazendo junto com outras coisas tão especiais?

Ele estendeu os dedinhos e alcançou o níquel.

— Papai me deu quando estávamos na feira da cidade. Ele comprou um gorro de neve para mim e deixou que eu ficasse com o troco.

— Ah... E aquele botão azul?

Quando Bobby respondeu, sua voz era macia e saudosa.

— É da camisa de trabalho dele. Caiu quando nós estávamos voando no helicóptero da empresa onde meu pai trabalhava. Ele era advogado de uma firma importante em Boston. Era um homem rico antes de vir para cá.

Bobby lançou o níquel no jarro e começou a guardar os objetos da coleção. Acariciei os cabelos sedosos, e ele estava tão concentrado no que fazia que pareceu não ter notado o toque.

Aquela pobre criança, sozinha e perdida, despertou lágrimas em meu coração.

— Quer que eu conte uma história para você? — sugeri.

— Oba! — Bobby exclamou, apressando-se em terminar de guardar as peças.

— Acho que você não tem o livro Professor Wormbog e Sua Busca pelo Zipperumpa-Zoo, não é?

— Não, mas tenho uns que minha mãe costumava ler para mim.

Ele correu escada acima e ouvi passos apressados e portas batendo. Bobby

retornou minutos depois carregando três volumes.

— Encontrei! — gritou com um sorriso de triunfo. Sentei-me no sofá e ele se acomodou perto de mim, estendendo um livro azul com uma capa linda de A Bela e a Fera. Abri na primeira página e comecei a ler com solenidade:

— Era uma vez, numa terra distante, um magnífico reino em que quase tudo era perfeito...

A história nos transportou para um lugar mágico. Nos últimos anos, meu trabalho se focalizara cada vez mais em computadores e tecnologia. Eu havia me esquecido do prazer da leitura de um livro e, especialmente, da satisfação em compartilhar a magia da literatura infantil com uma criança.

Quando terminei e fechei o livro, Bobby estava sorrindo para mim.

— Conte mais uma história? — pediu, com os olhos brilhantes de expectativa.

Peguei o volume mais fino, um livro infantil com gravuras e algumas frases em letras grandes, e estendi para ele.

— Agora é a sua vez.

O sorriso se desmanchou nos lábios dele.

— Eu não sei ler.

— Ora, é claro que sabe! — insisti. — Venha.

Abri o livro e li o primeiro parágrafo, que ocupava a página toda. Esperei que ele prosseguisse, e quando o silêncio se tornou muito longo, Bobby me encarou.

— Você não vai continuar? — perguntou com expressão contrariada.

— É a sua vez de ler.

— Você é surda? Eu não sei ler!

Franzi o cenho com uma carranca, e seu queixo tremeu ligeiramente.

— Tente. Leia só a primeira palavra. Por favor.

Reprimi o sorriso ao ver a rendição nos olhos de Bobby. Ele pegou o livro, apoiou-o nos joelhos e deu uma tossidela. Encarou o texto por um longo tempo, e esperei com paciência, até que ele balançou a cabeça com força.

— Não consigo! — Virou o rosto para mim, com expressão consternada. — Arnie disse que eu sou burro.

— Você consegue, Bobby! Não tenha medo. Eu ajudarei. — Sorri com cumplicidade. — E você sabe o que penso de Arnie.

Lentamente, ele pousou o dedo sobre a primeira palavra e começou a ler sílaba por sílaba, hesitante. Ofereci um pouco de ajuda e muito estímulo até que conseguisse ler a sentença toda. Bobby virou a folha, e, aos poucos, envolveu-se com a história e deixou de se preocupar com as palavras.

— Viu só?! — exclamei quando ele terminou. — Você leu o livro inteiro!

Ele assentiu com um sorriso que se transformou numa risada.

— Não foi tão difícil como você pensava, não é?

— Não, mas este livro é para bebês.

— E daí? O que importa é provar que você sabe ler.

— Meu professor acha que preciso de um professor particular. — Ele gemeu, humilhado. — Arnie disse que só os meninos burros precisam de professor particular.

Mais uma vez, senti vontade de dar uma boa lição naquele tal de Arnie!

— Ouça, Bobby, eu trabalho numa biblioteca e ajudo as crianças o tempo todo com suas lições.

— É mesmo?

— Sim. Precisar de ajuda não é motivo para ter vergo...

Antes que eu terminasse a frase, ouvimos passos na escada. Bobby e eu olhamos para cima ao mesmo tempo.

— Vamos, rapaz! — A voz de Daniel denotava cansaço.

— Joy pode ir também?

— Não.

A resposta de Daniel feriu meus sentimentos, até que olhei para o rosto dele. Foi então que percebi a verdade: Daniel estava com ciúme. Eu conhecia tal sentimento e sabia como podia magoar e despertar o pior em uma pessoa. Sabia também que o ciúme estava intimamente relacionado ao amor.

— Fale com ele — sussurrei para Bobby.

A ironia do meu conselho não passou despercebida para mim. Uma mulher que fugiu da própria irmã não deveria ser a pessoa mais indicada para oferecer esse tipo de orientação.

— Venha, Bobby. Vamos comer um filé com fritas na cidade, no seu restaurante favorito.

Bobby se levantou, e seus ombros se curvaram.

— Eu gosto de pizza.

Daniel estremeceu e a expressão do rosto se tornou ainda mais fechada.

— Vamos!

Depois que saíram, eu me deitei no sofá, escutando as primeiras gotas tamborilar no telhado. Em segundos, a chuva martelava as telhas e envolvia o mundo externo numa névoa prateada. O clima combinava com a obscuridade que me invadia.

Eu tinha de fazer alguma coisa para ajudar Bobby e Daniel.

Mas, o quê?

Naquela noite, tive novamente dificuldade para dormir. Havia muitas coisas em minha mente. O sono vinha e ia embora, enquanto eu era infestada por imagens de pesadelo. Minha irmã e Thom, o convite de casamento, o estrondo da explosão...

E quando o sol bateu em minha janela, ao amanhecer, uma preocupação havia sobressaído a todas as outras: o Natal de Bobby.

Era um problema que eu sabia como resolver, ao contrário dos assuntos da

minha própria vida. Ali onde estava, longe do meu mundo, podia realizar alguma coisa que fizesse diferença na vida de alguém, e talvez o simples fato de ajudar Bobby pudesse ajudar a mim mesma.

Depois de um banho rápido, vesti minhas "roupas novas" e fui para o salão de entrada. Como eu suspeitava, Daniel já estava de pé; dirigia o trator, limpando a área que margeava o lago, o que sugeria que estaria fora de casa a maior parte do dia. Animada, corri para o quarto de Bobby e abri a porta.

— Ei! Acorde!

Ele abriu os olhos e bocejou, sonolento.

— Porquê?

— Eu tenho um plano.

— Um plano? — A curiosidade eliminou os últimos vestígios de sono. — Que plano?

— É uma missão secreta — cochichei, fazendo um gesto para que ele se apressasse.

— Uau! — Bobby saltou da cama num piscar de olhos. — Como se fôssemos espíões?

— Isso mesmo — confirmei, conferindo meu relógio. — São nove e dez. Você tem cinco minutos para se arrumar, ou perdera a missão. Não se esqueça de escovar os dentes.

Ele concordou com veemência e correu para o banheiro. Quatro minutos depois, descia a escada.

— Consegui? — perguntou, com os olhos brilhando de expectativa. Conferi o cronômetro com expressão séria, contendo-me para não rir.

— Conseguiu, Agente 001. Agora, temos de ficar quietos e ter muito cuidado.

Bobby assentiu solenemente. Nos movemos com cautela para os fundos. Daniel não estava à vista, e deduzi que tivesse se afastado com o trator. Saímos pela porta da cozinha e procurei o local em que Daniel estivera trabalhando no dia anterior. Como eu previra, havia uma pilha de ramos de abeto com a folhagem ainda viçosa.

— Hum — murmurei, tamborilando o indicador no queixo. — Qual destas árvores será que quer ir para a sua casa para o Natal?

Bobby pestanejou e me encarou como se eu fosse um ser de outro planeta.

— Você vai enfeitar uma árvore de Natal?

— Eu, não. Nós vamos.

— Meu pai não vai gostar nem um pouco disso.

— Não se preocupe com seu pai — falei, com mais confiança do que sentia.

Bobby riu com certo nervosismo.

— Certo, agente secreta Joy...

— Shh... — interrompi. — Você não pode dizer meu nome em voz alta!

Ele cobriu a boca com a mão e apontou para um ramo que arrastamos para a

sala. Uma vez lá, nos movemos depressa e em silêncio. Bobby subiu correndo os degraus e voltou com uma caixa vermelha cheia de luzinhas pisca-pisca. Depois de várias viagens, contávamos com quatro caixas de enfeites. Levamos quase meia hora para enterrar a árvore num balde cheio de pedras e posicioná-la corretamente, enquanto ríamos da nossa falta de aptidão. A todo instante, espiávamos pela janela para termos certeza de que Daniel estava ocupado do lado de fora. Eu não queria que ele visse a árvore até que estivesse pronta.

Enquanto trabalhava, não pude deixar de pensar que Stacey acordaria na manhã de Natal sem mim. Isso nunca havia acontecido antes em toda a nossa vida. Eu acreditava na reconciliação entre Daniel e Bobby... Mas, e quanto a mim e Stacey?

— Por que você está chorando?

A pergunta de Bobby me sobressaltou. Funguei e encolhi os ombros sobrecarregados pelo peso da tristeza. Como poderia colocar em palavras tudo o que eu sentia?

Disfarcei com um sorriso e sugeri começarmos a enfeitar a árvore, deixando que ele usasse o ornamento que quisesse.

Bobby dedicou tempo e atenção escolhendo cada enfeite, e eu soube que tinham um significado especial para ele. Estendeu para mim um intrincado globo pintado a guache, retratando uma floresta tropical.

— Fiz este na creche — explicou, retirando uma corrente de elos de papei machê pintada de dourado que emoldurava uma fotografia. — E mamãe fez este no ano passado.

Assenti suavemente, atenta à profundidade dos sentimentos dele. Estudei o retrato de Bobby abraçado a uma mulher de cabelos compridos escuros e olhos tristes.

— É ela — disse num sussurro.

Ao pé da fotografia, havia uma inscrição com letras desenhadas: Bobby e Maggie.

— Ela é linda! — comentei com sinceridade.

Resisti ao ímpeto de abraçá-lo, mas estendi os dedos e afastei uma mecha de cabelos rebeldes da testa de Bobby e deixei a mão demorar na bochecha morna.

— Você vai se sentir melhor com o tempo, Bobby. Eu prometo.

Ele acenou com a cabeça e respirou fundo. Eu sabia que ele já ouvira frases parecidas antes e não acreditara.

— Ela bateu o carro numa árvore enquanto dirigia à noite — contou, em tom de voz quase inaudível. — Estava chovendo. Foi no Dia das Bruxas.

Fazia menos de dois meses! Não era para menos que ele e Daniel estivessem tão abalados, pensei. Desejei dizer algo que o confortasse, mas nada me ocorreu. No fundo, estava consciente de que somente o tempo o ajudaria.

— Eu não disse adeus — prosseguiu com voz embargada. — Eu estava furioso porque mamãe tinha me deixado de castigo.

Meu coração se apertou. Conhecía o remorso, sentimento poderoso capaz de fazer o homem mais forte cair de joelhos. Fiquei imaginando a força redobrada que exerceria sobre um menino que perdera a única pessoa com quem contava. Ele ergueu o rosto e olhou para mim com lágrimas nos olhos.

— Eu disse a ela que a odiava.

— Oh, querido... — Abracei-o sem me importar com a possível reação dele. — Ela sabia que você só disse porque estava furioso.

— Você não vai me deixar, não é?

A pergunta reverberou nos meus tímpanos até estrondear na cabeça. Pela primeira vez, antevi o perigo do terreno em que estava pisando. Uma mulher covarde que fugia dos problemas era a última coisa que aquele menino precisava como figura materna.

Um silêncio pesado pairou entre nós. Ouvi o som distante das ondas do lago batendo contra a doca.

— Estou aqui agora, Bobby — foi tudo o que consegui dizer. — Isso é o que importa: o presente.

— Já entendi. — Ele fungou e ergueu a cabeça com dignidade. — As pessoas vão embora.

Ele deu-me as costas e olhou para a árvore de Natal. Para nós dois, o brilho de magia que nos envolvera havia desbotado.

As pessoas se vão... Aos oito anos de idade, Bobby já conhecia a triste verdade dessas palavras.

CAPÍTULO IV

— Ele está vindo?

Aquela era a centésima vez que Bobby fazia a mesma pergunta. Uma hora atrás, parecia ser boa ideia decorar a casa. No entanto, depois que a árvore ficou pronta, eu não estava segura de que tivesse sido a melhor decisão.

A árvore de Natal ocupava o canto do saguão de entrada, entre a lareira e a janela. Dezenas de miniaturas, lâmpadas, laços e sininhos encobriam os galhos do abeto. Uma música natalina flutuava no ambiente.

Espiei pela janela e meneei a cabeça em negativa pela centésima vez.

Na noite anterior, sem conseguir dormir em minha cama e com os pensamentos girando em minha cabeça como um caleidoscópio maluco, eu imaginara que Daniel aprovaria minha sugestão. No entanto, percebi minha ingenuidade somente quando já era tarde demais.

Era óbvio que ele ficaria bravo; eu tinha certeza disso. Daniel não queria lembrar o passado, ou a própria negligência com o Natal do filho. Ele me veria como uma intrusa causadora de problemas.

Bobby se sentou na poltrona, levantou-se e voltou a se sentar. Inquieto, se pôs de pé e caminhou até a janela.

— Você acha que ele vai ficar furioso?

— Não — respondi depois de uma longa pausa.

Ambos ouvimos minha incerteza. Aquele menino, que estivera falando com um fantasma durante dois meses, assustava-se com o mais sutil ruído.

— Meu pai adorava o Natal. Ele dizia que era o melhor dia do ano. Ele... —

Bobby se calou e respirou fundo. — Então, mamãe e eu nos mudamos para cá e eles se divorciaram.

Bobby caminhou para a janela com o olhar fixo no lado de fora.

— Mamãe dizia que ele viria me visitar, mas ele nunca veio.

Eu não tinha a menor idéia do que dizer. Lembrei-me do dia em que meu pai fora embora. Eu tinha quase a idade de Bobby, e passei mais de uma década esperando por um retorno que nunca aconteceu. Mamãe tentava aliviar minha decepção com palavras de confiança, mas as palavras se perdiam enquanto eu esperava ouvir o toque da campainha.

— Bobby, seu pai está aqui agora — eu disse lentamente. — Dê uma chance a ele.

Bobby não respondeu.

Do lado de fora, o sol brilhante forçava a passagem pelas nuvens. O lago sugeria um leito encoberto por lençóis de espelho. De repente, Bobby correu para perto de mim, assustado.

— Ele está vindo!

A porta se abriu. Daniel entrou com passadas firmes. Carregava um par de luvas sujas de terra penduradas na cintura e os cabelos não passavam de uma massa ondulada. Olheiras fundas denotavam cansaço, e as linhas de expressão do rosto marcante estavam ainda mais pronunciadas.

— Olá — saudou-nos sem sorrir. Ele seguia para a recepção quando parou de repente e olhou para a árvore, como se a tivesse visto pela primeira vez.

— O que você fez, rapaz?

Todos os meus músculos tensionaram ante o receio de que Bobby dissesse as palavras erradas.

— Nós fizemos, Joy e eu.

— Joy? — Daniel virou lentamente a cabeça, com expressão indecifrável. — Desde quando ela faz parte dos negócios da pousada?

Bobby olhou para mim, apavorado. Mortificada, desejei que o chão se abrisse e me tragasse para as profundezas. Esforcei-me para me lembrar de que eu era a adulta ali, e tinha de fazer alguma coisa para proteger Bobby.

— Daniel... — comecei, e dei um passo à frente. — Estou certa de que...

— Você usou os enfeites favoritos dela — ele me interrompeu e se aproximou da árvore para tocar um pequeno anjo branco.

— Foi você que comprou, lembra? — Bobby comentou com cautela.

— Sim...

Daniel se virou para nos encarar. A expressão dele era dura como se tivesse sido esculpida em granito. Fiquei pensando como suportava tamanha distância com o filho.

— Onde está a estrela? — perguntou por fim. Bobby relanceou o olhar para mim.

— Na mesa. Nós não conseguimos alcançar o topo da árvore.

Daniel apanhou a estrela de latão. Estava a ponto de colocá-la quando parou e se voltou para Bobby.

— Acho que seria melhor fazermos isso juntos.

Percebi a incerteza na voz de Daniel, o medo de que o filho não concordasse. Tornei-me consciente da fragilidade em que todos nós nos encontrávamos ali, e de como podíamos ferir um ao outro com facilidade, especialmente quando o amor estava envolvido.

Stacey. O nome de minha irmã dançou na minha cabeça. Fechei os olhos durante um segundo, absorvendo meu pesar. Quando os abri, Bobby estava do lado do pai, segurando a estrela de latão. A visão me fez sorrir.

Daniel suspendeu-o nos braços e o elevou até que alcançasse o topo, segurando-o com firmeza até que amarrasse a estrela. Colocou-o no chão com gentileza e os dois recuaram um passo, admirando o trabalho.

— Ficou muito bom — disse Daniel, com um ligeiro tremor na voz.

— Diga isso a Joy, papai. Foi idéia dela.

— Tenho certeza de que ela sabe que gostei.

— Não é a mesma coisa. Diga a ela — Bobby insistiu. Quando Daniel me fitou, não havia nenhum equívoco no brilho dos olhos verdes. Eu soube que aquele era um homem que amava o filho acima de tudo. Naquele momento, perdoei a hostilidade com que ele me tratava.

— Obrigado, Joy — ele disse laconicamente.

— Fale com ela, papai. Joy é simpática e educada.

— Não falo com mulheres educadas e simpáticas há muito tempo, rapaz. Acho que perdi o jeito.

— Está tudo bem — tranquilizei-o.

Por mais estranho que parecesse, eu me senti conectada àquele homem. Nós dois éramos sobreviventes de um divórcio, vítimas de uma guerra comum. Além disso, Daniel tinha razão: as palavras não vinham tão facilmente quanto gostaríamos.

Lembrei-me mais uma vez de Stacey e Thom, do que costumávamos ser, e me vi novamente conectada à realidade.

— Joy, você está bem?

A voz de Bobby me sobressaltou. Sorri para ele, esperando que soasse sincera.

— Estou bem.

— É claro que ela está bem — Daniel acrescentou. — É Natal. E agora, por mais que eu deseje ficar aqui conversando com você e Joy, está na hora de levá-lo para sua consulta com o médico.

— Droga! — Bobby resmungou. — Eu não quero ir.

— Eu sei, rapaz.

— Joy pode ir junto? Por favor? — ele suplicou, passeando o olhar do pai para mim. — Eu tenho medo de ir ao médico.

— Mas seu pai estará com você, Bobby — murmurei, exasperada.

— Quero que você vá comigo.

— Eu não acho que seja uma boa idéia — insisti, estudando o perfil de Daniel. Não pude deixar de perceber que ele ficou magoado com o pedido do filho.

— Por favor, Joy! — Bobby pediu com lágrimas nos olhos. Procurei o apoio de Daniel, mas ele se mantinha impassível.

Decidi que era preferível enfrentar a fúria do pai a desapontar o filho.

— Então está certo, mas eu ficarei na sala de espera — concordei por fim.

Bobby abriu um largo sorriso e disparou escada acima.

— Vou buscar Freddy — gritou por sobre o ombro.

Fiquei parada, encarando Daniel num silêncio constrangido.

Pensei em algo para dizer ou fazer, mas tudo parecia ser uma intrusão, até minha simples presença.

E então, minha chance se foi. Ele passou por mim e subiu os degraus. Quinze minutos depois, retornou, usando uma calça jeans desbotada e um suéter verde, e

Bobby veio logo atrás, com seu ursinho favorito.

Deixamos o chalé e seguimos para a caminhonete, um trio silencioso e tenso. Bobby abriu a porta e se sentou no meio do banco. Deslizei para o lado dele e Daniel fechou a porta com firmeza, certificando-se de que estava bem trancada. O trajeto para a cidade não levou mais que dez minutos, mas pareceu uma eternidade. Concentrei-me na paisagem exuberante à minha volta, onde tudo parecia florescer em perfeita harmonia com a natureza.

— Vocês vivem num lugar privilegiado — comentei, rompendo o pesado silêncio.

Como nenhum dos dois estimulou a conversa, continuei a apreciar a paisagem verdejante ao meu redor.

A cidade era pequena, com ruas largas e arborizadas. O comércio local estava movimentado, na certa, por causa da proximidade do Natal. O tráfego pesado se concentrava no centro, e reparei que não havia semáforos. Uma pequena multidão se aglomerava diante de uma loja de eletrodomésticos. Pessoas curiosas se aproximavam, invadindo a rua e atrapalhando o trânsito.

— Droga! — Daniel resmungou, tocando a buzina. — Vamos nos atrasar!

Eu estava a ponto de perguntar qual era a razão de tanto estardalhaço quando vi o painel do televisor na vitrine.

O acidente! Claro. Virei o rosto instintivamente, mas ainda pude ver de relance as cenas que mostravam os destroços do avião.

Daniel dobrou a esquina e seguiu pelas ruas paralelas, mais tranqüilas. Entrou com a caminhonete no estacionamento de um prédio antigo e desligou o motor.

— Por que eu tenho de vir ao médico de novo? — Bobby perguntou, contrariado.

— Porque você ficou muito abalado com a perda da sua mãe, rapaz. — Daniel abrandou o tom de voz. — É natural ficarmos tristes com a morte de alguém que amamos.

— Mas não é natural falar com espíritos, não é? — Daniel suspirou alto.

— Estou tentando ajudar, rapaz.

— Ajudaria se você acreditasse em mim — Bobby resmungou, passando sobre mim para sair do carro.

Caminhei pelo estacionamento ao lado de Daniel. Estávamos tão perto que os braços se roçavam, mas nenhum de nós se afastou. Por um segundo, quando entrávamos na recepção, imaginei que éramos uma família e que eu entraria no consultório para responder a perguntas sobre a saúde do meu filho. Depois, sairíamos para tomar um sorvete.

Em vez disso, aguardei Bobby e Daniel na sala de espera. Uma enfermeira alta, com óculos de grau apoiados na ponta do nariz, se aproximou de mim e juntou as mãos diante do corpo.

— Como estamos nos sentindo hoje? — indagou com um sorriso profissional.

— Oh, eu estou bem — respondi, sobressaltada.

Ela teria me identificado pelas imagens que apareceram na televisão? Saberá que eu era uma das sobreviventes daquele avião que jazia carbonizado na floresta?

E se ela me reconhecesse e insistisse para me levar às autoridades? Nesse caso, eu teria de me resignar ao meu destino e voltar para minha triste vida, pensei. Porém, ainda não estava preparada para voltar. Ainda não dera sequer o primeiro passo: telefonar para Stacey e dizer que estava viva.

Temerosa, perscrutei o rosto de traços suaves. Respirei mais tranqüila ao perceber que não havia nenhuma sombra de reconhecimento no olhar dela.

— Estou esperando meu... — calei-me antes de dizer a palavra "filho" — ...Bobby terminar a consulta. Obrigada por perguntar.

Fiquei aliviada quando ela assentiu e se afastou com passos silenciosos.

Após a consulta, voltávamos pelo estacionamento quando Daniel disse:

— Estou com vontade de tomar sorvete...

— Oba! — Bobby gritou, saltitando a cada passo. — Você quer sorvete, Joy?

— É uma boa idéia — concordei, tentando não sorrir.

Voltamos a enfrentar o tráfego das ruas centrais e nos confundimos à multidão naquela tarde ensolarada. Todos com quem cruzávamos cumprimentavam Daniel e Bobby.

Chegamos a uma adorável sorveteria que mantinha o mesmo estilo de décadas atrás, com uma lousa com a lista dos sabores disponíveis escrita a giz. Atrás do balcão, uma televisão mostrava imagens de Jimmy Stewart esquiando nas montanhas nevadas de Bedford Falls. A atendente, uma adolescente com um nariz arrebitado e cabelos negros presos sob o boné, sorriu para nós.

— Olá, Bobby. Você quer o de sempre?

— Pode apostar que sim! Um duplo de chocolate com cobertura extra.

A jovem olhou para Daniel. Um intenso rubor cobriu o rosto alvo, e ela gaguejou ao indagar sobre o pedido dele. Até mesmo uma adolescente notava como aquele homem era bonito e atraente.

— Quero um duplo de nata com chantilly e cereja — ele pediu naquele irresistível timbre aveludado que provocou um sorriso no rosto da atendente.

Eu estava me decidindo entre o de baunilha ou o de creme de ovos quando uma chamada na televisão me chamou a atenção. Na tela, o repórter se situava diante dos destroços carbonizados.

— O piloto fez um pouso forçado e o avião se chocou com as árvores do bosque. Todos os passageiros sobreviveram e foram levados a vários hospitais da região. As autoridades locais estão trabalhando para identificar as vítimas e entrar em contato com os familiares dos passageiros relacionados na listagem fornecida pelo comandante. — O repórter fez uma pausa enfática. — Porém, testemunhas relataram que uma mulher não identificada comprou uma passagem de última hora no voo...

Uma onda de pânico me congelou. Estavam tentando me encontrar!

— Com licença — murmurei, passando por Daniel e Bobby sem erguer o rosto.

Na calçada, desmorenei sobre o banco de madeira diante da loja e recuperei o fôlego. Meu coração batia desenfreado no peito.

Vi Daniel e Bobby se aproximar com seus respectivos sorvetes em mãos e rezei para que não tivessem percebido meu descontrole.

— Joy, você está bem? — Bobby indagou, preocupado.

— Oh, sim! — Tentei sorrir, mas tudo o que consegui foi fazer uma careta.

Estavam à minha procura! Quanto tempo mais eu teria antes que encontrassem minha bolsa?

— Tem certeza de que está tudo bem? — ele insistiu, franzindo o cenho.

Eu quis gritar que não, que estava tudo péssimo, mas isso não faria sentido nenhum para ele. Encarei-o, emudecida. Alguma coisa na expressão dele fez meu coração acelerar. A preocupação sincera tocou num lugar bem fundo dentro de mim. Fiquei perplexa com a noção súbita de que eu desejava ficar ali para sempre, com Bobby e Daniel, naquela pousada soterrada pelo musgo.

Porém, quando descobrissem meu nome, eu teria de voltar para casa.

— Estou bem, obrigada — menti, pondo-me de pé.

— Você não vai tomar sorvete? — A incredulidade no olhar de Bobby quase me fez rir.

— Estou com um pouco de dor de garganta, querido. Vou deixar para a próxima vez.

Dei alguns passos, sentindo-me instável. Bobby se moveu para o meu lado e nós três caminhamos pela rua abarrotada de gente. As vitrines chamaram minha atenção, distraíndo-me das notícias sobre o acidente. Ao passar por um magazine de roupas, sorri ao ver uma camiseta com a inscrição: Estive na Floresta Virgem Tropical, mas não tinha dinheiro para comprá-la. Fiz uma anotação mental para voltar em breve à cidade e visitar aquela loja. Além das roupas, pretendia comprar todos os folhetos e mapas disponíveis para guardar em meu arquivo dos sonhos quando chegasse em casa.

Afastei o pensamento e me concentrei em desfrutar o dia. De repente, Bobby estacou na calçada, e quase esbarrei nele.

— Bobby?

Ele encarava a edificação à nossa direita, uma igreja de pedra com vitrais coloridos e um presépio montado logo à entrada. Daniel olhou para o filho.

— O que acha de entrarmos e acendermos uma vela para sua mãe, rapaz?

Bobby balançou a cabeça e empinou o queixo, os lábios trêmulos.

— Talvez na véspera de Natal — Daniel insistiu suavemente, pegando a mão do filho.

Durante a meia hora seguinte, passeamos pelas ruas movimentadas. Daniel comprou uma generosa porção de galinha frita e refrigerantes, e nos sentamos a

uma mesa de piquenique no parque para comer. Bobby distribuiu guardanapos de papel e talheres descartáveis, mas as notícias sobre a queda do avião arruinaram meu apetite. No entanto, eu não era a única que estava chateada com a viagem para a cidade.

— E então, Bobby? — Daniel olhou para o filho. — Você quer falar sobre isso?

Bobby abaixou o rosto, fugindo do contato visual.

— Falar sobre o quê?

— Sobre você ter brigado com Deus.

O menino ergueu os ombros sem dizer nada, e Daniel o estudou. Vi um universo de emoções naquele olhar, e soube que estava diante de um homem que sabia o significado de amar.

— Eu o levo à igreja. Podemos entrar juntos.

— Quero que Joy vá comigo.

— Podemos todos ir para a igreja — atalhei depressa.

Porém, era tarde demais. O mal já estava feito. Bobby havia me escolhido e preterido o pai. Pensei em fazer algo rapidamente para romper o clima tenso. De alguma forma, tinha de lembrar àqueles dois o que significavam um para o outro. Às vezes, tudo o que restava eram lembranças, e decidi recorrer a elas numa tentativa desesperada de reconciliação.

— Conte-me sobre quando você e seu pai vieram à cidade para o Carnaval — pedi, tentando sorrir.

Bobby pestanejou e olhou para Daniel.

— Você se lembra, papai? Quando viemos ver a festa na cidade.

Bastou uma palavra do filho para que o rosto de Daniel se suavizasse. O sorriso dele tirou meu fôlego.

— Sim... Você era pequeno... Estou surpreso por você se lembrar.

— Você me carregou nos ombros.

— E você derramou suco de amora no meu cabelo. — Daniel riu.

— Mamãe disse que você parecia um alienígena com o rosto sujo de suco vermelho!

Os dois riram, e eu senti meu coração se aquecer. O olhar de Daniel era macio e suave como veludo, contudo, era ao mesmo tempo firme e protetor. Quando Bobby percebesse isso, saberia que estaria seguro no mundo.

— Você era pequeno demais para andar no meio da multidão — Daniel comentou enquanto dava uma mordida numa coxa de galinha.

Durante o restante da refeição, os dois compartilharam recordações que jamais seriam esquecidas. Quando voltamos para a caminhonete, pai e filho sorriam um para o outro.

No trajeto para casa, Daniel ligou o rádio. Uma canção romântica preencheu o ar, e eu me flagrei olhando para ele com admiração e respeito. Mal entramos no chalé, Bobby correu para a sala e colocou um DVD no aparelho.

— Aonde você vai, Joy? — ele perguntou quando fiz menção de ir para meu quarto.

— Você e seu pai precisam de algum tempo juntos. Vejo vocês mais tarde.

— Não! — Ele se virou para Daniel. — Convide Joy para assistir no filme conosco, papai.

Eu prendi a respiração, esperando que ele me dispensasse.

— Por favor — disse Daniel, baixinho. — Fique conosco.

Quando eu ouvi o sotaque de veludo envolvendo as palavras, percebi o quanto queria que Daniel me pedisse para ficar.

— Claro — respondi, esperando não soar tão desesperada quanto me sentia.

Daniel e Bobby se sentaram juntos no sofá, e eu escolhi a poltrona vermelha, ao lado.

Sentada ali, escutando a risada de Bobby, considerei o quanto minha própria casa se tornara silenciosa. Para ser honesta, estava quieta desde muito antes de Thom me deixar, antes de começar a dormir com minha irmã. Na minha última noite em Bakersfield, Stacey tinha razão. Meu casamento estava arruinado muito antes de ela entrar em cena, admiti finalmente.

Quando o filme terminou, Daniel se levantou e tocou a ponta do nariz do filho.

— Hora de ir para a cama, rapaz.

Bobby ainda tentou argumentar, dizendo que não estava com sono, mas Daniel foi firme. Pegou-o no colo e subiu os degraus para o quarto.

— Boa noite, Bobby. — Acenei em despedida. — Vejo você amanhã.

Suspirei e lembrei-me de que eu também tinha de ir dormir. Porém, não fiz o menor movimento para me levantar da poltrona. Fiquei sentada lá, contemplando o fogo. As fotografias chamaram minha atenção. Levantei-me e parei defronte aos quadros, estudando-os como um arqueólogo que procura pistas de uma vida.

Quem era Maggie? Por que o casamento terminara?

Ouvi os passos de Daniel nos degraus, e meu coração perdeu um compasso. Admiti para mim mesma que estava à espera dele.

Ele atravessou o saguão e parou na frente da lareira. A combinação da luz alaranjada com as sombras escuras emprestou um efeito de magia ao rosto másculo. Ele parecia cansado e deprimido. Estávamos tão perto que, ao menor movimento, nossos braços se tocariam.

— Oh, Bobby! — ele resmungou como que para si, sem me encarar. — Ele não me deixaria em paz se eu não promettesse que voltaria para conversar com a nova amiga dele.

— Oh... Que bom! — ousei dizer.

— Seria bom conversar com alguém sobre... Droga, não tenho muito que falar atualmente. — A voz era tão baixa que tive de me esforçar para ouvi-lo. — Hoje, sou muito diferente do tagarela que fui tempos atrás, nos bares de Dublin, quando era mais novo...

— É engraçado como nós mudamos com o tempo — comentei, pensativa.

Daniel suspirou. Alcançou um porta-retrato na parede e puxou-o para si. Era a fotografia de Maggie, jovem e vibrante. Eu não tive nenhuma idéia do que dizer ou fazer, e observei em silêncio enquanto ele o recolocava no lugar para se sentar na poltrona diante da lareira.

— Joy... — Era como se ele experimentasse o som do meu nome com a ponta da língua, antes de emitir um som que se assemelhava a uma risada. — Talvez você possa me ajudar. Sou péssimo pai e fui um marido ainda pior. Eu nem mesmo pensei em montar a árvore de Natal. Estava concentrado apenas em tirar Bobby deste lugar, repleto de lembranças tristes.

— Mudar-se não significa que as lembranças ficarão para trás. Essa é uma verdade que aprendi há pouco tempo. — Sentei-me na poltrona e apoiei as mãos na perna dele, numa ousadia que me surpreendeu. — Bobby precisa de você para substituir as lembranças tristes por outras, mais felizes.

Ele deu um pulo do sofá, como se meu toque o tivesse queimado.

— Mas o que...

— Oh! Eu sinto muito — balbuciei, retirando as mãos como se tivesse levado um choque.

Ele se levantou e começou a passear pela sala.

— O médico me aconselhou a incluí-la na minha relação com Bobby, mas...

Eu me ergui, incapaz de me conter, e parei diante dele. Estávamos frente a frente, e senti a suavidade da respiração quente na minha pele.

— Isso é ridículo! — ele rosou, afastando-se. — Que diabos tenho para falar com você?

Daniel me deu as costas e se voltou para a lareira. Apagou o fogo e fechou as janelas com um gesto firme. Então, desapareceu escada acima, deixando-me sozinha.

O avião caía em velocidade vertiginosa.

— Vai explodir! Corra! — alguém avisava de um lugar distante.

Mas já era tarde. Eu caía do alto e tentava gritar, mas a voz não saía. O solo se aproximava em câmera lenta, e um segundo antes de me estatelar, eu acordei na escuridão do quarto. Meu tórax estava esmagado e eu não conseguia movimentar as pernas. Estava paralisada.

Apertei os olhos e me convenci de que estava sonhando. Tateei o abdômen e senti a pulsação em meu peito, rápida e firme.

— Você está bem. — O som da minha própria voz me acalmou, reverberando na escuridão.

Tremendo, caminhei para a janela e empurrei-a com força. O ar perfumado acariciou meu rosto, revigorando-me. Eu estava ali, em terra firme, viva. Minúsculos pingos de chuva tremularam em minha face, refrescando meu rosto

afogou pela aflição. Aos poucos, comecei a me tranquilizar.

As imagens enfraqueceram até se recolherem em meu subconsciente. Fiquei de pé, assistindo à combinação brilhante do luar com a chuva até minhas mãos pararem de tremer.

Passos abafados soaram na escada. Desejei que fosse Daniel, e que ele batesse à porta e dissesse que, assim como eu, não conseguia dormir.

Em vez disso, porém, o silêncio voltou a reinar. Afastei-me da janela e voltei para a cama vazia. A névoa envolvia a manhã como uma camada de organza de seda, flutuando através da janela do meu quarto. Tudo estava obscurecido pela neblina.

Fiquei deitada, deixando-me envolver pela aura mágica daquele lugar. Desejei ter o poder de desacelerar a passagem do tempo para retardar ao máximo o momento de partir.

Porém, pela primeira vez, tive consciência de que não era apenas a dificuldade de voltar para casa que me atrelava àquele lugar. A verdade era que eu estava gostando da ilusão de fazer parte daquela estranha família de pai e filho.

Vencendo a ociosidade, levantei-me e tomei um banho. Recolhi do varal improvisado no banheiro a roupa emprestada da caixa de "Achados e Perdidos" e fui para a cozinha comer alguma coisa.

O silêncio e a névoa me atraíram para fora. Munida da minha máquina fotográfica, caminhei até a beira do lago e encarei a superfície prateada. Através da bruma, a doca pareceu quase translúcida, uma linha rabiscada contra o azul-acinzentado das ondas. Registrei alguns flagrantes e senti-me no banco de madeira para admirar o cenário. Somente então percebi como estava frio. Desapontada, voltei para o calor do interior da pousada. Pensei em pegar algum casaco emprestado.

Por que não?, convenci-me. Afinal, havia me registrado e era uma hóspede regular. Estava certa de que ninguém se importaria se eu usasse uma jaqueta por algumas horas.

Fiz uma busca minuciosa e encontrei um armário de casacos perto da porta dos fundos. Em meio a uma confusão de agasalhos e suéteres, escolhi um sobretudo de linóleo amarelo, na certa esquecido por algum pescador. Ficou enorme, mas quente o bastante para permitir que eu explorasse os arredores com minha máquina.

Pelo resto da manhã, registrei aquele magnífico paraíso com várias fotografias: o lago, um cisne levantando voo, uma teia de aranha que se transformara numa intrincada jóia salpicada de gotas de orvalho...

Satisfeita com o resultado da minha expedição, devolvi o sobretudo ao lugar de origem e preparei um sanduíche de atum e maionese. Estava terminando de comer quando ouvi o ronco de motor se aproximar. Limpei rapidamente a bagunça que tinha feito na cozinha e corri para a sala para receber Daniel e

Bobby. Parecia bobagem, mas eu havia sentido falta deles.

— Joy! — Bobby chamou ao entrar, esbaforido.

Eu adorava a forma como ele dizia meu nome, como se estivesse morrendo de saudade.

— Olá, Bobby. — Olhei por sobre o ombro dele e vi Daniel. Como era possível que ficasse mais bonito a cada dia que passava?

— É noite de praia! — ele exclamou, excitado.

— Temos de sair dentro de quinze minutos — Daniel anunciou, olhando no relógio.

Um calafrio percorreu minha espinha.

— Eu estou convidada? — arrisquei, hesitante.

— É claro que está! — Bobby confirmou com uma risada.

— Pegue um casaco — Daniel sugeriu. — Está frio lá fora.

Decidi me apressar antes que ele mudasse de idéia. Agindo como uma adolescente no primeiro encontro, corri para meu quarto e vesti o suéter de tricô. No minuto seguinte, estava de volta ao saguão de entrada com Bobby.

— Você escovou os dentes? — Daniel perguntou ao filho.

— Sim — respondemos ao mesmo tempo.

Ao som da nossa risada, Daniel sorriu, e eu me senti derreter.

O rosto dele pareceu dez anos mais jovem e vislumbrei o rapaz falante de Dublin a que ele havia se referido.

— Todos prontos? — indagou em tom bem-humorado.

— Sim! — Bobby e eu respondemos em uníssono.

— Então, vamos lá!

Ele atirou a mochila sobre o ombro e atravessou o gramado. Bobby e eu seguimos atrás, rindo. Eu não me lembrava mais daquela deliciosa sensação de liberdade, e achei que só poderia senti-la ali, com aquelas pessoas.

Com Bobby e Daniel, eu incorporava a versão mais jovem de mim mesma, como imaginava ser quando crescesse. Queria ser como minha mãe, livre, afetuosa, calma. Na cidade árida de Bakersfield, me tornara uma flor morrendo lentamente; na umidade e névoa em que me encontrava, eu voltei a florescer.

Na caminhonete, Daniel ligou o rádio e Bobby e eu cantamos Born to Run junto com Bruce Springsteen. Seguimos por vários quilômetros rodeados por árvores, até que a estrada desembocou numa trilha árida. Acres de terra tosquiada surgiram em meu campo de visão, com plantações novas e sinais que evidenciavam o refloresta-mento da região.

— Isso é triste — comentei, como se pensasse em voz alta.

— O que é triste? — Bobby quis saber.

— Essa terra devastada — respondi com um gesto amplo, abrangendo os arredores. — Como se árvores novas fossem iguais às antigas!

Bobby inclinou a cabeça e me encarou, intrigado.

— O que você quer dizer?

— Você vive em uma das poucas florestas nativas que restam no planeta — expliquei. — Cortar árvores que viveram durante duzentos anos é um crime.

— Eles vão para a cadeia?

— Quem vai para a cadeia? — Daniel perguntou, reduzindo a marcha para diminuir os solavancos do carro.

— Os madeireiros que cortaram as árvores velhas.

— Oh, não — foi a resposta em tom irônico. — Cortar árvores não é um crime semelhante a matar uma pessoa.

— Infelizmente, é verdade — completei. — É apenas lamentável.

— Quando eu crescer, vou proteger as árvores velhas — Bobby decidiu com firmeza implacável.

Eu sorri, orgulhosa, e tive de me segurar no painel quando a caminhonete entrou numa curva pronunciada. A paisagem que se descortinou à minha frente me deixou sem fôlego. O Oceano Pacífico, em toda a sua grandeza, estendia-se até o horizonte. Tão selvagem quanto a floresta, a expansão de água azul a céu aberto, porém, era mais familiar para mim.

— Uau! — exclamei, sem conter a admiração.

— Papai não vinha para a praia desde que voltou para casa — Bobby comentou, aproximando-se de mim. — Mamãe e eu vínhamos todas as noites de terça-feira.

— É bom estar aqui. — Daniel balançou a cabeça, encarando a imensidão do mar.

Não consegui discernir se havia na voz dele saudade, pesar, ou se ele estava sentindo falta da ex-esposa.

— E quanto à sua amiga Joy? — Daniel perguntou ao desligar o carro, parado a poucos metros da água. — Você sabe se ela gosta de praia, rapaz?

— Eu adoro! — afirmei, estudando o perfil de Daniel.

— Eu sabia! — Bobby gritou e saltou do assento. — Ela adora praia!

Daniel ajudou-o a sair e o menino correu à frente, dando cambalhotas na areia.

— Não brinque muito perto da água! — advertiu, ajeitando a mochila nos ombros.

Segui ao lado dele, absolutamente encantada com a paisagem. O sol começava a se esconder no horizonte, espalhando um manto reluzente no céu. Serpentinhas douradas se refletiam nas ondas. As árvores ao longo da estrada pareciam esculpidas pelo vento, como gigantescos bonsais.

— Papai, minha pipa! — Bobby gritou, correndo na nossa direção.

— Espere um pouco, rapaz.

Daniel recolheu madeira seca e fez uma fogueira, ajoelhando-se na areia para atear o fogo. Um pequeno círculo de luz tremulou com timidez e ganhou forças rapidamente, alimentado pela brisa.

Sentei-me perto da fogueira, vendo Daniel ensinar o filho a empinar pipa. Até que Bobby conseguisse, a noite havia caído.

— Papai, veja! Está voando!

— Isso mesmo, rapaz. Corra mais rápido — Daniel orientou, rindo com o filho.

Então ele caminhou para perto da fogueira e se sentou a meu lado. O calor da proximidade me aqueceu mais do que as chamas do fogo.

— Eu deveria ter trazido minha máquina fotográfica — lamentei comigo mesma.

O silêncio caiu sobre nós, quebrado apenas pelo crepitar do fogo e pelos gritos de alegria de Bobby.

Depois de algum tempo, Daniel percebeu que ele estava cansado e se levantou para ajudá-lo a recolher a pipa. Os dois voltaram para perto da fogueira e Bobby caiu na areia, exausto e feliz.

— Papai, conte para Joy como você descobriu este lugar — ele pediu, com a respiração ofegante.

Daniel observou o céu por um longo tempo, como se refletisse sobre o que dizer.

— Nós morávamos em Boston. Sua mãe era gerente de um salão de beleza na Macy's, e eu passava os dias, e muitas noites, num escritório no trigésimo andar do Edifício Beekman. Sonhava com um lugar em que houvesse árvores altas e lagos cheios de peixes, e com a chance de ficarmos juntos o tempo todo, até que um dia vi o anúncio de venda de uma pousada falida no Estado de Washington.

— Papai não precisou nem ver o lugar, para comprar! — declarou Bobby com simplicidade.

— Sim... — Daniel prosseguiu em tom saudoso. — Realizamos nosso sonho, não é, rapaz?

No silêncio que se seguiu, adivinhei que ambos estavam pensando sobre como haviam se distanciado dos sonhos e de si próprios.

— Posso entender por que você se apaixonou por este lugar — rompi a quietude.

— Este é um lugar mágico!

— Era o que mamãe dizia... — Captei a tristeza na voz de Bobby.

— Por quê? — perguntou de repente. — Por que nós precisamos nos mudar?

Daniel baixou o rosto e fitou as mãos, como se procurasse a resposta.

— Eu quero o melhor para você, Bobby.

— O melhor para mim é ficar aqui. — Ele ergueu o rosto para o filho.

— Como vou conseguir administrar a pousada sozinho? Não entendo nada de pescaria, nem de como receber hóspedes.

Aquela era uma questão em que eu podia opinar.

— Bem... Há centenas de livros que ensinam a fazer isso. Se você me levar à biblioteca local, posso ajudar a encontrá-los — ofereci.

— Mamãe dizia que você era inteligente — Bobby estimulou.

— E eu gostava de acreditar nisso.

— Então, aprenda! — Foi o conselho entusiástico.

— Vou lhe fazer uma proposta — disse Daniel, depois de refletir. — Prometo pensar em ficar se você considerar a possibilidade de partir.

Os dois se entreolharam, e à luz trêmula das labaredas, fui impactada pela percepção de como eles eram parecidos.

— Está bem — Bobby assentiu solenemente.

— Ótimo! E agora, que tal assarmos as salsichas para os cachorros-quentes?

Durante a hora seguinte, nos mantivemos ocupados em preparar o jantar. O rádio da caminhonete estava ligado, e flagrei-me cantarolando enquanto ajudava Bobby a cortar os pães para o lanche. Eu não estava com fome e recusei o sanduíche que Bobby me ofereceu.

— Papai, por que você não convida Joy para dançar?

Eu quase engasguei com o refrigerante quando Bobby fez a sugestão, depois de comermos.

— Não é uma boa idéia, rapaz — ele respondeu com cautela.

— Por favor, papai! — Bobby insistiu, com um muxoxo irresistível. Na penumbra, vislumbrei o rosto másculo e sério.

— O que está esperando, papai? — Bobby insistiu, apontando para mim. — Ela está bem aí, na sua frente!

— Não acho que... — comecei a dizer, mas as palavras congelaram no ar.

Daniel estendeu-me a mão. Agindo sem pensar, aceitei-a e preendi a respiração quando fui envolvida pelo círculo dos braços fortes. O calor do toque me fez suspirar e o som ganhou a força de mil decibéis na penumbra silenciosa.

— Não vá pisar nos pés dela, papai! — Bobby provocou com uma risada.

Surpreendentemente, encontramos o ritmo com facilidade e nos movimentamos como se dançássemos juntos há anos. Senti-me leve e segura nos braços dele. Nada mais no mundo importava.

Uma estrela cadente cortou o céu bem acima das nossas cabeças, e Bobby apontou-a.

— Veja, papai! Uma estrela cadente... Acho que Joy não sabe que temos de fazer um pedido!

— Faça um pedido, Joy — ele sussurrou, tão próximo ao meu ouvido que a respiração quente me aqueceu.

Quero você, quase deixei escapar, contendo-me a tempo.

— Gostaria de recomeçar minha vida — respondi de forma mais racional.

— Eu já sei o que vou pedir, papai. E você?

A voz de Bobby me fez emergir para o mundo real. Ele se afastou com expressão indecifrável.

— Hum... Recomeçar a vida seria boa idéia — ele declarou com um sorriso.

Hipnotizada pelos olhos verdes, não consegui me mover, mesmo sabendo que a música havia terminado.

Como seria se eu me apaixonasse e começasse um nova vida naquele paraíso?, pensei com excitação.

— Bem, está na hora de irmos embora. — Daniel apontou para as últimas brasas da fogueira. — Nosso fogo apagou.

Apagou, ou acabamos de acendê-lo?, foi inevitável que eu me perguntasse.

Subi na cabine da caminhonete sem conseguir retirar o sorriso do meu rosto. De repente, descobri o porquê de colecionar tantas brochuras e fotografias de outros lugares. Tudo o que eu queria era a chance de recomeçar. E, naquele momento, tive a certeza de que havia chegado aonde queria estar.

CAPÍTULO V

Durante a noite toda, deitada em minha cama, eu não conseguia parar de pensar em Daniel. O momento em que dançamos na praia se repetia sem parar na minha cabeça. O modo como ele me olhara ainda me aquecia, e a voz grave e rouca sussurrando "Faça um pedido, Joy" reverberava no meu pensamento.

Assustei-me ao perceber o brilho do alvorecer se infiltrando pelas frestas da janela. Estava a ponto de me levantar quando ouvi passos nos degraus.

Daniel!

Afastei o edredom e saí da cama. Um segundo depois, já estava vestida. Então, cuidadosamente, perscrutei o silêncio. Havia luz no salão de entrada.

Sem fazer ruído, segui pelo corredor acarpetado e parei na entrada do saguão. Não havia ninguém à vista, e levei alguns segundos para perceber que a porta da frente estava aberta.

Encontrei Daniel sentado no jardim, semi-escondido pela névoa matutina. Dessa vez, nem mesmo pensei em recuar.

Estava a poucos passos dele quando avistei Bobby na doca. Ele falava com o ar, gesticulando e balançando a cabeça com força. Mesmo à distância, era possível ver que estava chorando.

Daniel emitiu um som ininteligível que, distorcido na névoa, ecoou como um gemido.

Sem pensar, pousei a mão no braço dele.

— Estou aqui — anunciei num sussurro.

Ele estremeceu a meu toque, mas não se virou para mim.

— Deus... Quanto tempo isso irá durar?

— Ele falará com ela até que não sinta mais necessidade — tranquilizei-o.

Permanecemos imóveis, lado a lado, enquanto Bobby gritava, chamando a mãe.

— Ele ficará bem — assegurei. — Bobby sabe que tem um pai que o ama. Isso teria feito toda a diferença para mim quando minha mãe morreu. Tudo o que eu tinha na ocasião era minha irmã caçula.

Lembrei-me do funeral de mamãe e de como eu ficara devastada. Stacey fora o elo que me fizera reunir os pedaços e me reestruturar. Ela fora minha força durante a longa doença de mamãe.

Stacey...

Pela primeira vez, eu não estremei ao pensar nela. A lembrança não feriu. Ao contrário, despertou saudade. Sentia falta da minha irmã; essa era uma verdade que, finalmente, eu começava a admitir.

Bobby correu pelo jardim, vindo na nossa direção.

— Estou aqui, rapaz.

Daniel se ajoelhou e abriu os braços para acolher o filho. As bochechas de

Bobby estavam molhadas pelas lágrimas, e ele recostou a cabeça no ombro do pai como quem encontrasse um porto seguro.

— Ela não veio... — gemeu, com a voz entrecortada pelos soluços. — Eu gritei, gritei, gritei... e ela não me ouviu.

— Oh, Bobby!

Daniel se ergueu com o filho nos braços. A expressão constricta revelava a angústia por encontrar as melhores palavras para dizer. Então, ele começou a cantarolar uma canção num idioma que não reconheci.

— Estou com medo, papai — Bobby balbuciou entre soluços.

— De quê?

— De esquecer a mamãe — foi a resposta em tom devastado pelo sofrimento.

Daniel apertou os lábios por um momento e, num ímpeto, seguiu para o chalé com passadas firmes.

— Eu deveria ter feito isso há muito tempo — resmungou, depositando o filho no sofá. — Espere aqui!

Daniel subiu a escada de dois em dois degraus, e Bobby me encarou, espantado.

— Eu fiz alguma coisa errada? — perguntou, confuso. Balancei a cabeça em negativa e me sentei ao lado dele.

— Conte-me sobre sua mãe — pedi.

— Mamãe? — A voz estremeceu, mas um sorriso tímido começou a brotar nos lábios rosados. Imaginei por quanto tempo ele havia esperado que alguém fizesse aquele pedido. — Ela gostava de cor-de-rosa. Era sua cor favorita. E ela falava muito, muito rápido!

Aquele detalhe me fez lembrar de minha própria mãe.

— Ela beijava minha testa para saber se eu estava com febre. Eu adorava isso.

— Um sorriso iluminou o rostinho triste. — Mamãe usava presilha de borboletas quando prendia os cabelos.

— Está vendo? Você nunca vai esquecer-la, Bobby. Eu prometo.

— Você também vai me deixar, não é? Vai fazer o mesmo que ela...

A pergunta, assim como a resignação triste na voz, foram difíceis de ouvir. Sabia que não deveria prometer nada que não pudesse cumprir, e pensei na melhor forma de dizer a verdade sem magoá-lo.

— Tenho minha vida na Califórnia, Bobby.

— Você promete que vai se despedir antes de ir embora? Promete que não vai desaparecer?

Minha vida podia estar confusa, mas aquela era uma promessa que eu podia fazer com segurança.

— Sim, claro que sim.

Daniel desceu os degraus carregando um álbum de fotografias com capa marrom e uma caixa de sapatos. Levantei-me, sentindo as pernas fraquejar. Aquele deveria ser um momento de intimidade entre pai e filho. Eu teria de me

recolher.

— Bem, vou para meu quarto. Tenho de...

— Não vá — Bobby pediu. — Papai, peça a Joy que fique.

— Por favor, Joy. Fique. — A autoridade na voz denotava mais uma ordem do que um pedido.

Simplemente não pude sair dali. Acomodei-me no tapete, ao lado da mesa de centro onde Daniel depositara o álbum.

— Joy disse que eu sempre vou me lembrar da mamãe — o pequeno comentou com um sorriso aliviado.

— Tenho certeza disso, rapaz — Daniel assegurou. — As preces que ela fazia antes de dormir ficarão conosco para sempre. — Ele encarou o filho com os olhos transbordantes de ternura. — Sua mãe amava você mais do que tudo.

— Eu sei. E ela amava você também.

— Isso mesmo.

Com o álbum de fotografias no colo, ele puxou Bobby para perto de si e abriu na primeira página. Uma série de fotografias em preto-e-branco retratavam um menino jogando bola, fazendo pose com a bicicleta enferrujada, empinando pipa, em cenas felizes de infância.

— É você! — Bobby exclamou, apontando a porta de madeira de um bar chamado Pig and Whistle. — E esse era o bar dos seus pais em Dublin!

Daniel assentiu e virou a página.

Maggie. Ela estava vestida de noiva e o sorriso transbordava felicidade.

Não pude deixar de pensar no meu próprio álbum de casamento, esquecido na estante de livros, juntando o pó de anos perdidos.

De repente, tive medo de não mais reconhecer meu ego mais jovem ao olhar as imagens da minha própria vida como um arqueólogo que estuda artefatos de uma raça extinta.

Reprimi os pensamentos e focalizei a atenção nas fotografias do álbum de Daniel.

As páginas seguintes continham dezenas de poses da cerimônia de casamento. Daniel passou por elas sem nenhum comentário; suspirou discretamente quando chegou ao fim.

— Este sou eu! — Bobby gritou, indicando a primeira fotografia de um álbum menor, guardado na caixa de sapatos.

— Sim. Foi tirada no dia em que você veio da maternidade.

— Por que mamãe está chorando?

— Porque ela o amava muito e estava feliz por trazê-lo para casa.

Daniel virou as páginas, contando a história da família naquele sotaque melodioso em que cada sílaba soava como um poema lírico.

— Este foi seu primeiro amigo, seu primo Sean... Sua primeira festa de aniversário... O dia em que você disse a primeira palavra, "Mamãe"...

À medida que virava as páginas, comecei a notar que havia menos fotografias de Maggie, e nenhuma de Daniel. O álbum todo retratava apenas Bobby.

Sabia como coisas desse tipo aconteciam. Dia a dia, sem perceber, deixávamos de registrar os flagrantes de uma vida infeliz. Tenho uma gaveta de álbuns semelhantes, onde as versões mais antigas são repletas de poses retratando Thom e eu, enquanto as mais recentes resumem-se a paisagens.

Quando Daniel chegou à última página, Bobby havia adormecido, deitado sobre a perna dele.

— Joy? — chamou suavemente.

O eco do meu nome, sussurrado no silêncio que pairava entre nós, me fez sorrir.

— Sim? — respondi baixinho, esperando que ele dissesse mais alguma coisa.

Como ele permaneceu mudo, decidi ser ousada.

— Talvez você e eu... — Não consegui terminar a frase.

Não sabia como pedir o que queria, mas não importava. Eu já tinha ido longe demais, já revelara muito.

Daniel balançou a cabeça e se afastou com brusquidão.

— Eu devo ter perdido o juízo! — disse por entre os dentes, sem olhar para mim.

Então, suspendeu Bobby e carregou-o escada acima.

Mortificada, cobri o rosto com as mãos. Onde eu estava com a cabeça ao me insinuar para um homem com as fotografias da esposa entre nós?

Como sempre, eu havia cometido mais uma gafe. Mais uma vez, eu estava sozinha.

Por volta das sete horas, levantei-me e tomei um banho. Fui para a cozinha e encontrei Daniel enchendo uma xícara com café.

— Hum... — ele murmurou, fechando os olhos ao saborear a bebida. — Era tudo que eu estava precisando.

Enchi uma xícara para mim e sorri.

— Temos hábitos em comum — comentei. — Café, e o desejo de recomeçar a vida.

No minuto em que as palavras saíram da minha boca, tive vontade de trazê-las de volta. Pior que as palavras, fora minha insinuação sensual e provocante.

Senti-me a maior idiota da face da Terra. Tudo o que eu dizia a Daniel soava mal. Isso não era de se surpreender. Não tive muita experiência com os homens. Apaixonei-me por Jed Breen no colegial e por Jerry Wist no verão depois que me formei, e foi tudo. Conheci Thom numa festa quando estava no segundo ano da faculdade, começamos a namorar e nos casamos.

Apanhei a xícara de café e saí da cozinha. Bobby correu até mim assim que pisei na saía.

— Joy, você quer me ensinar a ler?

— Claro!

Ele me conduziu ao sofá. Por horas, ficamos concentrados na atividade. Eu o elogiava e encorajava, enquanto ouvia Daniel trabalhar no telhado. Esforcei-me para manter as cenas da noite anterior afastadas do pensamento.

— Joy. Joy!

Pestanejei, sobressaltada, quando Bobby me chamou.

— Sinto, muito... Eu me distraí — desculpei-me, criticando-me por agir como uma adolescente apaixonada. — O que você disse?

— O que está escrito aqui?

Concentrei minha atenção ao livro aberto no meu colo, Pinóquio. Bobby estava fascinado pela história do menino de madeira que queria ser como os demais, de carne e osso.

— Vejamos...

Soletrei as palavras "Fada Azul", e Bobby repetiu com atenção.

— Eu queria que a Fada Azul transformasse Freddy num ursinho de verdade — ele comentou com ar sonhador.

Se a Fada Azul existisse, aquele não seria o único desejo que ela teria de conceder, pensei comigo.

A porta da frente se abriu com impetuosidade e Bobby fechou o livro rapidamente. Ele queria surpreender o pai com a leitura, e escondeu-o sob a almofada do sofá.

Daniel parou perto do balcão, com a camisa de flanela molhada de chuva e suor e o rosto sujo de serragem. Retribuí o sorriso do filho, revelando os dentes brancos e brilhantes.

— Ei! — saudou, pendurando a jaqueta no espaldar de uma cadeira. — Tive de interromper o trabalho. Há uma tempestade se aproximando.

— Uma tempestade? — Bobby arregalou os olhos, apavorado. — Odeio tempestades!

— Não se preocupe, rapaz. Estou aqui para protegê-lo.

Somente então notei como o saguão estava escuro. As sombras das nuvens carregadas obscureciam as águas do lago.

— Ligue a televisão, Bobby — Daniel pediu, tirando as botas molhadas a caminho da escada. — Coloque no canal de notícias para sabermos da previsão do tempo. Vou tomar um banho e volto já.

Bobby apanhou o controle remoto, e uma repórter loira surgiu na tela, noticiando o roubo de um carro em Hoquiam, próximo a Seattle.

Do lado de fora, a chuva pesada encobriu a terra. Bobby gritou quando um raio cortou o céu, e me aproximei o suficiente para tomar a mãozinha fria entre as minhas.

— Não se preocupe, Bobby. Eu...

Calei-me quando a repórter fez a chamada para uma reportagem sobre o acidente de avião. Tive vontade de gritar para que Bobby mudasse de canal, mas

minha voz não saiu.

— ...cerca de cento e vinte quilômetros ao norte daqui, na última sexta-feira, Como informamos anteriormente, todos os passageiros foram socorridos e levados aos hospitais da região.

Naquele momento, a imagem da minha carteira de habilitação preencheu a tela.

— Joy Faith Candellaro — a repórter anunciou, como se estivesse retransmitindo uma receita de caçarola de atum, e não a notícia de uma pessoa desaparecida —, de Bakersfield, Califórnia. Segundo Riegert Milosovich, o guia turístico responsável pelo frete do jato, a sra. Candellaro conseguiu uma passagem de última hora e estava a bordo do avião quando...

— A tempestade já passou? — Bobby perguntou com nervosismo.

— Espere um minuto, Bobby.

Um estrondo rugiu no céu, interrompendo momentaneamente a transmissão. Desesperada, aproximei-me do aparelho e cobri a boca com as mãos quando a imagem voltou. Stacey apareceu na tela; trajava o conjunto de moletom amarelo que eu lhe dera em seu último aniversário. Thom, ao lado dela, aparentava estar dez anos mais velho, a expressão abatida e deprimida.

— Estamos rezando para que Joy volte para nós. O Natal é a época em que milagres acontecem. Estamos esperando por um milagre — Stacey disse à repórter.

— Veja, Joy! Ela é parecida com você! — Bobby observou, apontando para minha irmã.

— Tem razão — respondi sem lhe dar atenção.

Eu tinha ouvido o mesmo durante minha vida toda. Gêmeas irlandesas... Duas irmãs quase idênticas, separadas por menos de um ano de diferença de idade.

Na imagem da televisão, a tristeza de Stacey era óbvia. Quem diria que ela sentiria tanto a minha falta?

Subitamente, a verdade que escondi de mim se descortinou. Era óbvio que Stacey sentiria minha falta. Mas tudo o que eu queria era que ela sofresse e se arrependesse do que fizera. Só que não suportei a crueldade de deixá-la acreditar que eu estava morta.

— Joy?

Bobby deu um pulo do sofá quando o chulé estremeceu com um trovão.

— É só uma tempestade, rapaz — Daniel o tranqüilizou, descendo a escada. — Não tenha medo. Estamos seguros aqui.

— Eu sei. É que estava assim quando mamãe...

— Shh... Não pense nisso.

Daniel pegou-o no colo e o estreitou no peito, carregando-o para o andar de cima. Enquanto subia a escada, cantarolava a mesma melodia em seu idioma natal. Não foi necessário entender as palavras para saber que a letra falava de amor e aconchego.

Esprei alguns minutos e fui para o balcão, decidida a ligar para Stacey. Peguei o telefone e disquei o número que sabia de cor. Depois de dois toques, um raio iluminou o mundo como uma gigantesca luz estroboscópica, e o telefone ficou mudo no mesmo instante em que tudo se tornou escuro.

— Joy, acorde!

Alguém tocava meu braço, cutucando-me com força.

Desorientada, abri os olhos e me esforcei para encontrar o foco.

Deparei-me com Bobby ao lado da cama, fitando-me com expressão preocupada.

Eu não me lembrava de ter dormido tão profundamente antes. Na noite anterior, depois que o telefone ficou mudo e o fornecimento de energia elétrica foi interrompido, eu havia ido para a cama e me deitara de roupa e tudo.

— Bom dia, Bobby — cumprimentei-o, sentando-me na cama. — O que houve?

— Sonhei que você tinha ido embora.

Fechei os olhos e suspirei. Como eu pude ser tola a ponto de achar que aquilo terminaria bem?

— Você vai embora?

Quis mentir e dizer que ficaria para sempre. E, acima de tudo, desejei que fosse verdade. Porém, eu não pertencia àquele lugar selvagem, não importava o quanto desejasse estar ali. Toquei a bochecha rechonchuda, consciente de que, um dia, ele seria um homem feito e não se lembraria mais de mim.

— Eu quero que você fique — ele determinou em tom firme.

— Querido, ouça... Você tem um pai que o ama, e eu tenho uma irmã que está esperando para receber meu perdão. Eu preciso ir para casa. Isso foi o que aprendi aqui, com você e seu pai.

— Mas se você for embora, vou sentir sua falta. Você não se importa com isso?

Não consegui responder. As lágrimas sufocaram minha voz. Ele me encarou com olhar acusador.

— Você me ajudou a montar a árvore de Natal. Devia ficar para abrimos os presentes.

— Eu não posso...

— Por favor...

Como dizer não, especialmente quando era o que eu mais queria?

— Está bem — concordei por fim. — Ficarei até a manhã de Natal, mas depois, tenho de ir para casa. Combinado?

— Você promete?

— Sim, eu prometo.

Bobby gritou de alegria e saiu correndo do quarto para contar a novidade ao pai. Duvidei que Daniel ficasse tão feliz quanto ele, mas, enfim, nem tudo podia ser perfeito...

Tomei um banho demorado para me livrar da preguiça e vesti a calça e o suéter, decidida a telefonar para Stacey a qualquer custo. Momentos depois, ouvi o ronco do motor se afastar e soube que Bobby e Daniel haviam saído. Na certa, o telefone continuava mudo, e lamentei não ter me levantado mais cedo para pegar carona até a cidade.

Disposta a falar com Stacey, segui pela estrada sinuosa que levava ao vilarejo. O vento frio fustigava meu rosto, e marchei adiante, me desviando das poças de lama deixadas pela tempestade da noite anterior.

Depois do que pareceu uma eternidade, identifiquei o som de carros e buzinas ao longe. Animada com a perspectiva de chegar, apertei o passo e, logo depois, avistei as ruas movimentadas.

Ansiosa por encontrar um telefone público, segui pelas ruas em direção ao centro como quem procura um oásis no deserto. Meus dedos tremiam quando finalmente entrei na cabine e segurei o aparelho em minhas mãos.

Mudo! Bati com força no suporte do bocal, mas não havia o menor sinal de linha. Aflita, olhei ao redor e avistei um posto de gasolina com as luzes acesas. Na certa possuía um gerador.

— Posso usar seu telefone? — pedi ao senhor sentado numa banqueta ao lado da bomba de gasolina. — É uma emergência.

— O telefone está mudo — ele informou com pesar.

— Oh, não! — lastimei, apertando as mãos.

Ele coçou o queixo e me estudou com olhos atentos.

— Bem, já que se trata de uma emergência, posso lhe emprestar meu celular.

— Oh! Muito, muito obrigada! — exclamei, contendo o ímpeto de beijá-lo.

Peguei o aparelho que ele me estendeu e digitei os números com ansiedade crescente.

— Feliz Natal! — as vozes de Stacey e Thom ecoaram em uníssono na secretária eletrônica. — Não estamos em casa. Por favor, deixe sua mensagem, que retornaremos assim que possível.

Fiquei sem ação por um momento. Por fim, pensei em Stacey, no sofrimento que meu desaparecimento provocara, e na minha recém-conquistada disposição para perdoar.

— Ah... Olá, Stacey. É Joy. Eu estou bem. Não se preocupe comigo. Voltarei a ligar na manhã de Natal. Um beijo.

Desliguei e devolvi o aparelho para o senhor, que ouvia a conversa sem disfarçar a curiosidade.

— Obrigada. Acredite, serei eternamente grata por sua gentileza.

— Você pode continuar falando com ela, se quiser.

— Não, obrigada. Já terminei.

Despedi-me com um sorriso de gratidão e saí para a calçada, com a sensação de ter cumprido meu dever.

Parei na esquina e olhei para os lados, confusa. Na ansiedade de falar com Stacey, eu não havia prestado atenção ao trajeto. Contornei à direita e andei alguns quarteirões sem saber para onde estava indo, até que avistei o parque em que estivera com Bobby e Daniel. Com esperança de encontrar a estrada para a pousada, segui para lá.

Quando achei que o tempo não podia ficar pior, começou a nevar. A paisagem se tornou esbranquiçada e o vento gélido alvoroçava os flocos de algodão que caíam do céu. Comecei a tremer de frio, pouco agasalhada dentro do meu suéter, e lamentei profundamente não ter dinheiro para comprar um casaco mais apropriado para a nevasca. A única solução para combater a friagem era me manter em movimento. Assim, pus-me a andar sem ramo certo, consciente de que, se parasse, seria meu fim. Minhas pálpebras pesavam e os dedos do pé adormeceram, congelados. Flocos de neve encobriam minhas bochechas, provocando a estranha sensação térmica de queimadura.

Se eu caísse, não conseguiria me levantar, e morreria congelada.

Não havia ninguém nas ruas para me socorrer, e quase ri histericamente ao pensar que somente um lunático se arriscaria a sair de casa com um tempo daqueles.

Ri ainda mais da ironia do destino. Eu havia escapado de uma explosão e do risco de morrer carbonizada para o outro extremo, onde estava arriscada a morrer de hipotermia.

Uma onda de pânico me paralisou momentaneamente, e obriguei-me a focalizar a mente em pensamentos bons, como o chalé, com Bobby e Daniel no deque, esperando por mim...

Estariam em casa? Teriam notado que eu estava ausente? Eles se preocupariam? Quanto tempo fazia que ninguém me esperava em casa, ou se preocupava comigo?

Stacey. Essa foi a única resposta para as perguntas.

Mesmo com tudo o que acontecera, tudo o que ela fizera, a verdade estava lá, enterrada sob o ressentimento: eu sentia falta da minha irmã. Queria contar a ela sobre minha aventura na floresta, queria falar sobre o homem e o menino que eu passara a amar do fundo do coração...

Andei a esmo e, como por milagre, encontrei a estrada que levava à pousada. Meus dentes batiam, e o ruído seco se confundia com o uivo do vento. Eu não conseguia enxergar a um palmo diante do nariz. O mundo fora envolvido por um manto branco, denso e gelado.

Estava tão concentrada em seguir em frente que não distingui o baralho de um motor. Segundos depois, um tênue fecho de luz se irradiou de algum ponto atrás de mim, iluminando a neve que caía ao meu redor.

Revitalizada pela esperança de ser resgatada, parei e me virei, acenando os braços com toda a força que pude encontrar. A caminhonete vermelha de Daniel

surgiu na estrada como a imagem de um sonho. Abaixei os braços, hesitante. Seria real, ou eu estaria tendo alucinações provocadas pelo desequilíbrio térmico? O carro parou a poucos passos de onde eu estava, e a materialização de algo sólido no meu campo de visão me devolveu o senso de direção. Percebi, horrorizada, que eu estivera caminhando pelo meio da estrada, correndo o risco de ser atingida por algum veículo que passasse.

— Joy?

Tentei responder ao chamado de Bobby, e até mesmo sorrir, mas tudo o que ouvi foi o som dos meus dentes batendo. Quando dei por mim, eu chorava convulsivamente. Foi então que percebi como estava apavorada, não apenas por estar perdida, e sim, pela solidão.

— Papai, faça alguma coisa! — Bobby gritou. — Joy está congelando no meio da estrada!

Daniel abriu a porta da cabine e saltou.

— Eu... Eu estou bem... — balbuciei, sentindo-me reviver ao ser envolvida pelo calor dos braços de Daniel.

Ele me carregou para a caminhonete e Bobby abriu espaço para mim. Meus membros estavam rígidos como se eu fosse um bloco maciço de gelo.

— O... bri... gada... — agradei aos solavancos, batendo o queixo.

— Está contente agora? — Daniel perguntou ao filho ao fechar a porta do carro.

— Sim, papai. Podemos ir para casa — Bobby respondeu com um suspiro de alívio.

Por que Daniel me olhava daquela forma, como se procurasse ver através de mim? Nunca vira uma mulher congelada antes? Havia um brilho estranho nos olhos dele, que revelava mais do que preocupação.

— Uma pessoa pode morrer numa nevasca dessas — comentou com gravidade ao se sentar atrás do volante. — Mas parece que Joy é mais forte que todos nós.

Eu abaixei o rosto, mortificada. Não queria que ele soubesse como fora estúpida, nem que me visse naquele estado.

— Eu estou bem, não se preocupe. Precisava encontrar um telefone para falar com minha irmã.

— Papai tem um celular — Bobby disse em tom acusador.

As simples palavras denunciaram o quanto estava aborrecido. Ele julgara que eu havia partido sem me despedir, como a mãe.

— Papai está rodando com a caminhonete há mais de duas horas, procurando por você. Eu não deixei que ele desistisse até encontrá-la.

— Obrigada, Bobby. Vocês salvaram minha vida! — agradei com sincera gratidão.

— Quando chegamos em casa e não a encontramos, eu disse a ele que você prometeu ficar até a manhã de Natal, e que devia estar em dificuldades.

— É verdade. — Ousei encarar Daniel. — Bobby me convidou para passar a

manhã de Natal com vocês.

Ele não olhou para mim, concentrado em dirigir. Ao menos, foi no que preferi acreditar. Talvez não tivesse ficado satisfeito por saber que teria uma intrusa atrapalhando seu Natal com o filho.

— O que você acha disso, Daniel? — Decidi tirar a dúvida.

No silêncio que se seguiu à minha pergunta, o uivo do vento lá fora ecoou com força dobrada. Daniel poderia me ferir com um olhar ou uma palavra, mas eu quis correr o risco. Afinal, passar o Natal com Bobby e Daniel era tudo que eu queria. Seria o desfecho perfeito para a minha aventura. Então, eu voltaria para Bakersfield, para minha vida medíocre e solitária.

— Papai? — Bobby estimulou, ansioso pela resposta. — Você quer que Joy fique para o Natal, não é?

Daniel suspirou alto, sem desviar os olhos da estrada.

— É claro que sim.

Claro! Como se minha pergunta não fosse necessária.

A tensão se dispersou, e eu relaxei no assento. Aos poucos, o calor da cabine me revigorou. Relaxei os músculos tensos e regulei o ritmo da respiração, encolhida ao lado de Bobby.

— O que a sua família faz na manhã de Natal? — ele perguntou, curioso.

— Minha mãe nos levava à igreja — respondi, sentindo-me um pouco melhor.

— Era o que minha mãe e eu costumávamos fazer — lembrou com voz embargada.

— Bem, mas depois que minha mãe morreu, minha irmã e eu continuamos indo à igreja para acender velas e rezar por ela. Assim, ela se lembrará que ainda a amamos.

— Você poderia acender uma vela para a minha mãe, quando for a igreja?

— Se você for comigo, podemos fazer isso juntos.

Bobby refletiu alguns segundos sobre a proposta e assentiu, hesitante.

— Está bem.

— Sobre o que vocês estão conversando? — Daniel perguntou, abaixando o volume do rádio.

— Joy vai me ajudar a acender uma vela para mamãe na manhã de Natal.

— Na igreja? — Daniel desviou a atenção da estrada para encarar o filho.

Bobby confirmou com um gesto de cabeça, e meus olhos se encheram de lágrimas com a reação emocionada de Daniel.

— Estou orgulhoso de você, rapaz — murmurou, puxando o filho para si com o braço livre. — Você é tudo que tenho, Bobby. Formamos um time agora, você e eu.

A voz macia e morna penetrou em meus tímpanos e me aqueceu por dentro. Consciente de que ali, com aquelas pessoas, eu estava segura, descansei a cabeça contra o vidro e fechei os olhos. Se algum dia no futuro eu passasse a

desacreditar do amor, lembraria daquele momento para reassegurar minha crença.

— Papai, eu não quero que Joy vá embora.

— Eu sei, rapaz.

Eu me endireitei lentamente no banco. Uma dor profunda floresceu em meu peito. Quis gritar que ficaria com eles pelo resto da minha vida, bastava que Daniel dissesse uma palavra...

— Quem sabe ela possa voltar daqui a algum tempo, não é?

— Talvez... — murmurei, admirando o perfil do rosto másculo.

Daniel sorriu e pareceu anos mais jovem, Prendi a respiração. Seria tão fácil me perder naquele sorriso e me encontrar no mundo...

— Se Joy voltar, ela pode ficar conosco?

Daniel franziu a testa, e imaginei se, assim como eu, ele também estava à procura de uma palavra que, de alguma maneira, nos unisse.

— É claro que sim — respondeu por fim.

— Você promete? — Bobby insistiu.

— Dou minha palavra — o pai respondeu, erguendo a mão direita. — Tudo que ela tem a fazer é bater à porta, e eu a deixarei entrar.

Bobby riu alto, e foi o som mais puro e cristalino que já ouvi na minha vida.

Quando chegamos ao chalé, a energia elétrica havia voltado. Daniel e Bobby foram para a cozinha preparar o jantar e eu corri para o chuveiro. Estava exausta, tremendo da cabeça aos pés e com a sensação de que meus ossos estavam congelados. Comida era a última coisa em que eu queria pensar.

Entre sob o jato quente e perdi a noção do tempo, deixando que a água massageasse minhas costas. Tentei não pensar, mas era impossível esquecer que era antevéspera de Natal. Aquela seria minha penúltima noite com Daniel e Bobby.

Quando Stacey voltasse para casa, ouviria a mensagem que eu deixara na secretária eletrônica e começaria a me procurar. As autoridades fariam perguntas que eu não estava disposta a responder. Ninguém entenderia por que preferi me esconder depois do acidente, em vez de procurar ajuda.

Ninguém, exceto Daniel. Por alguma razão que não pude articular, tive certeza de que ele compreenderia minha escolha bizarra. Ele era um homem que entendia de mágoa, traição e perda. Imaginei que fora por isso que comprara a pousada, anos atrás, quando a família vivia enclausurada no concreto na cidade grande. Às vezes, a mudança de paisagem era a resposta para os problemas.

Stacey também entenderia. Estava certa de que me perdoaria. Mas a pergunta era: eu poderia perdoá-la? Nem mesmo depois de aprender uma valiosa lição

sobre tolerância e amor, eu tinha certeza se seria capaz.

Terminei o banho e estendi o suéter úmido na cadeira diante do aquecedor elétrico. Era engraçado não ter nenhuma bagagem para carregar no dia seguinte, quando fosse embora. Eu levaria tudo no coração.

Encontrei Bobby e Daniel no saguão, assistindo a um filme de Natal, e me sentei na poltrona ao lado da lareira.

— Papai e eu fizemos lasanha para o jantar — Bobby anunciou com alegria. — Você está com fome?

— Não — declarei, percebendo a verdade da afirmação.

Era curioso, mas desde que eu chegara na pousada, podia contar nos dedos de uma mão as refeições que havia feito. Meu apetite tinha desaparecido. Ponderei que estava tão feliz com tudo o que estava vivendo que isso bastava para alimentar minha alma.

— Colocamos a travessa no forno e papai disse que ficará pronta quando o filme terminar.

Relaxei na poltrona, antecipando o prazer de uma deliciosa refeição em família, em vez de me angustiar com minha partida no dia seguinte. O único problema era que eu podia correr para longe da minha vida e do meu passado, mas não havia como me distanciar do meu próprio coração.

Minhas pálpebras pesaram e eu adormeci sem perceber.

— Eu conheço um menino que precisa ir para a cama... — Acordei com a voz melodiosa de Daniel.

— Ah, não! — Bobby resmungou.

— Ah, sim! — Daniel imitou-o.

— Não posso, papai — ele argumentou. — Joy está dormindo e ainda não comeu.

— Não se preocupe, Bobby. — Abri os olhos, sonolenta. — Estou sem fome. Mais tarde, posso preparar um sanduíche para mim.

— Oh, mas ainda temos de embrulhar seu presente.

— Agora?

— Amanhã é véspera de Natal, papai! — Bobby reafirmou. — Todos os presentes precisam estar debaixo da árvore.

Daniel cruzou os braços e olhou para o filho com ar cético.

— Isso não é um truque para você não ir para a cama?

— Juro que não! — Bobby ergueu a mãozinha roliça.

— Hum... Está bem. Espero você daqui a meia hora.

Quando ele saiu, Bobby correu para o sofá e tirou o livro que escondera sob as almofadas.

— Vamos praticar mais uma vez? — pediu. — Vou ler o livro para o meu pai. Esse será o presente dele!

— Ele vai adorar! — exclamei, emocionada.

Nos sentamos nas confortáveis almofadas com o livro aberto sobre o colo de Bobby. Ele se concentrou na leitura e, embora gaguejasse um pouco, fiquei satisfeita com sua evolução.

— Agora, Arnie Holtzner não vai mais me chamar de burro na escola — ele disse ao terminar a leitura.

— Isso mesmo. — Eu sorri e passei a mão pelos cabelos macios. — Bem, ainda temos alguns minutos antes de você ir dormir. Quer me ajudar a fazer uma coisa?

— Claro! O que quer que eu faça?

— Preciso de papel e caneta, ou lápis.

Bobby correu para o balcão e voltou com um bloco de papel e um giz de cera amarelo.

Acomodei-me no chão, coloquei o bloco sobre a mesa de centro e estendi-lhe o crayon.

— Quero que escreva uma carta. Será meu presente de Natal para seu pai.

— Eu não consigo...

— Você consegue, sim — eu o interrompi. — Será bom para você praticar a escrita. Venha.

Hesitante, ele apanhou o giz e posicionou a mão sobre o papel.

— Vou ditar algumas palavras, está bem? A primeira palavra é "idéia".

Soletrei e esperei com paciência que ele se lembrasse de cada letra. O giz tremia na mão pequenina, e ele segurava com força, aceitando bravamente o desafio.

Levamos quase quinze minutos trabalhando juntos e, por fim, as palavras ganharam vida na letra infantil, grande e arredondada. Era necessário certo esforço para entender, mas as palavras estavam ali, claras e explícitas:

Idéias para o Chalé do Conforto:

Reformar as cabanas.

Envernizar as janelas.

Instalar banheira em todos os banheiros.

Mudar o nome da pousada.

Não cortar árvores velhas.

— Eba, eu consegui! — Bobby sorriu, vitorioso. — Minha mãe ficaria feliz se papai fizesse tudo isso. Você acha que ele vai aceitar sua idéias?

— Eu gostaria que sim, Bobby. No fundo, espero que este bilhete sirva para alimentar a esperança dele de que tudo dará certo. — Fitei os olhos aveludados e meu coração se encheu de ternura. — Não se esqueça, querido... Você e seu pai agora formam uma equipe. Uma família.

Bobby assentiu e seu olhar se obscureceu pela tristeza.

— Você vai voltar um dia, não é, Joy?

— É claro que sim, nem que tenha de enfrentar os piores monstros do mundo! — afirmei com convicção.—Agora, vamos dobrar a carta e colocá-la sob a árvore

antes de você ir para a cama.

Ele obedeceu e me desejou boa noite com um beijo doce e terno.

Sozinha no saguão, sentei-me em frente à lareira e fiquei olhando enquanto as brasas se extinguíam. Sem sono, saí para a varanda e inalei o ar frio e perfumado. Os flocos de neve sobre a relva começavam a derreter, formando um leito úmido e macio. Fui atraída pelo apelo silencioso da noite e, num impulso, tomei a trilha que levava ao lago.

Acima de mim, as nuvens se afastaram para dar passagem à lua cheia. Ao longe, a voz de uma mulher foi trazida pelo vento, como um murmúrio suave. Um calafrio percorreu minha espinha e eriçou os pelos da minha nuca. Embora eu soubesse que era impossível, ouvi claramente a voz dizendo:

— Ali...

Fixei as pedras à margem do lago. Repousando sobre a areia macia, reluzia uma luz prateada. Aproximei-me, e sorri ao ver uma ponta-de-flecha branca, iluminada pelo clarão da lua. Ajoelhei-me e peguei-a na mão, e ela se ajustou perfeitamente à minha palma, lisa como seda e fria como um floco de neve. Olhei ao redor para agradecer à mulher pela pista, mas não havia ninguém por perto.

Claro que não havia!

Com um sorriso, pisei no deque e contemplei as águas escuras do lago, numa prece silenciosa.

— Obrigada, Maggie — murmurei suavemente antes de retornar no chalé.

CAPÍTULO VI

Parada à janela do meu quarto, olhei a relva molhada que recobria o quintal. As marcas da neve do dia anterior haviam quase desaparecido. Dali de onde eu estava, podia ver o telhado de uma das cabanas. Imaginei que, na primavera, flores pequeninas brotariam do chão, abrindo caminho entre o musgo. Mas na véspera de Natal, o dia frio e chuvoso combinava com meu estado de espírito.

Pensei em Stacey, na última vez em que a vi, suplicando que eu a ouvisse... Foi inevitável lembrar-me de Thom, o homem que eu jurei amar para sempre, e que amava minha irmã.

Os pensamentos me entristeceram, mas percebi que já não me destruíam mais. Não sei quanto tempo fiquei ali, refletindo sobre minha vida. Quando finalmente tomei banho e me vesti com as roupas emprestadas de Maggie, fui para o salão de entrada e vi Bobby agachado em frente à árvore de Natal, com Daniel atrás dele.

Fiquei parada, olhando, sem que notassem minha presença. Bastou olhar para pai e filho arrumando os presentes sob a árvore para que toda a minha amargura se dissipasse. Um sorriso brotou em meus lábios, e senti que vinha da alma, alegrando meu espírito.

De alguma forma, eu havia proporcionado aquele momento. Sem aquela árvore, eles não teriam conseguido retroceder no tempo e reafirmar o elo que havia entre ambos.

Esperei poder fazer o mesmo para mim. Stacey e eu precisávamos de um reencontro como aquele.

Bobby pressentiu minha presença e se virou de repente.

— Joy! — gritou, excitado, chacoalhando uma caixa embrulhada em papel vermelho. — Este é o seu presente!

— Oh, Bobby... — Meus olhos ficaram marejados. — O que é?

— Você terá de esperar até amanhã para saber! — ele disse com uma risada marota. — Papai e eu vamos visitar os velhinhos. Todos os anos, o padre James organiza um café da manhã especial para os moradores do asilo. Mamãe sempre me levava, e eu pedi ao meu pai para ir comigo.

Minha pele se arrepiou. Aquilo era exatamente o que minha mãe e eu fazíamos na véspera de Natal. Ela preparava potes de biscoitos de avelã e levava ao asilo perto da nossa casa. Depois que me tornei adulta, continuei a tradição que minha mãe instituíra anos atrás.

— É melhor nos apressarmos — Daniel avisou, pegando Bobby pela mão.

Corri para o quarto e domestiquei os cabelos revoltos, lamentando não ter nenhum batom comigo.

Daniel e Bobby me esperavam na caminhonete, e eu me acomodei no banco ao

lado deles, com a sensação de que também era parte da família.

A cidade brilhava com os reflexos da chuva e as luzes coloridas. As ruas centrais, repletas de carros e transeuntes, retratavam a agitação alegre do Natal.

Daniel parou na vaga do estacionamento de um edifício antigo de três andares. No interior movimentado, auxiliares de enfermagem trajando uniforme branco transitavam para todos os lados. Daniel nos conduziu ao refeitório, com diversas mesas cobertas por toalhas com estampa xadrez vermelho e verde.

— Vou para a cozinha ajudar a preparar a comida, está bem? — avisou.

— Você quer ajuda? — Bobby ofereceu.

— Não, rapaz. Você ainda é pequeno para isso. Vá brincar com seus soldadinhos. Virei-me para perguntar a Daniel o que eu teria de fazer, mas ele havia sumido de vista. Caminhei pelo corredor, olhando para dentro dos quartos, vazios em sua maioria. No final do corredor, encontrei uma senhora sentada numa cadeira, olhando pela janela. Os cabelos brancos emolduravam um rosto pequeno e enrugado. Ela usava um batom vermelho que realçava a alvura da pele, e os olhos revelavam uma mulher que fora deslumbrante na juventude.

— Olá — cumprimentei-a, mantendo certa distância. — A senhora gostaria de ajuda para caminhar até o refeitório?

— Já está na hora? — Ela me encarou, preocupada.

— Creio que começarão a servir daqui a pouco.

— Oh... — Ela cruzou as mãos sobre o colo, desolada. — Minha irmã prometeu vir tomar o desjejum comigo...

— Tenho certeza de que a encontrará no refeitório — assegurei, estendendo-lhe a mão. — Deixe-me ajudá-la.

Ela não ofereceu resistência quando eu a amparei, e seguimos de braços dados pelo corredor. A maioria das mesas do refeitório já estava ocupada, e paramos à porta, procurando uma cadeira vaga.

— Sra. Gardiner, o que está fazendo aqui? — Uma das enfermeiras se aproximou com expressão preocupada. — Deveria estar na cadeira de rodas!

— Ela não teve nenhuma dificuldade para caminhar — eu comentei, sentindo-me culpada.

— Onde está ela? — a senhora murmurou, olhando ao redor.

— Sra. Gardiner, a senhora sabe que Dora morreu, mas seu filho e suas netas estão aqui. — A enfermeira apontou para uma mesa ocupada por um homem e duas meninas lindas. — Ali estão eles.

Os três se levantaram quando nos viram, e mesmo à distância, notei a expressão triste no rosto do filho.

— Olá, mamãe — saudou, abraçando-a.

— Onde está Dora?

— Venha, mamãe. Suas netas estão aqui.

O homem segurou-a no braço e a conduziu para a mesa.

— Pobrezinha... — A enfermeira balançou a cabeça com pesar. — Passou a manhã inteira à espera da irmã que morreu há mais de quinze anos.

Assenti com tristeza e me encaminhei ao bufê para ajudar, mas havia voluntários suficientes para servir a comida. Procurei por Bobby, e ele não estava à vista. Daniel conversava com uma senhora enquanto enchia o prato dela com biscoitos de chocolate.

Sem ter o que fazer, saí para o pátio e avistei Bobby sentado num banco, brincando de guerra com seus soldadinhos.

— Olá. Você não vai comer? — perguntei ao me aproximar.

— Não. Papai fez panquecas quando acordamos — respondeu sem me encarar.

— Por que está sozinho aqui fora?

— Sou pequeno demais para ajudar. — Não deixei de notar o tom de ironia. — Mamãe nunca dizia isso. Ela sempre me deixava dobrar os guardanapos e colocá-los nas mesas.

— Você disse ao seu pai que queira ajudar?

Ele balançou a cabeça, parecendo extremamente infeliz.

— Bobby, você tem de dizer às pessoas o que sente...

Calei-me de súbito. Stacey tentara me dizer o que ela sentia, e eu não permiti.

— ...e dar chance a elas de fazerem o mesmo — concluí com esforço.

Nesse momento, Daniel surgiu à porta e olhou ao redor.

— Eu estava me perguntando onde você teria se metido, rapaz!

— Ele está desapontado por não poder ajudar — comentei, passando a mão pelos cabelos sedosos.

— Você ouviu o que Joy disse, papai? — Bobby reafirmou, estimulado pelas minhas palavras. — Mamãe sempre me pedia para ajudar.

— Sinto muito, rapaz. — Daniel pareceu genuinamente surpreso. — Acho que ainda tenho muito que aprender sobre a arte de ser pai.

— E eu também tenho que aprender a falar sobre o que sinto — Bobby completou. — É o que Joy diz.

— Joy é uma moça inteligente, rapaz — Daniel murmurou com suavidade. — Vamos para a igreja. A missa vai começar.

— Oh...

— Não há motivo para ter medo — Daniel assegurou ante a hesitação do filho.

— Vamos acender uma vela para sua mãe. Ela vai gostar.

— Você vai comigo? — Bobby me perguntou com expressão de súplica.

— É claro que sim!

O garoto respirou fundo e relaxou os ombros.

— Está bem. Vamos.

As torres brancas da igreja se destacavam contra o céu azul. Paramos na calçada, com Bobby entre mim e Daniel, segurando nossas mãos com força. Ao nosso redor, as pessoas conversavam com animação enquanto subiam os degraus

de pedra para o interior.

— Papai, não saia de perto de mim — Bobby pediu.

— Não sairei, filho.

O padre James estava à porta, cumprimentando todos que entravam.

— Bem-vindo de volta, Robert — ele saudou com inequívoca alegria. — Nós sentimos falta de você.

Bobby balançou a cabeça, numa resposta silenciosa. Pude sentir a hesitação dele ao pisar na nave, embora aparentasse a maior dignidade possível.

— Você é um rapaz valente — encorajei-o, com o coração transbordando de orgulho pela criança que lutava bravamente contra o medo.

Ele nos conduziu para a fileira dos fundos, deixando evidente que preferia ficar perto da saída. Daniel e eu o seguimos sem protestar.

Em poucos minutos, todos os bancos foram ocupados. Quando o padre deu início à missa, percebi que eu havia me afastado da minha própria fé. Nunca mais fora à igreja desde o funeral de minha mãe.

O padre James falou sobre perdão e renascimento do amor, num sermão que parecia dirigido a mim. Abençoou a congregação e sugeriu que todos fizéssemos nossas orações particulares, e Bobby puxou a manga da camisa do pai para chamar-lhe a atenção.

— Mamãe pode me ouvir daqui? — perguntou baixinho.

— É claro que sim. Ela pode ouvi-lo de todos lugares — Daniel respondeu. Então, o pequeno juntou as mãozinhas diante do peito e fechou os olhos.

— Mamãe, estou muito arrependido por ter ficado bravo com você.

— Oh, Bobby... — Daniel balbuciou, com os olhos marejados.

— Eu disse a ela que a odiava — ele explicou, pesaroso.

— Ela sabe que você a ama, rapaz. Nenhuma briga tola pode mudar isso.

As palavras eram exatamente o que Bobby precisava ouvir. Um sorriso radiante iluminou o rosto angelical, e eu soube que ele havia encontrado o perdão.

Fechei os olhos, lutando contra as lágrimas.

Ao final da missa, os presentes se cumprimentaram, desejando Feliz Natal uns aos outros. Mantive-me afastada, sorrindo sem perceber. Uma felicidade inexplicável cresceu em meu peito. Eu havia me esquecido de como era bom me sentir em paz.

Seguimos a multidão ao pátio de estacionamento atrás de igreja, onde um coral, caracterizado com trajes vitorianos, cantava hinos sacros ao lado do presépio em tamanho natural. Voluntários serviam copos de sidra espumante e saquinhos de nozes quentes.

— Papai, não consigo ver o presépio — Bobby reclamou, estendendo os braços.

Daniel suspendeu-o do chão e o colocou sobre os ombros. O gesto natural e corriqueiro me comoveu. Lembrei-me que, dias atrás, pai e filho eram dois completos estranhos um para o outro.

A melodia suave flutuava no ar, mas eu só conseguia ouvir a respiração cadenciada de Daniel, próximo de mim. Meu coração disparou no peito. De súbito, tive consciência de que amava aquele homem e que jamais poderia ser feliz em outro lugar.

Aquele era o momento. O meu momento. Nos últimos dias, eu havia aprendido que a felicidade não pode ser desprezada. Tinha de dizer a ele como me sentia, pois na manhã seguinte eu teria de partir.

Virei-me e o encarei, decidida a abrir meu coração. Minha cabeça começou a latejar, como sempre acontecia quando eu entrava em pânico. Determinada a não deixar que o medo me dominasse, toquei-o no braço e chamei baixinho:

— Daniel...

De repente, um zumbido explodiu em meus tímpanos. Algo estava errado. Minha visão obscureceu e o chão pareceu derreter sob meus pés.

— Daniel! — gritei, agarrando-me ao braço dele.

— Joy? O que houve?

Uma vertigem fez o mundo rodar, mas ainda pude ver os olhos arregalados de Bobby.

Afastei-me da multidão, com a sensação de que estava num carrossel gigante girando sem controle. Esforcei-me para encontrar o foco, e os rostos das pessoas ao meu redor pareciam borrões desbotados. Stacey estava lá, misturando-se à multidão. Ela chorava e dizia alguma coisa que eu não compreendia. O burburinho excitado à minha volta ecoava em meus tímpanos, e distingui meu nome sendo chamado num apelo desesperado.

— Daniel, me ajude! — Ouvi minha própria voz vinda de muito longe.

Uma dor inexprimível explodiu em meu peito, fazendo meu corpo estremecer, e o mundo inteiro escureceu.

Quando abri os olhos, eu estava num ambiente claro e luminoso. Porém, não era minha cama no quarto 1A; as paredes eram revestidas de azulejos brancos até o teto.

Havia pessoas ao meu redor, trajando aventais verde-claros, andando de um lado para outro como dançarinos silenciosos. Eu via o movimento sem conseguir distinguir nenhum som que não fosse o ruído abafado como o de ondas rebentando na praia. Com algum esforço, reconheci o eco de máquinas. Focalizei a tela escura com um traçado verde, como um gráfico sinuoso em movimento.

Eu estava num hospital. Na certa, tivera um ataque do coração no estacionamento da igreja, pensei, apavorada. Tentei me sentar para ver ao redor de mim, mas meus braços e pernas pesavam como chumbo.

— Bobby? — baluciei, com a garganta queimando pelo esforço. — Daniel?

— Olá, Joy. É bom ouvi-la.

O rosto de um homem flutuou diante de mim. Apertei os olhos, tentando

encontrar o foco. Uma mancha dançou à minha frente, e identifiquei os cabelos brancos, a pele bronzeada, os olhos azuis... Era o mesmo homem que havia me emprestado o celular no posto de gasolina, quando telefonei para Stacey.

— O...O que... — balbuciei, confusa.

O que o frentista do posto de gasolina estaria fazendo no quarto? Ele se debruçou e levou gentilmente um copo de água aos meus lábios.

— Não tente falar, Joy. Você teve de ser entubada. A irritação na garganta é normal. — Esperou que eu sorvesse um pequeno gole e sorriu. — Sou o dr. Saunders, cardiologista. Você nos deu um tremendo susto!

— Q... Quem?

Eu quis perguntar quem ele era realmente e o que eu estava fazendo ali, mas não consegui.

— Você precisa descansar agora.

Uma a uma, as pessoas que circulavam pelo quarto saíram. As faces eram como um mar de círculos nebulosos. Ouvi passos se afastando e o som da porta se fechando com delicadeza.

Fiquei sozinha com as máquinas, incapaz de me mover.

Pobre Bobby, pensei. Ele deve estar aterrorizado!

A porta se abriu novamente e passos miúdos ecoaram na minha direção.

Bobby! Respire aliviada. Ele saberia que eu não o tinha deixado.

Eu estou bem!, quis gritar, e em minha cabeça, o protesto soou vibrante e claro. Mas as palavras não saíram de meus lábios secos.

— Joy?

A voz não era de um menino. Levei uma eternidade para virar a cabeça e, quando consegui, o travesseiro bloqueou minha visão. Entretanto, de alguma maneira, reconheci os olhos vermelhos e inchados e a expressão aterrorizada no rosto pálido.

Stacey! Como ela chegou lá?

Senti o toque morno afastando os cabelos de meus olhos.

— Oh, Joy! Eu estava com tanto medo!

— Como... chegou... aqui? — murmurei com esforço.

Ví os lábios dela se mover, mas não consegui discernir as palavras. O zumbido insistente voltou a me perturbar, e minha cabeça ficou a ponto de explodir. Quis perguntar onde estavam Bobby e Daniel, e o esforço para falar piorou minha condição.

— Não se preocupe, querida. Você já está em Bakersfield. Foi trazida de avião para cá.

— Bak.. Bakersfield? — tartamudeei, confusa. — Já é Natal?

— Oh, Joy... Eu sinto muito... — Stacey balançou a cabeça com um gesto quase imperceptível. — Sei o quanto você adora o Natal.

— Que... dia... é... hoje?

— Você não se lembra, Joy? Você estava no avião que caiu. Os bombeiros a salvaram momentos antes que explodisse. Estava em coma por causa de um traumatismo craniano, querida. Os médicos disseram que poderia ter problemas de memória.

O significado das palavras pesou sobre mim como uma sombra densa. Stacey estava dizendo que eu ficara naquela cama de hospital desde o acidente? Eu não compreendia. Por que mentia para mim? Seria para me punir por tê-la deixado pensar que eu estava morta?

Eu havia caminhado para longe e vivido a maior aventura que jamais imaginara! Não foram os bombeiros que me salvaram, e sim, Bobby e Daniel.

De repente, senti-me aprisionada dentro de um pesadelo. Quis balançar a cabeça para acordar e não tive forças. Talvez, se apertasse os olhos com força, pudesse apagar da retina a imagem de minha irmã.

— Do que você se lembra, querida?

A pergunta dançou na minha mente.

Daniel e Bobby... A praia... A dança sob o luar...

Meu coração começou a bater tão depressa que por um momento senti dificuldade para respirar. A meu lado, o alarme da máquina disparou, estridente.

— Mentira — acusei num sussurro, e o esforço dilacerou minha garganta.

Aflita, Stacey chamou alguém e, no mesmo instante, dois enfermeiros entraram no quarto.

— Tente relaxar, querida — ela sussurrou, exasperada.

Senti uma picada fina no braço, seguida da impressão de que eu caía num abismo sem fim.

Eu flutuava sobre a floresta tropical e avistei ao longe o brilho de luzes da cidade. O luar clareou o caminho e, do alto, distingui a linha sinuosa cortando a mata.

Dessa vez, sabia que estava sonhando. Uma onda de calor me aqueceu, seguida de uma euforia que, eu sabia, mascarava uma dor que eu não queria reconhecer. Da minha posição entre as nuvens prateadas, vi o chalé ao lado o lago.

Era ali que eu queria estar. Dei um impulso para a frente e tive a nítida sensação de estar voando. Um segundo depois, estava no saguão da pousada. A sala ainda estava enfeitada com a árvore de Natal. Passos soaram na escada, fazendo a madeira ranger com o peso de um corpo sólido.

Bobby!

Ele passou correndo pelo balcão, seguiu para o corredor e abriu porta do quarto 1A.

— Joy!

A voz ecoou pelo corredor, e imaginei a expressão desolada no rosto dele ao

descobrir que a cama estava vazia.

Daniel desceu os degraus e parou do meu lado. Senti o calor do corpo dele, vi as linhas finas ao redor dos olhos, marcando o cansaço, mas era como se estivesse a milhas de distância dali.

— Ei, rapaz! Achei que você estava ansioso para abrir os presentes!

Bobby apareceu no corredor. Ele parecia menor do que antes. Os ombros encolhidos e a linha fina dos lábios denunciavam sua decepção.

— Ela foi embora — murmurou, esforçando-se para não chorar. — Ela prometeu!

Desejei abraçá-lo e dizer que tudo estava bem. Porém, não conseguia me mover. — Lembra-se do que o médico disse, rapaz? — A voz de Daniel soou macia como a brisa.

— Ela não é mais uma amiga imaginária, papai! — Bobby gritou, com grossas lágrimas saltando dos olhos. — Joy é real! Você a viu! Você falou com ela!

— O médico pediu que eu fingisse que Joy era real, e disse que quando você não precisasse mais dela, ela partiria.

— Não! Não!

Minha recusa se confundiu com a de Bobby. Fui golpeada por uma dor que nunca havia sentido antes.

— Não é verdade! — bradei, mas assim que disse as palavras, comecei a juntar as peças fragmentadas na lembrança.

Ela está bem à sua frente, papai... Dance com ela!

As palavras de Bobby ecoaram em minha mente como uma sentença de morte. Naquela noite, na praia, quando Daniel e eu dançamos, ele não estava me vendo! Daniel nunca respondera a nenhuma das minhas perguntas. Nunca falara comigo, exceto quando Bobby pedia. Nunca se dirigira a mim. Na verdade, ele nunca me olhara...

A única vez em tivemos um suposto diálogo fora na noite em que chegamos da cidade, quando Bobby pediu que ele voltasse para a sala e conversasse comigo. Isso é ridículo! Que diabos tenho para falar com você?, fora o comentário dele ao sair.

Cobri a boca com as mãos, horrorizada. A frase, assim como tantas outras, reverberaram em minha memória.

Devo ter perdido o juízo!, ele dissera na noite em que vimos o álbum de fotografias, depois de chamar meu nome num sussurro.

Uma pessoa pode morrer numa nevasca dessas... Mas parece que Joy é mais forte do que todos nós. Sim, eu não havia morrido congelada na nevasca, pois, para ele, eu não estava lá!

E cada vez que o tocava, Daniel parecia se sobressaltar, como se tivesse sido atingido por dedos invisíveis.

Olhei para pai e filho, bem ali, na minha frente, e soube que nenhum dos dois me

enxergava.

Os pensamentos rodopiavam em minha cabeça, como as peças do um quebra-cabeça tentando se encaixar. Lembrei-me da minha falta de apetite, e da naturalidade com que aceitava o fato de não ter nenhuma bagagem... Ponderei sobre a probabilidade de alguém sofrer um acidente aéreo, sobreviver a uma explosão e, logo a seguir, caminhar por quilômetros e quilômetros, sem a menor dificuldade...

— Era somente comigo que você falava, filho.

A voz de Daniel invadiu minha mente, diluindo os pensamentos. Obriguei-me a me concentrar na cena que se desenrolava diante dos meus olhos, entre dois seres alheios à presença de uma testemunha invisível. Fixei a atenção em Daniel, nos ombros arqueados pelo peso do cansaço.

— Você não acredita em mim! — Bobby teimava, balançando a cabeça com veemência. — Vou provar que eu estava certo!

Ele marchou para a árvore de Natal. Agachou-se e procurou entre os enfeites pendurados nos ramos. Enquanto isso, sentei-me na poltrona em frente à lareira, como fizera tantas vezes.

— Veja! — ele exclamou triunfante, estendendo o bilhete que havíamos escrito juntos. — Eu fiz isto aqui com Joy, papai!

Prendi a respiração. Aquela era a prova definitiva de que eu estivera ali!

— Bobby...

— Abra a carta! Veja você mesmo que eu não estou imaginando coisas!

Daniel segurou o papel enrolado, preso por um laço de fita. Acariciou a textura da seda com os dedos longos e desatou o nó lentamente.

— Foi você que escreveu isto? — perguntou com a testa franzida depois de ler.

— Sim. Joy deixou esse presente para você. Ela ditou tudo o que queria que você fizesse.

Daniel releu a lista com atenção redobrada.

— Aqui está escrito o que você queria que eu fizesse, rapaz — Daniel murmurou com expressão desolada. — Por favor, Bobby, admita.

— Eu não sei escrever, papai.

A premência de confirmar minha existência fez com que a verdade sobrepujasse a humilhação, e Bobby encarou o pai com firmeza.

— E ela está aqui agora? — Daniel perguntou, olhando de soslaio na minha direção.

— Não. Joy desapareceu no estacionamento da igreja, quando ouvíamos o coral no presépio.

— Estou aqui! — gritei o mais alto que pude. Entretanto, nenhum dos dois me ouviu.

Percebi o quanto aquele assunto aborrecia Daniel. Ele sabia que Bobby não poderia ter escrito sem ajuda as frases da lista de ideias, especialmente pelas

dificuldades que estava tendo na escola. Mas, mesmo assim, não acreditava no filho. Como era possível?

— Estou falando a verdade, papai! — Bobby insistiu. — Joy não é como o sr. Patches, ou a mamãe. Ela é de verdade... Eu juro!

O papel tremeu nas mãos de Daniel.

— Você está pedindo que eu acredite em magia...

— Mamãe teria acreditado — Bobby sentenciou, implacável.

— Mas...

— Oh, não importa! — o pequeno suspirou, desanimado.

Um silêncio pesado preencheu o ambiente, até que Daniel o rompeu.

— Bem, eu sou irlandês, e todo irlandês que se preza acredita em magia.

Bobby emitiu um som incompreensível, mas distingui o tom de esperança.

— Vovô dizia que havia um duende vivendo no pote de biscoitos na cozinha.

— Sim... — Daniel sorriu. — É exatamente o que estou tentando dizer. Eu acho, rapaz, que você pode me ensinar a acreditar.

— É mesmo? E como posso fazer isso?

Daniel encolheu os ombros.

— Fale sobre Joy. Conte-me tudo, até eu acreditar que ela de fato existe.

Bobby se lançou nos braços do pai.

Vi o modo como Daniel segurava o filho, com a ferocidade de um amor desesperado. Quando Bobby se afastou, ambos sorriram.

— Vejam, eu estou aqui! — sussurrei, desejando com tanta intensidade que meu peito doeu.

— Podemos abrir os presentes agora? — Daniel sugeriu, ignorando meu apelo.

— Sim!

Bobby correu até a árvore e começou a espalhar os presentes no chão. Por último, puxou o livro em que tínhamos praticado leitura juntos, escondido sob a almofada do sofá.

— Você vai me dar seu livro favorito de presente, rapaz? — Daniel perguntou com uma risada.

— Não! — Bobby se sentou próximo a Daniel, no sofá.

— Quer que eu leia para você?

— Não, papai. Eu vou ler para você.

Bobby abriu na primeira página e clareou a garganta solenemente.

Começou lendo uma sílaba de cada vez e tropeçando nas palavras até superar o nervosismo. De onde eu estava, tinha uma visão privilegiada da expressão orgulhosa de Daniel e do sorriso que encurvava os lábios dele. Aos poucos, a rigidez que tensionava os ombros largos cedeu, e a linha dura do maxilar se atenuou.

Amor. Não poderia haver definição melhor para o brilho que os olhos de Daniel refletiam. Lágrimas enevoaram minha visão e me concentrei em manter o foco.

— E então? O que achou? — Bobby indagou com expectativa ao terminar a leitura. — Papai? Você está chorando? Eu li tão mal assim?

— Sua mãe teria ficado orgulhosa, rapaz.

Desisti de lutar contra as lágrimas, e a felicidade inundou meu peito.

— Joy me ensinou a ler. Nós praticávamos todos os dias.

— É mesmo? Imagino que sua Joy seja uma pessoa especial.

— Sinto falta dela, papai.

— Sei disso, rapaz. Mas você tem seu pai, e ele não vai a lugar algum.

— Você promete?

Percebi o medo na voz de Bobby. Era o medo da solidão, o mesmo que me fizera fugir da minha vida para me refugiar num sonho.

— Prometo, rapaz.

Inclinei o corpo para a frente, o único movimento que conseguia realizar.

— Acredite em mim — sussurrei desesperadamente, focalizando a mente nas palavras. — Acredite!

O esforço consumiu todas as energias de que eu dispunha.

Senti-me exaurida e meu coração disparou. O mundo saiu de foco e fui envolvida por uma névoa densa. Estendi os braços para me segurar em qualquer coisa que pudesse me manter ali, e não encontrei nada além do vazio. Fechei os olhos e gritei. Não!

Quando os abri, deparei-me com as luzes brancas, luminosas. Uma enfermeira me fitava, sentada ao lado da cama. Era a mesma senhora que eu vira na sala de espera, quando acompanhei Bobby à consulta com o médico.

— Como estamos nos sentindo hoje?

Reconheci o timbre familiar e, por mais estranho que pudesse parecer, isso me tranquilizou.

— Bem — respondi, tornando a fechar os olhos.

Tentei achar o caminho de volta para a floresta, mas encontrei apenas a escuridão. Eu queria dormir para sempre, sob o efeito dos medicamentos. Em vez disso, estava completamente desperta, sentada na cama. Um fecho de luz se refletia do teto, vindo de uma janela que eu não podia ver. Eu ouvia a chuva lá fora, mas não estava na pousada, e sim, em Bakersfield, no final da primeira quinzena de janeiro.

Olhei ao redor e reconheci todas as pessoas ao lado da cama. A enfermeira que vi na sala de espera do médico de Bobby cuidava de mim durante o dia. O padre com um sorriso amigável era o ortopedista que havia feito um milagre para salvar minha perna, ligando os ossos com um pino de titânio. O simpático senhor que me emprestara o celular no posto de gasolina era o cardiologista. Foram eles que me trouxeram de volta à vida, e não um menino e um homem que provavelmente não existiam.

Assim, gradativamente, comecei a entender. Os personagens que habitaram meu

sonho haviam sido emprestados da vida real. Eram pessoas que meu inconsciente registrara e subvertera para que se encaixassem nos papéis da história que minha mente criara.

— Olá, Joy. Como você está se sentindo? — o dono do celular, o mesmo que eu passara a chamar de dr. Saunders, sorriu para mim.

— Acho que estou bem.

— Sua perna direita sofreu uma grave fratura abaixo do joelho, mas o que mais nos preocupou foi o edema cerebral. É importante que você tente se lembrar de tudo o que aconteceu.

Tive vontade de fazer uma piada sobre as vantagens de ter um cérebro maior, mas julguei que o momento não era oportuno.

— Com algumas sessões de fisioterapia, você ficará bem, querida — minha irmã me garantiu, tentando soar convincente.

— Vou poder patinar no gelo? — quis saber, embora não patinasse desde a festa de aniversário de Melinda Carter, quando eu tinha nove anos de idade.

O dr. Saunders franziu o cenho, pensativo. Aquela era uma pergunta que ele não havia antecipado.

— Com o tempo, certamente, mas...

— Não importa. — Tentei sorrir. — Quando posso ir para casa?

A expressão no rosto dele relaxou. Finalmente, uma dúvida que ele podia esclarecer.

— Você não poderá fazer nenhum esforço... — Assenti e olhei para minha perna engessada, explicação óbvia para o conceito do médico. — Mas, se prometer que terá cuidado e que fará repouso, e se tiver sorte de não ter nenhuma complicação, poderá ter alta daqui a alguns dias.

Sorri para ele com sincera gratidão. Mesmo em meio à confusão mental em que me encontrava, eu sabia como toda a equipe havia trabalhado para me salvar.

— Isso é ótimo!

Vi como Stacey olhava para mim. Era inevitável adivinhar o pedido de perdão silencioso. Havia amor e compaixão naquele olhar. O laço entre nós duas era mais forte do que a mágoa e o ressentimento.

— Obrigada — agradei com a mais profunda sinceridade.

O médico e as enfermeiras deixaram o quarto e fiquei sozinha com Stacey. Nenhuma das duas sabia o que dizer nem como começar. Achei que tinha de tomar a iniciativa. Afinal, ela fizera o primeiro movimento ao me procurar para entregar o convite do casamento. E aquele fora o motivo para eu estar deitada ali, ligada a uma série de máquinas através de fios presos à minha pele e com um pino de titânio unindo a perna.

Procurei ficar mais confortável e ergui a cabeça para me ajeitar no travesseiro. Não foi uma boa idéia. Naquela posição, pude ver o ventre de Stacey, que começava a assumir um aspecto arredondado. Ela notou meu desconforto e

crizou as mãos diante do corpo num gesto involuntário.

— Estou surpresa por você não ter me expulsado daqui — disse suavemente.

Identifiquei o remorso na voz dela e me concentrei nas lembranças felizes de nossa infância.

— Com seu peso atual, eu precisaria de uma catapulta para mandá-la para bem longe.

Stacey quis rir da piada, mas se manteve séria.

— Se minhas pernas estivessem boas, eu chutaria seu traseiro — prossegui no mesmo tom de gracejo.

— Você sempre faz piadas quando está magoada — ela lembrou.

Eu suspirei. Éramos irmãs. Nos conhecíamos intimamente. Havíamos compartilhado o passado, nossos segredos, nossos medos. Nossa ligação era uma dádiva preciosa que não podíamos desprezar mesmo que quiséssemos.

Stacey mordeu os lábios, gesto que sei que a acompanhava quando estava com medo.

— Eu sinto muito, Joy. Não sei como isso aconteceu. Eu não queria que...

Ela se aproximou e segurou minha mão. De tudo que poderíamos dizer naquele momento, saber como e por que estava no topo da minha lista.

— Você faz parecer que escorregou numa casca de banana e caiu nos braços do meu marido — observei, sem disfarçar o ressentimento.

— O que faremos agora?

O tremor da voz, o pedido de perdão nos olhos dela e a certeza de que o remorso a corroía, tudo isso dissipou meu ressentimento.

— Nós encontraremos um jeito — falei, sem acreditar em minhas próprias palavras.

Ela arregalou os olhos e abriu a boca com exagerada dramaticidade.

— Quem é você, e o que fez com minha irmã?

— Quem está tentando fazer piada agora? — indaguei sem conseguir reprimir o riso.

Stacey apertou minha mão, numa combinação de temor e gratidão.

— Há duas semanas, você me odiava.

— Eu nunca odiei você, Stacey.

Enunciei as palavras suavemente, e antes de terminar a frase, percebi que não eram suficientes. Eu precisava dizer, antes que perdesse a coragem, o que tinha aprendido com Bobby e Daniel.

— Nós somos irmãs — resumi, como se isso explicasse tudo.

Stacey começou a chorar. Esperei que dissesse algo, mas ela permaneceu calada. Talvez, como eu mesma, ela estivesse procurando saber como agiríamos dali por diante.

— Não será fácil — concluí, fitando-a nos olhos.

— Eu sinto muito, você sabe.

— Sim, eu sei. — Suspirei fundo, e meu peito doeu. — Quando eu estava na floresta tropical... — Calei-me ao perceber o que estava a ponto de dizer.

— Que floresta tropical?

Forcei um sorriso e ergui os ombros.

— Se eu lhe contasse, você pensaria que sofri uma lesão cerebral maior do que os médicos pensam, ou que estou maluca.

— Você é a pessoa mais equilibrada que eu conheço, Joy.

Estudei-a com atenção, medindo as palavras antes de prosseguir:

— Na televisão, eu ouvi você falar para os repórteres que estava esperando que eu voltasse...

— Como?

— Responda-me, Stacey. Você disse isso?

— Sim. Eu rezei todos os dias para que você acordasse do coma.

Ergui o rosto para o televisor no suporte na parede em frente à cama. Certamente, eu ouvira a reportagem enquanto estava inconsciente e a usara em minha falsa realidade.

— Você estava usando o abrigo amarelo que eu lhe dei no seu último aniversário? Stacey acenou com a cabeça lentamente, confusa.

— Não é possível! Você não pode ter visto a reportagem. Você estava em coma! Debati-me por alguns momentos sobre dizer ou não a verdade. Afinal, para quem mais eu poderia contar, senão para minha irmã?

Mas eu não sabia como começar. Deveria dizer "Eu vejo pessoas mortas", ou algo do tipo?

— Stacey, depois da explosão do avião, quando eu acordei...

Ela balançou a cabeça com força.

— Não. Você não voltou a si. Os paramédicos...

— Por favor, me deixe falar — pedi.

— Está bem — ela consentiu depois de refletir alguns segundos.

— Bem, quando voltei a mim, eu estava numa floresta, sufocada pela fumaça. Havia muitos barulhos, e fumaça, e... mamãe.

— Você... você viu mamãe?!

— Sim. Foi ela quem me acordou. — Apertei as lábios, desesperada para ouvir que eu não estava louca.

— Você teve uma parada cardíaca, Joy. Seu coração parou por quase um minuto e os paramédicos estavam a ponto de declarar sua morte.

Respirei fundo. A informação me despertou uma estranha sensação de paz.

— Mamãe me fez acordar. Quando dei por mim, eu estava sozinha, longe dos sobreviventes. A princípio, eu quis caminhar até eles para ser resgatada, então pensei em você e mudei de ideia. Afastei-me do local da explosão e cheguei a uma pequena cidade no Estado de Washington.

— Joy, o avião caiu aqui perto...

Aquela notícia me abalou mais do que eu gostaria de admitir.

— O avião nunca chegou a Washington?

— Não.

Decidi deixar para pensar naquilo mais tarde. No momento, desde que havia começado minha história maluca, queria terminá-la.

— Encontrei uma pousada chamada Chalé do Conforto e ocupei um quarto.

Havia um menino e um homem, lá.

Stacey ergueu a mão para me interromper.

— Espere um pouco!

Ela caminhou até a cômoda e pegou minha bolsa. Avistei minha máquina fotográfica ao lado dela.

— Minha câmera... — sussurrei. — Você revelou o filme?

— O quê? Oh, não — respondeu Stacey, vasculhando minha bolsa e pegando uma revista — Veja. Eu li enquanto você estava na sala de cirurgia.

Stacey abriu na página com o artigo sobre a pousada.

— Eu peguei essa revista no aeroporto... — sussurrei, com a certeza de que mais um mistério se desvendava.

Fora naquela reportagem que tudo começara em meu subconsciente. Olhei para a fotografia do lugar em que eu estivera enquanto permanecia deitada naquela cama, sob o efeito de medicamentos.

— Este artigo diz que o chalé foi vendido em 2003.

— O texto menciona algum Daniel?

Stacey esquadrinhou as páginas.

— Não. O chalé foi construído pelo sr. Melvin Hightower. Eles se mudaram para o Arizona quando uma corporação comprou a propriedade.

Não havia nenhum chalé... Eu nunca tinha estado lá.

Daniel era algum médico que me examinara, e Bobby não passava do filho de alguma enfermeira que entrara no quarto uma ou outra vez enquanto eu estava em coma.

— Joy? Você está bem?

Virei o rosto para que Stacey não visse minhas lágrimas.

— Não.

— Querida, você está me assustando...

Virei o rosto e a encarei. Através das lágrimas, pude ver como estava preocupada. Desejei tranquilizá-la, mas não consegui.

— Por favor, leve o filme da minha máquina para ser revelado... Por favor! — supliquei, com esperança de que, ao ver as fotografias, ou pudesse provar que não estava maluca.

— Tem certeza de que é isso que quer?

Encarei minha irmã e suspirei, desolada.

— Stacey, eu não tenho certeza de mais nada...

CAPÍTULO VII

Eu me sentia como uma autista tentando montar um quebra-cabeça imaginário. Durante o restante da minha permanência no hospital, estudei as peças, tentando colocá-las juntas de várias formas para compreender o quadro inteiro.

Minha irmã me dissera que eu não havia me afastado do local em que o avião caiu, e eu ponderei que ela não tinha razão alguma para mentir.

Li as reportagens e me senti mal ao ver as fotos do desastre. Diversos passageiros, incluindo Riegert, declararam ter visto quando fui socorrida. Logo que encontraram minha bolsa com a identificação, telefonaram para Stacey.

Certo, eu tinha sofrido uma grave lesão cerebral e ficado sob o efeito de medicamentos como morfina, que podem provocar alucinações. Os depoimentos revelavam que eu nunca tinha atravessado aquela floresta tropical.

Porém, por mais que eu analisasse as evidências, não conseguia combinar a realidade com todos os acontecimentos que somente eu acreditava ter vivido.

Depois que recobrei a consciência, passei a receber a visita regular de um psiquiatra. Mas ele interpretou o que se sucedeu após a explosão como consequência do trauma que sofri.

Contei a ele todos os detalhes do que eu me lembrava de Daniel e Bobby, e a expressão do médico se tornava sombria à medida que eu falava. Decididamente, ele não estava gostando nem um pouco do funcionamento do meu cérebro. Sempre que eu mencionava minha aventura, ele balançava a cabeça de um lado para outro e emitia um som de desaprovação, com os lábios apertados.

Somente Stacey permitia que eu falasse sobre Bobby e Daniel como se fossem reais. O simples ato de me ouvir em silêncio, sem me recriminar, nos reuniu novamente.

Aparentemente, eu não era a única que havia mudado antes da minha morte momentânea. As enfermeiras me contaram que Stacey fora minha companhia constante enquanto eu estava em coma, exigindo o melhor para mim e rezando o tempo todo nas intermináveis vigílias ao lado da cama.

— Está pronta para ir embora?

Desviei o curso dos meus pensamentos e dirigi a atenção para Stacey, parada à porta ao lado de uma enfermeira com uma cadeira de rodas. Na noite anterior, ela dormira no meu quarto, e logo pela manhã saíra apressada para agilizar a papelada da alta.

— Estou pronta — respondi com apreensão.

Como seria quando voltasse para a minha casa e para a minha solidão?

A simples idéia provocou um arrepio gelado na minha espinha.

Esperei, resignada, que Stacey e a enfermeira me tirassem da cama para me

colocar na cadeira de rodas. Eu teria tempo de tricotar um suéter pela demora. Na ocasião, me aborreci, mas percebi rapidamente que teria de me acostumar com a dificuldade de me mover como uma lesma, arrastando uma perna engessada.

No corredor, todos com quem encontrávamos se despediam e me desejavam boa sorte. Eu agradecia e tentava parecer animada.

Ao chegarmos ao estacionamento, fiquei admirada por Stacey me conduzir para uma van nova e reluzente.

— Eu não sabia que você tinha comprado um carro novo — comentei com uma ponta de inveja.

— Thom me deu de presente de Natal.

Thom. Aquela era a primeira vez que Stacey mencionava o nome dele. Ficamos nos olhando por um momento incômodo até que ela me ajudou a sentar no banco de passageiro.

Tentamos encontrar assunto para preencher o silêncio no caminho para casa, mas não conseguimos. Era como se meu ex-marido estivesse no banco de trás, preenchendo o espaço entre nós.

— Eu trouxe seu carro do aeroporto — Stacey avisou, ao entrar na Avenida Mullen.

Tive a sensação de que fazia uma eternidade que estacionara meu carro lá.

— O que houve com o pinheiro que deixei no jardim? — eu quis saber, subitamente culpada por ter abandonado a árvore ao relento.

— Eu doe para um asilo — ela informou, e me senti aliviada. — Pronto. Você está em casa.

Stacey estacionou a van na rua vazia. O bairro estava estranhamente silencioso. Durante quase dez anos, eu havia morado naquela casa, e ao chegar, tive dúvida de que realmente fosse minha. Na verdade, o Chalé do Conforto era o meu lar.

Não volte para lá, Joy, ouvi a voz da consciência me alertar, ao mesmo tempo que Stacey abriu a porta de passageiros para me ajudar a sair do carro.

Equilibrei-me sobre as muletas e, juntas, chegamos ao portão. Tive de me apoiar em Stacey, como se fosse um bebê aprendendo a andar. Assim que pus os pés no jardim, uma verdadeira multidão surgiu dos fundos da casa.

— Surpresa! — ecoou o coro em uníssono.

Eu titubeei e Stacey me segurou com firmeza, evitando que eu caísse. Havia cerca de duzentas pessoas na minha frente, com velas acesas e cartazes com a inscrição "Bem-vinda". A primeira pessoa que se aproximou foi Gracie Leon, a aluna que suspendi no semestre passado por deformar as páginas de um livro na biblioteca.

— Nós rezamos pela senhora, sra. Candellaro.

— Oh... obrigada, Grace.

Um jovem avançou e parou ao lado de Grace. Willie Schmidt. Sete anos atrás,

ele fora meu assistente. Saiu para assumir a coordenação da biblioteca numa escola secundária local.

— Bem-vinda, Joy — saudou-me, entregando uma caixa cor-de-rosa com centenas de cartões.

Mary Moro, a graciosa líder de torcida do time da escola, ofereceu-me um cacto enfeitado para o Natal.

— Eu comprei com o dinheiro que consegui trabalhando como babysitter, sra. Candellaro — anunciou com orgulho. — Lembro quando a senhora disse que era a única planta que conseguiria manter viva?

Eu sorri com gratidão, encantada com a delicadeza, e avistei Bertie e Rayla. Elas se apertavam entre as pessoas que estavam ansiosas para me receber de volta. Todos haviam deixado suas famílias para estarem ali. Ninguém mencionou o acidente, embora eu presentisse a curiosidade que pairava no ar.

Minha garganta se apertou e meus olhos ficaram marejados. Era impossível ter palavras para agradecer tanta atenção.

Antes do acidente, eu não conseguia dimensionar a importância de pessoas que ajudassem a me conectar com minha própria vida.

Quando finalmente meus amigos e conhecidos começaram a partir, a noite estava caindo. Minha irmã me conduziu à varanda e abriu a porta da frente. No interior da casa, tudo estava tão silencioso como quando eu parti.

— Arrumei o quarto de hóspedes para você — Stacey avisou. — Achei que ficaria melhor acomodada no andar de baixo.

Mais uma vez, um silêncio tenso pairou entre nós. Ambas nos lembramos do dia em que eu voltei para casa mais cedo e a encontrei na minha cama, com Thom. Aquela não era a primeira nem seria a última vez em que pensávamos no assunto. Nosso passado recente nos assombrava como um fantasma preso dentro do armário.

— Bem pensado — tranquilizei-a com um sorriso.

Eu me instalei no sofá-cama do quarto de hóspedes com vários livros, um prato de queijo e biscoitos, o controle remoto da televisão e meu laptop. Notei uma revista entre os livros, a mesma que eu estava lendo no saguão do aeroporto.

— Essa revista é antiga? — perguntei, estendendo o braço para apanhá-la.

Stacey encolheu os ombros.

— Eu lia quase diariamente para você, no hospital. Há um artigo sobre a decoração de um chalé que era uma pousada. Lembra quando você queria ter uma pousada?

— Sim... — foi tudo que consegui dizer.

Não era para menos que o Chalé do Conforto precisasse de reparos no meu sonho.

Stacey ajeitou os travesseiros e recuou um passo.

— Se quiser, posso passar a noite aqui.

— Não — apressei-me a dizer antes que ela continuasse. — Thom sentirá sua falta.

— Ele quer vê-la, Joy.

— É mesmo? Puxa, que surpresa!

Apesar da ironia do meu tom, a surpresa foi sincera. Nós nos encaramos e nem eu, nem ela soube o que dizer.

— Tem certeza de que não quer que eu fique? — ela insistiu, rompendo a tensão.

— Tenho. Vá para casa, para seu... — Hesitei, apesar das minhas melhores intenções. Como me referir a Thom? "Seu amante"? "Meu ex-marido"?

— Meu noivo — Stacey resolveu por mim. Ela me encarou fixamente, mordendo o lábio.

— Você contou a mamãe sobre mim e Thom?

— Você acha que era isso que estava na minha cabeça quando morri e ressuscitei?

— Bem, você sempre foi linguaruda...

Eu não consegui conter o riso. As palavras nos levaram de volta no tempo, quando não havia nenhum silêncio entre nós. De repente, tínhamos seis e sete anos novamente, brincando no assento de trás do carro de mamãe.

— Você tem razão. E, sim, eu falei.

— O que ela disse? — Stacey prendeu a respiração à espera da resposta.

— Ela pediu que eu acordasse. Foi um bom conselho.

Stacey estendeu a mão e afastou alguns fios de cabelos rebeldes dos meus olhos.

— Quando você estava inconsciente, eu tive medo de não ter outra chance de nos reconciliarmos.

— Eu sei.

O que mais eu poderia dizer? As enfermeiras me contaram que a devoção de Stacey à beira do meu leito fora excepcional.

— Senti sua falta, Stacey — falei por fim, sentindo crescer uma onda de lágrimas que parecia não ter fim.

— Eu também, minha querida.

No final da minha primeira semana em casa, achei que eu fosse enlouquecer. Passava a maior parte dos dias sob efeito de analgésicos, tentando não pensar. Mas o pior eram as noites. Ficava acordada durante horas, encarando o teto, obrigando-me a me convencer de que a floresta tropical era uma construção da minha própria mente.

Antes do acidente, eu estava perdida e só, desesperada para desejar alguém e ser desejada. Perder o marido e a irmã de uma só vez havia me destruído. Sem eles, eu ficara à deriva. Então, criei um homem que eu desejava amar e um menino que queria ser amado. Estava cansada da minha vida monótona naquela cidade tediosa e árida, e criei um mundo mágico envolto em névoa e umidade.

Racionalmente, fazia todo o sentido. Porém, quando eu pensava no assunto, insone, tudo parecia diferente.

O negrume da noite, somado à minha solidão, me tragavam para o vazio. Pela primeira vez em minha vida, a leitura não preenchia o tempo. Todo herói se tornava Daniel; cada passagem mais sensível me fazia chorar. Até mesmo os filmes se mostraram inúteis. Quando ligava a televisão, me lembrava dos momentos que Bobby e eu passávamos juntos, entretidos com algum filme infantil.

Num esforço desesperado, tentava retornar à pousada, e a cada fracasso, minha esperança desmoronava. Eu não podia mais suportar aquela situação. Tinha de fazer alguma coisa. Despendera tempo demais flutuando num mar de drogas, sonhando com um lugar que não existia. Precisava acreditar na minha floresta tropical e encontrá-la, ou esquecê-la para sempre.

Rolando na cama naquela noite de insônia, imaginei que aquele seria o conselho que meu psiquiatra daria. Não havia espaço para fantasia na vida real.

No entanto, simplesmente não podia parar de pensar em Daniel e Bobby...

Não era possível que tudo que eu vira, ouvira e vivera fosse fruto da minha imaginação! Recusava-me a acreditar que Daniel e eu não havíamos dançado sob o luar; que Stacey não estava na televisão, pedindo que eu voltasse; que Bobby e eu não havíamos brincado no balanço...

Decidi que a única forma de resolver meu conflito era encontrar evidências.

Afastando as cobertas, manquitelei para fora de cama, peguei as muletas e acendi a luz. Arrastei-me até a garagem e abri as gavetas com meus arquivos. Peguei tudo que eu tinha sobre o Oceano Pacífico, o Estado de Washington e as florestas tropicais americanas. Reuni meu achado num envelope de papel manilha e voltei para a escrivaninha, no quarto de hóspedes.

Então, com toda a atenção, dispus os catálogos sobre o tempo e abri meu laptop. Tudo que eu sabia sobre meu suposto sonho era que acontecera no Estado de Washington. Segundo um site da internet, a Floresta Nacional Olympic era quase do tamanho do Estado de Massachusetts.

Aprofundando a busca, tentei encontrar uma cidade, talvez imaginária, com um lago e uma população de menos de dez mil pessoas. Por azar, eu não sabia o nome da cidade nem do lago, tampouco o sobrenome de Daniel e Bobby.

Se fosse uma mulher sugestionável, diria que o destino não queria que eu encontrasse o caminho de volta. Mas não sou sugestionável, por isso segui em frente. Perdi a noção do tempo enquanto relacionava possíveis cidades e lagos e procurava informações de cada um que encontrava. Não havia nenhuma pousada denominada Chalé do Conforto na lista telefônica. Então, procurei por resorts. Encontrei dois à venda na região, mas nenhum deles se parecia com o que eu me lembrava.

Por fim, quase oito horas após ter começado minha pesquisa, fechei o laptop,

desesperançada. As paredes do quarto estavam revestidas de pedaços de papel, mapas, fotografias e artigos, e nada daquilo havia ajudado.

Não sei por quanto tempo permaneci sentada diante da escrivaninha, envolvida em pensamentos, até que a van de Stacey parou em frente à casa. Com a ajuda das muletas, fui para a entrada e abri a porta.

Ela entrou apressada, carregando uma panela fumegante para a cozinha, com as mãos protegidas por luvas.

— Fiz a receita de galinha da mamãe — anunciou, destampando a panela. — Galinha desfiada, queijo cremoso e brócolis.

— Sim, eu me lembro da receita — gritei da sala. — Obrigada, Stacey.

Ela colocou a panela sobre o fogão e se juntou a mim na sala de estar. Ao passar pelo quarto de hóspedes, deteve-se e recuou um passo, espantada com o que viu.

— O que é isso? — indagou, lançando um olhar preocupado na minha direção.

— Eu estava procurando alguma pista sobre a cidade.

— Aquela em que você não esteve? — frisou a negativa com evidente censura.

— Essa mesma — resmunguei.

Segui Stacey para dentro do quarto de hóspedes. Ela me ajudou a sentar na cama e ocupou a cadeira da escrivaninha.

— Estou preocupada com você, Joy. Thom disse que...

— Stacey, por favor, não quero saber o que Thom disse... — interrompi, irritada.

— Você está em casa há quase uma semana e não quer que ninguém venha visitá-la, a não ser eu. E agora... — Ela ergueu a mão, num gesto que abrangeu o aposento todo. — Isso!

— Bertie e Rayla vieram me ver ontem à noite — declarei.

— Bertie me telefonou para contar que você não abriu a porta, alegando que estava muito cansada.

— Eu sinto dor, Stacey! Honestamente, não tenho vontade de receber visitas.

— Joy, é por causa da dor que você está se isolando?

Irritada, desviei o rosto para evitar a censura explícita nos olhos dela.

— Desde quando você é minha guardiã? — retruquei, sem disposição para explicar o inexplicável.

— Você está envolvida com aquele sonho, não é?

Minhas defesas desmoronaram, e fui tomada por uma urgência incontida de falar a respeito da pousada.

— Não quero me esquecer — confessei. — Sei que parece loucura, mas tudo é tão familiar! Lembra-me do cheiro das flores, dos flocos de neve sobre a relva... Como eu saberia de tudo isso? Talvez, quando você revelar as fotografias, eu consiga uma resposta.

Stacey ficou séria, e alguma coisa me disse que ela estava escondendo algo de mim.

— O que foi? — indaguei, encarando-a com firmeza.

— O que foi, o quê? — ela ecoou com expressão inocente.

— Você está escondendo alguma coisa e, dado que o último segredo que não compartilhou comigo foi que estava saindo com meu marido, eu...

Num ímpeto, Stacey se levantou e saiu antes que eu terminasse a frase. Voltou carregando um envelope amarelo.

— Aqui está! — anunciou, entregando-o para mim.

— Eu não vou gostar disso, não é?

— Não.

A voz de Stacey era macia, o que me deixou ainda mais nervosa.

— Sinto muito — ela murmurou quando abriu o envelope e tirei as fotografias.

Com dedos trêmulos, espalhei-as sobre a cama. Vi a tomada que eu fizera do saguão do aeroporto, o avião antes da explosão, a turma de pescadores que esperava para subir a bordo e o interior do avião antes da partida. Riegert sorria, com o dedo polegar estendido para cima.

Depois disso, nada. Nenhuma fotografia do chalé, da floresta tropical ou do lago. A teia de aranha gotejada de orvalho não estava lá, nem o pôr-do-sol perfeito no lago... Eu me lembrava com nitidez das samambaias gigantes que registrara, mas não havia o menor sinal delas, apenas vinte e nove quadros acinzentados.

— Eu não estive lá — admiti lentamente, sentindo o peso das palavras pela primeira vez.

— Eu sinto muito, Joy — Stacey repetiu depois de um momento. — Querida, você tem uma vida real aqui, com pessoas que amam você. Rayla disse que os alunos perguntam por você diariamente.

Eu ouvia minha irmã falando, mas as palavras vagueavam além de mim. Tudo o que conseguia pensar era no menino que acreditara na minha promessa de ficar para o Natal. Meu coração se partiu ao meio; tive dificuldade de respirar.

Examinei mais uma vez os papéis brilhantes, esfumaçados, e disse o que imaginei que Stacey esperava ouvir:

— Tenho certeza de que ficarei bem quando voltar a trabalhar.

— Você não sentiu falta disso?

Levei alguns segundos para registrar o que ela dissera.

— Disso... o quê?

— Da biblioteca. Você adora trabalhar lá.

— O lugar que eu adoro parece não existir — declarei, com o peso da desilusão recaindo sobre meus ombros.

— Joy, você está me deixando assustada!

— Bem-vinda ao clube, irmãzinha.

Minha perna melhorava a cada dia que passava. Fiquei espantada com a rapidez com que um osso pode se curar. Se o coração também fosse assim...

No final de fevereiro, já me movimentava com facilidade. As dores de cabeça

haviam desaparecido, e eu conseguia flexionar a perna, graças às inúmeras sessões de fisioterapia. Os médicos insistiam que eu voltasse a trabalhar, mas não estava certa sobre o que faria no futuro.

Os dias transcorriam tranqüilos e monótonos. O problema eram as noites. Sozinha na minha cama, era impossível controlar o fluxo dos pensamentos. Quando conseguia adormecer, sonhava com a pousada, Daniel e Bobby. Não importava o que estivesse fazendo, tudo remetia às pseudo-lembranças que eu me recusava a apagar.

O psiquiatra, um dos membros efetivos da equipe de médicos e fisioterapeutas destinada a me salvar, dizia que era comum esse tipo de experiência. Muitas pessoas que sofriam traumas profundos e entravam em coma se apegavam às vivências imaginárias do período em que estiveram inconscientes. Em síntese, ele queria dizer que eu estava com problemas mentais. Afirmava que eu não estava feliz com minha realidade e deixara o acidente me paralisar emocionalmente.

O que ele não sabia era que eu estava infeliz antes do acidente. A diferença era que, depois da tragédia, eu havia descoberto o que queria para a minha vida.

Antes, queria Thom de volta. Depois, percebi que ficara aliviada por ele ter ido embora.

No entanto, me preocupava com minha irmã. Ela se apaixonara por um homem que não tivera problemas em trair a esposa. Thom demonstrara um traço de caráter que eu desconhecía. Esperava apenas que fosse bom marido para ela, diferente do que fora para mim.

O som da campainha me distraiu dos pensamentos. Era Stacey, que chegava sempre ao meio-dia em ponto com meu almoço.

— Olá — saudei ao abrir a porta, afastando as muletas para que ela passasse.

Stacey entrou com uma vasilha apoiada sobre uma pilha de DVDs e revistas, objetos que se transformaram em oferecimentos de paz. Era a forma que minha irmã encontrara de dizer que eu não estava louca, embora eu tivesse certeza de que ela duvidava da minha sanidade mental.

— Eu trouxe o último número da revista *Sunset* — ela anunciou ao seguir para a cozinha. — Há uma matéria interessante sobre florestas tropicais.

Nós duas sabíamos o quanto aqueles presentes tolos significavam para mim. As paredes do quarto de hóspedes continuavam repletas de fotografias, mapas e reportagens sobre possíveis lugares que combinassem com o do meu sonho.

Peguei a revista e me sentei no sofá enquanto ela colocava a tigela no fogão. Ao abrir na página com a fotografia de um pôr-do-sol na floresta tropical de Hoh, senti-me doente por ter estado num lugar que não existia.

Stacey entrou na sala com uma bandeja de croissants recheados e colocou-a na mesa de centro.

— Joy?

Ergui o rosto e só então percebi que estava chorando.

— Oh, Joy... Eu não devia ter trazido essa revista...

— Eu preciso dela. — Ouvi a entonação apavorada da minha própria voz.

— Querida, você tem de voltar para o mundo real... — ela suplicou, sentando-se a meu lado.

— O mundo real... — repeti num eco distante, apertando a revista com as mãos trêmulas.

Levantei e caminhei até a janela, observando as casas do outro lado da rua. As árvores sem folhas e os gramados ressecados denunciavam o efeito implacável do inverno.

— Ontem à noite, sonhei que estava exatamente aqui — murmurei, sem me virar para Stacey. — Vi minha vida passar diante dos meus olhos. Vi sua casa, com as luzes acesas; havia crianças no jardim. Uma delas era uma menina quieta, atenta a tudo o que acontecia ao redor. Você dera a ela o mesmo nome que o meu, Joy. — Respirei fundo e me virei para fitá-la. Havia algo que eu precisava dizer à minha irmã. — Você não foi a única razão para eu ter entrado naquele avião, Stacey. A verdade é que eu estava cansada de ser quem sou.

Stacey não fez nenhum comentário. Nossa relação ainda estava frágil; ambas receávamos romper o delicado equilíbrio que havíamos conquistado.

— Você não consegue entender — declarei por fim.

— Está brincando? — Ela me encarou como se eu fosse uma aberração exibida numa feira de ciências. — Por acaso pensa que não sei o que significa querer mais do que tenho?

Balancei a cabeça, incrédula.

— Stacey, você foi líder de torcida, pelo amor de Deus, e rainha do baile de formatura! E agora, está grávida e apaixonada.

— Fui líder de torcida há dezesseis anos, Joy. Quando você foi para a faculdade, eu fiquei em Bakersfield, trabalhando em empregos que não tinham a menor importância.

— Mas conheceu Chris...

— E ele partiu meu coração, lembra? — Ela suspirou. — Eu via a sua vida dar certo, enquanto a minha representava um fracasso após o outro. Você veio para casa depois de terminar a faculdade, apaixonou-se por Thom e teve o casamento perfeito. Então, conseguiu o melhor emprego da cidade, na biblioteca do colégio. Você teve sucesso em tudo o que fez, enquanto eu não passava de uma sombra.

— Foi por isso que você insistiu para que Chris aceitasse o emprego em Sacramento?

— Sim. Achei que uma cidade grande me ajudaria a crescer, mas fiquei ainda mais perdida. Depois do divórcio, voltei com o dinheiro da divisão de bens e comprei minha casa, mas não consegui um emprego decente. É difícil encontrar uma colocação razoável quando não se tem nenhuma formação...

Especialmente, quando todos comparam você à irmã inteligente e bem-sucedida.

— Oh, Stacey... Por que você nunca me disse isso?

— Eu tentei, mas você não estava disposta a ouvir — ela declarou, desviando o rosto.

Eu gostaria de afirmar que não era verdade, mas sabia que ela estava certa. Nos últimos anos, Thom e eu brigávamos o tempo todo. Eu não conseguia olhar para nada que não fosse o meu casamento.

— Vim procurá-la diversas vezes, disposta a conversar — ela disse baixinho. — Você nunca estava em casa. Certa noite, encontrei Thom, e ele disse que você estava na biblioteca.

Então, fora assim que tudo começara... Arrependi-me por ter estimulado aquela conversa. Stacey passou a me contar como se tornaram amigos e confidentes. A amizade ficara mais íntima, até que passaram a compartilhar a solidão e a infelicidade que cada um sentia.

— Thom levou muito tempo para me dizer que estava infeliz. Mas quando disse...

— Sim, eu sei — interrompi, recusando-me a ouvir os detalhes sórdidos.

— Eu também sei como é me sentir perdida, Joy. — Ela me encarou com lágrimas nos olhos. — Você pode imaginar o que representou para mim magoar a pessoa que mais amo? Parti o coração de minha irmã, sabendo que nunca poderei me desculpar o suficiente.

Quando olhei para Stacey, vi uma mulher diferente da que eu conhecia. Eu não fazia ideia de que ela carregava tanto ressentimento e frustração. Ela também conhecia a solidão e o desapontamento. Talvez todas as mulheres passassem por isso, ponderei, especialmente as que viviam em cidade pacatas, quentes e áridas como Bakersfield.

Mas nenhuma mulher se sentiria assim na floresta tropical, concluí. Lá, naquele mundo azul, o espírito se renovava a cada dia, e não havia espaço para a solidão. Repeli o pensamento e voltei a atenção para Stacey. Não havia palavras suficientemente profundas para exprimir minha opinião sobre o que eu acabara de ouvir. Assim, decidi virar aquela página de nossas vidas e deixar que o tempo realizasse seu lento trabalho para sedimentar as mágoas.

— E então, como está a gravidez?

Ela demonstrou surpresa, talvez pela naturalidade com que fiz a pergunta.

— Está ótima. O médico disse que o bebê é perfeito.

— Você já sabe o sexo?

— Ainda não. O bebê ainda é pequeno e a imagem do ultrassom não é nítida, mas achamos que é uma menina.

A idéia de ter uma sobrinha e mimá-la como se fosse uma pequena boneca me enterneceu.

— Mamãe teria ficado maluca de felicidade! — comentei com um sorriso.

— Pensamos em chamá-la Elizabeth Sharon.

— Ela explodiria de vaidade ao saber que a primeira neta teria o nome dela. Ficamos em silêncio novamente. Eu queria dizer algo doce, fazê-la se sentir acolhida, mas minha mente estava em branco. Em vez disso, por puro egoísmo, mergulhei em meu próprio senso de perda. Revi o deque, o lago prateado, a floresta, as samambaias gigantes...

— Você viajou de novo para sua fantasia, não é?

Respirei fundo e me esforcei para voltar ao presente. Encarei Stacey, consciente de que o que ela dissera era mais uma afirmação do que uma pergunta.

— Estou com medo, Stacey. É como... como se eu estivesse enlouquecendo.

Esperei uma resposta que me reconfortasse. Em vez disso, Stacey se levantou, foi para a cozinha e deu um telefonema.

— Venha — chamou-me ao retornar. — Vou levá-la comigo. Pegue a bolsa.

— Aonde vamos?

— Não se preocupe. Confie em mim.

A princípio, fiquei grata por ter algo com que me distrair. No entanto, o medo e a apreensão de sair para o mundo real me deixou tensa. Mesmo assim, eu a acompanhei sem dizer nada.

Minutos depois, chegamos ao nosso destino: o colégio em que eu trabalhava.

— Você está bem? — ela quis saber ao estacionar o carro.

Eu começara a odiar aquela pergunta, pois não havia como responder a não ser com uma mentira.

— Sim, estou bem. Por que me trouxe aqui?

— Porque é aonde você pertence.

— É mesmo?

Stacey ignorou a ironia e disse algo que foi abafado pelo ruído da porta do motorista se fechando.

Desci do carro com a ajuda dela e me apoiei nas muletas. Entramos pela lateral do colégio e atravessamos o pátio na direção do edifício administrativo.

Àquela hora do dia, as salas estavam lotadas de alunos. Não havia nenhuma criança correndo e gritando, nem adolescentes se escondendo atrás dos carros do estacionamento para fumar ou namorar.

Stacey abriu a porta do prédio e segurou-a para que eu passasse. Caminhei pelo corredor com as paredes forradas de quadros de avisos, os mesmo que estavam lá no ano anterior.

Naquele momento, tocou o sinal anunciando o término da aula. Imediatamente, o corredor ficou abarrotado de crianças rindo e falando.

O silêncio momentâneo de reconhecimento foi seguido por um burburinho ensurdecedor. Os alunos se aglomeraram ao meu redor, falando ao mesmo tempo.

Stacey apertou meu braço.

— Isto é a sua vida real — cochichou ao meu ouvido.

Levamos mais de dez minutos para atravessar a multidão. A cada passo, eu tinha de parar para receber abraços de boas-vindas.

Finalmente, empurrei as portas duplas da biblioteca com uma das muletas e ouvi a risada gutural de Rayla.

— Bem, estava na hora de você voltar! — ela exclamou, ao me abraçar efusivamente. — Aqui tem muito trabalho para uma mulher sozinha.

Eu ri, sentindo-me em casa. Nós duas sabíamos que qualquer uma podia administrar a biblioteca sem ajuda de ninguém. Aquele era nosso pequeno segredo.

— Ora, Ray, não tente me enganar! — provoquei no mesmo tom de gracejo. — Sei que você adora mandar nas crianças quando não estou por perto.

Ela riu e me apertou ainda mais, a ponto de sufocar.

— Sentimos sua falta, garota!

Quando a encarei, percebi que o sentimento era recíproco.

— Eu também senti, Ray.

Na meia hora seguinte, deixamos Stacey vasculhando os livros nas prateleiras e conversamos sobre tudo e nada, rindo como nos velhos tempos.

— Quando você volta?

A pergunta finalmente escapou dos lábios de Rayla. Eu sabia que era impossível voltar a ser o que eu era. Stacey havia se aproximado e me observava com atenção, esperando pela minha resposta. Respirei fundo, enquanto decidia se era melhor dizer a verdade ou o que elas esperavam ouvir.

— Em breve — afirmei, tentando sorrir.

No caminho para casa, Stacey e eu permanecemos caladas. Ela ligou o rádio, e a voz rouca de Bruce Springsteen invadiu o silêncio, cantando Born to Run.

No mesmo instante, as lembranças me subjugaram. Fechei os olhos e me vi numa caminhonete vermelha, sacolejando numa estrada rural. Podia sentir Bobby a meu lado, rindo.

Quando abri os olhos, incapaz de suportar a dor da saudade, estávamos na saída do aeroporto. Não podia ser acidental. Stacey nunca ia para casa por aquele caminho.

Coincidência ou não, achei que não estava ali por acaso. Tinha de parar de ficar sonhando e começar a procurar provas de que meu sonho fora real.

— Vire aqui, Stacey — pedi, indicando o portão do estacionamento.

— Por quê? O que você quer fazer no aeroporto?

— Por favor, apenas faça o que pedi.

— Joy, você nunca esteve lá! — ela quase gritou, irritada. — Você acabou de ver seu mundo real.

— Por favor! — supliquei.

Com um suspiro resignado, ela conduziu o carro para a faixa da direita e entrou

no estacionamento.

— Isso é loucura, Joy.

— Eu sei.

Agarrei minha bolsa e as muletas no banco de trás e me virei para ela.

— Obrigada pelo passeio, Stacey. Vou fazer uma pesquisa que pode levar algumas horas. Vá para casa. Eu chamarei um táxi quando quiser ir embora.

— Mas...

Sem esperar que ela argumentasse, saí do carro e andei o mais rápido que as muletas permitiram.

Entrei no saguão do terminal e me dirigi ao balcão da mesma companhia que eu havia procurado em minha última viagem.

— Olá — saudei a jovem bonita de uniforme azul e branco atrás do computador.

— Boa tarde, senhora. Em que posso ajudá-la?

— Eu quero uma passagem para Seattle no próximo voo.

Ela desviou o olhar para a tela do computador e digitou rapidamente no teclado.

— Há um voo daqui a quarenta minutos. O próximo é amanhã, nesse mesmo horário.

Vasculhei a bolsa e encontrei a carteira.

— Quero uma passagem para hoje.

— Hum... Temos um problema. — Ela apertou os lábios, e prendi a respiração, receando o que estava por ouvir. — Restam apenas duas passagens na primeira classe.

— Oh... Ótimo! — exclamei, aliviada. — Ficarei com uma. Quando atravessei o portão de embarque, minhas mãos suavam e meu coração estava a ponto de explodir no peito. Pensei em Daniel e Bobby, desejando ardentemente ser capaz de repetir a mesma mágica que me levava até eles.

Minha confiança começou a escoar rapidamente na sala de embarque, com as luzes fluorescentes clareando a sala fria e impessoal. Meu voo foi anunciado, e dei um passo adiante.

Então, vi o avião. Imagens vividas me arrebatarem com tanta força que quase perdi o equilíbrio. Fechei os olhos e me concentrei em respirar. Na escuridão, revivi a sensação de estar caindo, o calor das chamas e o cheiro de combustível e fumaça.

Esperei pelo momento da queda como se fosse real. Estava certa de que, quando abrisse os olhos, veria os destroços carbonizados, a fumaça me sufocando, o avião explodindo bem diante dos meus olhos...

Tomada por uma onda de pânico, segurei com força as muletas. No entanto, as palmas das mãos, molhadas de suor, estavam escorregadias. Lágrimas fluíram pelo meu rosto, nublando a visão. Alguns passageiros que se dirigiam à aeronave pararam para perguntar se eu estava bem, e assenti com um gesto de cabeça.

Eu sairia correndo dali, se pudesse. Em vez disso, voltei para a sala de embarque

com a sensação de que minha alma havia se partido em mil pedaços.
Quando emergi do terminal para o dia radiante, iluminado pelo sol, Stacey correu ao meu encontro.
— Eu me lembrei — soluzei, amparando-me nos braços dela.

CAPÍTULO VIII

Nas três noites seguintes, a cada vez que eu fechava os olhos, as imagens da explosão reviviam em minha mente. Eu acordava encharcada de suor, com os olhos arregalados, perscrutando a escuridão do quarto.

Não havia nenhuma lembrança da floresta tropical, ou de minha mãe pedindo que eu acordasse, ou de Bobby me mostrando o quarto na pousada.

Na quarta noite, a verdade se descortinou com clareza ofuscante. Eu estava naquele avião. Não havia caminhado para longe, tampouco encontrado uma pousada com o nome Chalé do Conforto.

Levantei-me de madrugada e acendi a luz. Mapas, fotografias e recortes de jornal encobriam as paredes. Finalmente, vi a luz. Estivera perdida, e era hora de me encontrar. Aquela era a mensagem dos meus pesadelos: Abandone a fantasia e volte para o mundo real. Minha própria mente me ensinara o que um batalhão de médicos não conseguira.

Atônita, percebi que meu coração estava vivendo fora do corpo, e minha alma se afastara de Bakersfield, Califórnia, e da realidade da minha vida.

Subitamente exausta, recostei-me na cama e fechei os olhos, com a sensação de que minhas energias haviam sido drenadas. Na manhã seguinte, acordei aniquilada por pesadelos, e sobre o que tinha de fazer. Sai da cama e tomei uma caneca de café e uma resolução.

Centímetro por centímetro, limpei todas as paredes do meu quarto. Comecei com a fotografia do chalé e do mapa imaginário. Minhas mãos trabalhavam como se tivessem vida própria, freneticamente, mais rápidas que o pensamento.

Havia recolhido quase todos os recortes quando a campainha tocou. Recuei um passo para admirar meu progresso antes de atender à porta. A parede estava danificada pelos buracos de alfinete, minúsculos espaços vazios que ilustravam minha busca desesperada por lugar nenhum.

— Você demorou a atender — Stacey reclamou ao entrar. — Estamos atrasadas para sua consulta no hospital. O que houve? Sua aparência está horrível!

— E você está cada dia mais gorda — revidei, girando sobre a muleta.

Embora eu não pudesse ouvir os passos dela sobre o tapete, sabia que ela estava me seguindo.

— Você estava limpando as paredes?

— Não era o que você queria? — respondi com azedume.

— Joy...

Alguma coisa no tom de voz de minha irmã abrandou minha ira. Virei-me para ficarmos frente a frente. Stacey se sentou na cama e bateu de leve no colchão, indicando que eu fosse para lá. Obedeci, resignada, consciente de que não tinha para onde fugir.

— O que está acontecendo, Joy?

— Não consigo dormir. Tenho pesadelos.

— Com o acidente?

— Sim. Meu psiquiatra disse que eu despertei conteúdos do meu subconsciente quando fui ao aeroporto. Como se precisasse ouvir que eu mesma sou culpada por sofrer!

— E quanto a Daniel e Bobby?

A pergunta carregava uma mensagem implícita, quase uma súplica para que eu afirmasse ter esquecido. Chegaria o tempo, em breve, eu esperava, em que não desejaria mais ouvir aqueles nomes.

— Não sonho com eles desde que você me levou à biblioteca. E quando penso neles, não consigo me lembrar das feições com nitidez.

— E o que isso quer dizer? Você acha que é um bom sinal?

Olhei para as mãos. Havia pensado muito a respeito nas minhas noites de insônia, mas não chegara a uma conclusão plausível.

Stacey pousou a mão sobre a minha, e lágrimas queimaram meus olhos.

— Tudo ainda é confuso, Stacey. Quando acordei do coma, tinha certeza de que Daniel, Bobby, o chalé... enfim, de que tudo era real. Então, fiquei sabendo dos fatos e, mesmo com todas as provas bem diante do meu nariz, eu ainda acreditava... Acho que desejava muito que aquele lugar existisse. Lá, me sentia viva, amada, e aqui... — Encolhi os ombros com amargura. — Até dias atrás, tudo que eu queria era encontrar uma forma de voltar para lá.

— E agora?

Respirei fundo e soltei o ar devagar.

— Fiz uma vasta pesquisa na internet, telefonei para o serviço de informações e li tudo o que podia sobre a Floresta Tropical Olympic. Aquela floresta não existe, assim como a pousada. Dessa forma, torna-se óbvio que Daniel e Bobby também são imaginários. Inventá-los foi meu modo estranho de lidar com a dor e o horror do acidente.

— Você parece seu psiquiatra falando...

— Bem, eu pago duzentos dólares por consulta. O mínimo que posso fazer é ouvi-lo.

Sorri, mas Stacey não achou graça na piada.

— Você está falando racionalmente, Joy. Mas não há emoção no que diz.

— Não posso mais suportar as emoções. Estão me matando. Estou velha demais para acreditar em mágica.

— Então, você está convencida de que o mundo imaginário que criou foi fruto das drogas e do seu subconsciente...

Franzi o cenho. Não era totalmente verdade.

— Creio que Daniel e Bobby eram uma espécie de metáfora.

— Eu não freqüentei nenhuma faculdade, lembra? — Stacey reclamou. — O

que você quer dizer?

— Acho que eles representam o amor que eu poderia ter se tivesse coragem de mudar minha vida. — Respirei fundo mais uma vez. — A verdade, Stacey, é que estou cansada da solidão. Quero amor, paixão e filhos.

Stacey balançou a cabeça e me fitou com ternura.

— Sei o que quer dizer. E você merece isso.

Olhei ao redor, encarando os recortes restantes nas paredes. Logo, meu quarto e minha vida voltariam ao normal. Todas as evidências de minha jornada fantástica desapareceriam. E então, com o que eu passaria a sonhar?

— Vá se vestir — Stacey determinou, levantando-se. — Estamos atrasadas.

Obedeci sem reclamar. Na verdade, estava ansiosa para me afastar daquelas paredes furadas e vazias.

No trajeto para o hospital, Stacey me contou com todos os detalhes sobre a nova receita de pão caseiro que ela aprendera, e fiquei grata por ser sensível a ponto de manter o tema da conversa o mais ameno possível.

Antes da consulta com o médico, passei alguns minutos na sala de radiologia.

— A fratura do osso está completamente curada. — Meu ortopedista, dr. Turner, sorriu satisfeito ao ver a radiografia. — Está ainda melhor do que eu esperava.

— Quantas sessões de fisioterapia Joy ainda terá de fazer? — Stacey perguntou.

— Creio que mais uma ou duas semanas. Como estão as dores de cabeça?

— Melhores — respondi. Os sintomas do traumatismo começavam a desaparecer por completo.

A consulta estava no fim quando alguém bateu à porta. A enfermeira entrou no consultório com uma sacola plástica branca.

— Doutor?

— Sim, Carol?

— Estas são as roupas que a sra. Candellaro usava no momento do acidente. Nós teríamos jogado fora, mas há alguns artigos pessoais nos bolsos.

A informação me impactou. Eu não consegui me mover. Stacey estendeu a mão e apanhou a sacola.

— Obrigada.

Eu ainda estava desconcertada quando caminhamos pelo estacionamento. Segurei com força nas muletas, embora soubesse que a falta de equilíbrio se devia a fatores emocionais. No trajeto para casa, peguei a sacola plástica e fiquei segurando, sem conseguir abri-la.

— Você está bem? — Stacey perguntou ao parar na calçada diante de casa.

— Eu vou ficar bem — assegurei, segurando a sacola com mãos trêmulas.

— Quer que eu entre com você?

— Não é preciso. Até amanhã.

Despedi-me com um beijo e permaneci na varanda até que o carro sumisse de vista.

Então, entrei na casa silenciosa. Liguei o rádio e aumentei o volume para apaciar a solidão, e deixei a sacola plástica com as roupas no aparador do quarto. Voltei à faxina do quarto, cantarolando a música alegre que ecoava das caixas de som na sala. Quando terminei, as paredes pintadas de amarelo formavam um deserto de orifícios minúsculos. Coloquei os papéis na lata do lixo reciclável e esfreguei as mãos, satisfeita. No dia seguinte, tudo aquilo teria ido embora.

Uma passagem para Seattle. Uma sacola com farrapos ensangüentados. Durante a semana seguinte, esses dois itens, juntamente com as lembranças que representavam, permaneceram no tocador. Eu olhava para eles cada vez que passava, mas não conseguia tocá-los. Até que as lembranças de Daniel e Bobby tivessem desaparecido completamente, eu estava determinada a ignorar os objetos remanescentes da minha aventura. Assim, quando os procurasse, estariam frios, inertes pela passagem dos dias. De alguma forma, eu reagendaria o voo e usaria minha passagem de primeira classe para outro destino, talvez Flórida, ou Havai. Estava me esforçando para ignorar a sacola quando o telefone tocou. Atendi prontamente, como se a pessoa do outro lado da linha pudesse desistir no segundo toque.

— Sra. Candellaro?

— Sim. sou eu.

— Aqui é Ann Morford. Como está?

— Estou bem, obrigada.

Fiquei esperando em silêncio até que a corretora responsável pela venda da minha casa prosseguisse.

— Tenho boas notícias. Há um cliente interessado na compra da casa. A oferta é de trezentos e cinqüenta mil dólares.

— Oh... É mesmo? — Sentei na cama, atordoada.

— Sim. Depois que a senhora sobreviveu ao acidente de avião, a casa passou a representar boa sorte. Gostaria de fazer uma contra-oferta?

— Não. A oferta é razoável, e quero vender a casa o quanto antes.

Conversamos mais alguns minutos sobre os detalhes da venda e garanti que desocuparia a casa na sexta-feira seguinte.

Ante a noção de que eu finalmente poderia me mudar, fiquei ansiosa para que fosse o mais rápido possível. Pedi à corretora que me enviasse a papelada por fax e prometi reenviar o quanto antes.

Quando desliguei, fui para a cozinha tomar uma taça de vinho para comemorar. A verba da venda da casa e a perspectiva de mudança haviam transformado alguma coisa em mim. Finalmente, poderia mudar minha direção. A idéia fez com que me sentisse indestrutível.

Peguei a taça de vinho e reuni coragem para abrir a sacola plástica com minhas

roupas. Então, sentei-me na cama e a abri lentamente.

A primeira coisa que vi foi minha bota esquerda. Estava em perfeitas condições, apesar das manchas de barro. O suéter mostrava marcas escuras que poderiam ser de lama, sangue, ou uma mistura de ambos. No entanto, não estava danificado. Quem olhasse para aquele suéter, jamais adivinharia sua história.

Retirei a calça da embalagem. Estava suja e amassada, e assim como o suéter, encontrava-se intacta.

Enfiei a mão no bolso esquerdo e encontrei um recibo de supermercado, o tiquete do estacionamento do aeroporto e dois cliques de papel, exatamente o que eu esperava. Porém, ao vasculhar o outro bolso, senti o contato frio de um objeto pontiagudo. Fechei a mão sobre ele e puxei-o para fora do bolso. Meu coração disparou no peito, e antes mesmo que abrisse a mão, antevi o que era.

Na minha palma, repousava uma pequena ponta-de-flecha branca.

Fechei os olhos e contei até dez. Quando os abri, ainda estava lá.

Não pode ser! Você sabe que não é verdade!, repeti mentalmente, tentando me convencer. Porém, a verdade era que eu estava segurando o objeto que havia encontrado às margens do lago, um dia antes de partir; o mesmo que Maggie me mostrara, numa sugestão silenciosa de que aprovava o amor do filho por mim.

Fui para o banheiro e ergui a mão para ver o reflexo no espelho. Lá estava ela, uma seta pequena e branca, sólida e real.

Eu precisava de ajuda. Alguém tinha de confirmar que eu não estava alucinando, e a única pessoa em quem pensei foi Stacey.

Fechei a mão ao redor da seta e fui para o quarto. Passei pelo toucador e, num impulso, peguei a passagem aérea. Confirmei o horário no relógio. O voo para Seattle partiria dentro de três horas.

E se...

Mais uma vez, aquelas duas palavras encheram meu mundo de esperança e possibilidades. Não consegui afastá-las.

Saí de casa e fui para a garagem. Passei pelo arquivo onde meus sonhos estavam guardados e entrei no carro. Antes de dar a partida, abri a mão mais uma vez para me certificar de que a ponta-de-flecha ainda estava lá.

A confirmação foi tudo que eu precisava.

Durante todo o trajeto para a casa de minha irmã, mantive a mão esquerda fechada, rezando para que a seta escondida na palma fosse real. Minha mente frágil não suportaria outra desilusão. Freei bruscamente diante da casa, desci do carro e apertei a campainha com insistência. Somente quando ouvi passos no interior foi que me lembrei de que mais alguém morava ali...

Thom abriu a porta e fiquei olhando para ele, para o homem que foi dono do meu coração por tantos anos. Afastei a onda de nostalgia e tentei sorrir.

— Olá, Thom — cumprimentei-o, surpresa com a facilidade com que dizia o nome.

— Olá, Joy.

A voz, normalmente forte, não passava de um sussurro. Podia adivinhar que ele estava pensando no que dizer.

— É engraçado como as coisas mudam, não é? — comentei, dando-lhe tempo para pensar.

— Eu sinto muito, Joy.

Fiquei espantada com a profundidade com que as palavras me afetaram.

— Eu também.

Um pesado silêncio caiu entre nós. Encaramos um ao outro; ele parecia tão triste quanto eu.

— Stacey está esperando por você? — ele perguntou por fim.

— Não.

Ele assentiu e gritou por sobre o ombro:

— Stacey! Joy está aqui.

Minha irmã desceu os degraus com expressão assustada. Olhou preocupada para Thom e voltou-se para mim.

— Você está bem?

— Estou melhor do que bem.

Agarrei a manga da blusa dela e a puxei para o corredor. Precisava de privacidade total, mas estava nervosa e excitada demais para perder tempo com detalhes.

— Veja o que encontrei no bolso da calça que eu estava usando no avião!

Estendi a mão e abri os dedos devagar.

Stacey olhou para a minha mão e pestanejou, confusa.

— Você também consegue ver?

Durante o milésimo de segundo que ela levou para responder, rezei com fervor para que a resposta fosse "sim".

— Está se referindo a essa pedra?

— Você também vê! — exclamei com alívio. — É real!

— Sim, é óbvio que é. Parece ser uma ponta-de-flecha. O que significa?

— Que eu vou para o Norte.

— Não entendi...

— Nem eu, mas vou usar a passagem que comprei no aeroporto.

Stacey arregalou os olhos, como se a realidade se abatesse sobre ela como um balde de água fria.

— Joy, você tem certeza?

— Absoluta!

— Eu vou com você!

— Stacey, sei que parece loucura, mas acho que tenho de fazer isso como da primeira vez. Tenho de estar sozinha.

— Então, vou levá-la ao aeroporto. E não ouse discutir!

Ela passou por mim e subiu a escada. Ouvi seus passos enquanto se movimentava pelo corredor, e voltei à sala, onde Thom esperava.

— Cuide bem dela — eu disse em voz baixa. — Minha irmã realmente te ama.

— Eu também amo Stacey, Joy.

Minha garganta se apertou numa dor sufocante, mas passou rapidamente.

Minutos mais tarde, Stacey reapareceu com as chaves do carro, despediu-se de Thom com um beijo e foi para a garagem.

— Você tem certeza do que está fazendo? — perguntou ao ligar o motor.

— Absoluta.

— Certo. Então, vamos lá.

Meia hora mais tarde, estávamos no aeroporto. Ela me acompanhou até o saguão e me abraçou com tanta força que eu mal podia respirar.

— Por favor, não desapareça!

— Prometo telefonar assim que chegar lá... onde quer que seja — assegurei.

Stacey se afastou ligeiramente e me fitou com os olhos cheios de lágrimas.

— Tenho medo de nunca mais vê-la, Joy.

— Como poderei desaparecer? Tenho de estar presente num casamento em junho.

— Você promete que irá?

— Somos irmãs — respondi simplesmente.

Observei o impacto das palavras. Ela sorriu e pôs as mãos nos meus ombros.

— Eu te amo, Joy.

Sim, eu sabia. Não importava o que eu encontrasse no Estado de Washington, havia um lugar ao qual eu pertencia. Levava muito tempo, mas Stacey e eu havíamos voltado ao princípio. Éramos irmãs novamente, duas meninas no banco de trás do carro, compartilhando a vida uma com a outra.

— Eu também te amo, Stacey.

Uma hora e vinte minutos depois, meu voo foi anunciado nos alto-falantes. Acompanhei a fila para o portão de embarque e, quando me deparei com o avião, o sangue correu mais rápido em minhas veias. Caminhei com cuidado e aceitei a ajuda de um dos atendentes de voo para me acomodar no assento 2A. Apertei o cinto de segurança e olhei ao redor, à procura da saída de emergência. Então, comecei a rezar.

Durante a maior parte do voo, permaneci de olhos fechados, fingindo dormir. Quando aterrissamos, o som dos freios me apavorou e tive de me conter para não gritar.

Eu ainda tremia quando segui os passageiros para o saguão do aeroporto. Do lado de fora, avistei as montanhas com os picos cobertos de neve e tive de lembrar a mim mesma que eu nunca estivera lá, e que tudo parecia familiar simplesmente porque eu havia passado horas estudando fotografias e ilustrações.

Tomei um táxi para Tacoma, sentindo-me feliz por estar com todo o dinheiro do bônus de Natal na minha conta do banco. De lá, aluguei um carro, comprei todos os mapas possíveis e segui viagem.

Olympic, a capital do Estado, era inesperadamente rural, com poucos prédios e muitas árvores. Mais à frente na estrada, espirais de fumaça das indústrias encobriam o céu, e as casas esparsas ao longo da via estavam em estado precário.

Ao chegar em Aberdeen, tomei a rodovia que levava a Queets. Se meu sonho fosse real, eu encontraria por ali a estrada sinuosa que cortava a floresta tropical e sentiria no ar a maresia do Pacífico.

A excitação fez meu coração disparar no peito e estacionei no acostamento, repentinamente amedrontada. Com mãos trêmulas, abri o mapa. Os nomes das cidades me confundiram. Qual delas seria a "minha" cidade?

A verdade era que eu estava procurando por Daniel e Bobby, e uma pousada com um lago prateado sem saber se eram reais.

— Tenha fé, Joy — falei em voz alta, tentando usar minha melhor entonação de bibliotecária.

Tirei o telefone celular da bolsa e liguei para minha irmã, que respondeu ao primeiro toque.

— Joy, por que demorou tanto para ligar? Eu já não tenho nenhuma unha para roer!

— Stacey, não sei por onde começar... — Fitei a estrada através do pára-brisa. — Nada parece ser familiar.

— Respire fundo, Joy.

Eu obedeci, inalando e soltando o ar lentamente.

— Agora, conte-me onde você está.

— Perto de uma cidadezinha a cerca de uma hora do parque nacional. Oh, Stacey... — desabafei. — Será que vou encontrar o lugar que estou procurando?

— Você encontrará!

— Como você tem certeza?

— Não sei. Acho que minha intuição está mais sensível por causa da gravidez.

As palavras me acalmaram. Lembraram-me de que, mesmo que estivesse louca, eu não estava sozinha.

— Obrigada.

— Vou ficar do lado do telefone, entendeu? Por favor, ligue.

— Está bem.

— Onde será sua primeira parada?

Estudei o mapa aberto sobre meu colo.

— No Parque Amanda.

— Parece promissor.

— Sim. Liguei mais tarde. Adeus.

Voltei para a estrada, prosseguindo minha jornada rumo ao norte. Perto da Floresta Nacional Olympic, a paisagem mudou. A área ao redor da estrada havia sido reflorestada, mas à distância, avistei o pico do Monte Olympic se erguendo sob o céu acinzentado.

Ao longe, divisei uma placa de boas-vindas a Queets e fui adiante. A noite começava a cair, e tive receio de ficar ainda mais perdida no escuro. Segui por uma estrada antiga, sem reconhecer nenhum detalhe da paisagem. Mais à frente, a via se estreitava numa curva sinuosa. Quando virei à direita, deparei-me com o Oceano Pacífico.

Parei o carro no acostamento e descí. As águas acinzentadas infinitas, salpicadas pelos pingos de chuva, eram exatamente como eu havia sonhado. Sorri ao ver as árvores esculpidas pelo vento. A costa formava uma faixa verde-esmeralda, com árvores gigantescas e samambaias enormes.

Apenas a areia era diferente. Na noite em que eu estivera na praia, dançando com Daniel, pisávamos num tapete macio, dourado. O que via a minha frente naquele momento era uma mancha acinzentada que se confundia com o céu e o mar.

Voltei para o carro, capturada pelas minhas próprias emoções. Estava perplexa por descobrir que partes do meu sonho correspondiam à realidade. Eu tinha de encontrar as peças que não combinavam.

Passei por diversas cidades que me desapontaram. Embora a paisagem fosse familiar, nenhuma delas era parecida com a dos meus sonhos.

A estrada desviou para longe da costa e o cenário se tornou mais selvagem e primitivo. Ali, as árvores formavam uma massa compacta de verde que bloqueava a luz do sol.

O começo da noite trouxe sombras negras que encobriram a estrada. Minha fé começou a esmorecer. Então, avistei uma placa de metal indicando a proximidade do Vale da Chuva.

Vale da Chuva...

Pisei no acelerador com a estranha sensação de que meus pés haviam ganhado vida própria. Meu estômago se contraiu de uma forma que eu nunca sentira antes. Tinha medo de acreditar que havia encontrado minha cidade... E ainda mais medo de estar enganada.

Meu coração estava a ponto de explodir quando entrei na Avenida Principal. Meu rosto foi acariciado pela umidade do ar, o perfume da brisa... Era como se estivesse num episódio do Arquivo X. Aquela cidade era a versão em espelho da que estivera no meu sonho.

Havia uma praça no centro, mas não era como eu imaginara. Contornei-a e distingui um gazebo, rodeado por bancos de concreto. A esquerda, localizava-se uma área coberta com churrasqueira e mesas de piquenique. Uma lagoa esverdeada refletia os últimos raios de sol, com a superfície ondulando como

rajadas de fogo.

Estacionei o carro e, com o auxílio das muletas, segui para a rua principal.

Parei diante de um salão de beleza e olhei ao redor. Nada parecia com meu sonho, com exceção da sorveteria, que era idêntica. No entanto, em seu conjunto, a cidadezinha era tão similar à que eu estivera que senti os joelhos fraquejarem. Era como uma jóia cintilante incrustada nas imediações da floresta, circundada por milhares de acres de montanhas e selva, sem nenhuma inscrição no mapa.

As lâmpadas dos postes de iluminação se acenderam, lembrando-me da passagem do tempo, e entrei no restaurante poucos passos à frente.

Uma senhora atrás do balcão me saudou com um sorriso.

— Boa tarde, querida. Quer mesa para uma pessoa? — perguntou, estendendo-me o cardápio.

— Não, obrigada. Ainda é cedo para jantar. Na verdade, estou procurando por uma pousada. Chalé do Conforto.

Ela franziu o cenho, intrigada.

— Querida, moro na cidade há mais de quarenta anos, e nunca ouvi falar desse lugar.

— Não há nenhuma pousada para pescadores por aqui?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Infelizmente não, embora seria ótimo se o prefeito da cidade estimulasse o turismo. Há um hotel em Fall River que serve um excelente café da manhã, um resort em Kalaloch e uma hospedaria no lago Crescent, mas não temos nenhuma pousada para pescadores.

— A senhora conhece um homem chamado Daniel? — sussurrei o nome, sentindo-me idiota. — Ele tem um filho, Bobby.

— Está se referindo aos O'Shea, no lago Spirit?

Meu coração perdeu um compasso.

— Há um Daniel que mora perto de um lago? E ele tem um filho chamado Bobby?

A garçonete recuou um passo atrás do balcão, e a julgar pelo olhar que me lançou, não havia aprovado minha curiosidade.

— Quem é você?

— Meu nome é Joy Candellaro, e percorri um longo caminho para encontrá-los.

— Eles tiveram muitos problemas nos últimos meses, e não precisam de mais nenhum.

— Eu também tive, e não faria nada para magoá-los.

A mulher me estudou com ávido interesse, e permaneci inabalável. Depois do que pareceu uma eternidade, ela fez um ruído estalado com os lábios e se inclinou sobre o balcão.

— Siga pela estrada Lakeshore, e você os encontrará.

Eu não conseguia parar de sorrir. De repente, vi aquela mulher comum como uma deusa do oráculo, e tive vontade de presenteá-la com oferendas.

— Obrigada! — agradei com reverente gratidão.

Saí mancando do restaurante e fui para o carro, exultante de felicidade. Na verdade, estava tão extasiada que já me encontrava a alguns quarteirões de distância do restaurante quando percebi que não havia me informado sobre o caminho para a estrada Lakeshore.

Espeiei que meu coração me guiasse e fui em frente. Contornei o parque e rumei para a parte antiga da cidade, estudando cada sinal que encontrava. As casas se espalhavam nas ruas com nomes de árvores. Percorri todas as ruelas esburacadas, e nenhuma delas era a estrada Lakeshore.

A noite havia caído, e segui por uma estrada deserta que se abria ao final da cidade antiga. Depois de cerca de meia hora de percurso, distingi ao longe o brilho de uma placa de metal. Acelerei até que pudesse ler o nome: Lago Spirit.

Um arrepio gelado percorreu minha espinha. Acelerei, sem me importar com o risco de derrapar numa das curvas sinuosas, até que, quase dois quilômetros à frente, deparei com uma barricada com o aviso: "Cuidado. Água na pista".

O riacho que corria paralelo àquele trecho da estrada tinha transbordado e invadido a pista.

O que lazer? A inundação seria um sinal para que eu não prosseguisse? Ou seria uma brincadeira do destino para testar minhas forças?

Aproveitei a parada forçada para tentar me acalmar. Peguei o celular e telefonei para Stacey, com a esperança de que, se repetisse a história, conseguiria encontrar a resposta.

— Joy! — ela exclamou, aflita. — Estou tentando falar com você há horas!

— É difícil conseguir sinal por aqui — falei a primeira coisa me veio à mente. — Oh, Stacey, você deveria ver este lugar... É...

— Não estou interessada na descrição da paisagem, Joy — ela interrompeu, ansiosa. — Conte-me tudo que aconteceu.

Eu estava com medo de colocar em palavras e expor à verdade a frágil esperança que sentia. As lacunas entre o que eu imaginava e o que via formavam o hiato que separava o real do imaginário. Por fim, achei melhor contar todos os detalhes da viagem até ali. Stacey ouviu em silêncio, com exclamações e murmúrios ocasionais.

— Estou na estrada Lakeshore, perto do lago Spirit. A garçonete do restaurante disse que Daniel e Bobby moram perto daqui.

— Uau! — Stacey murmurou. — São eles mesmo?

— Espero que sim, mas, quem sabe? E se eu estiver vivendo algo parecido com Brad Pitt no filme Os Doze Macacos e ainda estiver sentada no saguão do aeroporto, babando?

— Você não está no aeroporto, babando, Joy. Vi quando entrou no avião.

— Você estava lá?!

— Sim — ela admitiu, um tanto embaraçada. — Eu não achei que você teria coragem de embarcar.

— Bem, creio que sou mais forte do que eu era.

Quando pronunciei as palavras, percebi a verdade. Eu estava mais forte, o suficiente para conquistar aquele sonho... ou para suportar a decepção.

Mesmo que Daniel e Bobby não fossem reais, eu pertencia àquele lugar.

Em breve, teria trezentos e cinqüenta mil dólares no banco, o que definitivamente me proporcionaria a liberdade e a segurança necessárias para recomeçar.

Olhei pelo pára-brisa, sem nenhum pingo de chuva.

— Tenho de desligar, Stacey. Parou de chover, e quero seguir em frente antes que recomece.

— Por favor, Joy... Não desapareça.

— Não vou desaparecer.

No mesmo instante, lembrei-me de Bobby, para quem eu fizera a mesma promessa.

Guardei o celular e peguei a bolsa. Fechei os vidros do carro, guardei a chave e estendi as muletas pela porta aberta. Por sorte, o vento carregara as nuvens e o luar iluminava a estrada. Atravessei a poça gigantesca que invadia a pista, com água até os joelhos. À medida que eu prosseguia, as árvores nas laterais da estrada pareciam ainda maiores e o musgo recobria tudo ao meu redor.

Escalei um tronco atravessado na estrada, numa acrobacia que foi um verdadeiro milagre para alguém usando muletas, e, finalmente, pisei em solo seco.

Depois de uma curva, comecei a ouvir o ruído suave das águas do lago agitadas pelo vento. Mais alguns passos, e divisei um velho casarão vitoriano à direita da estrada. Mesmo quase em ruínas, era espetacular. Uma placa esculpida em madeira pendurada ao portão dava as boas-vindas à pousada Espírito do Lago.

Minhas pernas estavam entorpecidas pela exaustão, mas uma força renovada cresceu dentro de mim.

O portão se abriu com um rangido, e tomei o caminho de pedregulhos que levava à varanda. Havia construções ao lado do casarão, com os vidros das janelas quebrados e as chaminés destruídas.

Fiquei decepcionada por não ver nenhuma caminhonete vermelha parada adiante. Tampouco havia uma doca perto do lago. O jardim, iluminado pelo luar, mostrava os primeiros sinais da primavera. Nada era familiar, exceto as árvores e o lago. Eu jamais havia estado naquele lugar antes. Mesmo assim, sentia-me em casa.

Por um segundo, um pensamento aterrorizante cruzou minha mente. Talvez eu ainda estivesse na cama do hospital, em coma, sob o efeito de drogas...

— Pare com isso, Joy! — ordenei a mim mesma com voz firme. E, num ato

monumental de esforço, eu segui em frente. O curto percurso até a varanda parecia não ter fim. Exaurida, eu estava a ponto de desistir quando ouvi a voz de um menino, trazida pela brisa.

Bobby!

Parei de respirar, atenta. Era ele. Tinha de ser!

Agarrada às muletas, apressei o passo e contornei a casa. Nos fundos, divisei o balanço e a gangorra em meio às árvores. O menino estava agachado perto de um tronco recoberto de musgo, travando uma batalha imaginária com soldadinhos de brinquedo. Árvores gigantescas o protegiam.

Caminhei na direção dele com o coração aos pulos e o chão úmido abafando meus passos.

— Olá, Bobby.

Ao som da minha voz, ele ergueu a cabeça e se virou lentamente. O rostinho alvo era exatamente como eu conhecia, com cabelos escuros, ondulados, e olhos emoldurados por longos cílios.

— Bobby? — repeti, contendo o ímpeto de abraçá-lo.

— Sou eu — ele confirmou sem sorrir.

— Oh, Bobby! Eu sinto muito por ter ido embora.

— Todos disseram que você era imaginária — ele declarou, franzindo a testa.

— E eu era, de certa forma. Mas agora, sou real.

— Você quer dizer..

— Quero dizer que estou aqui, Bobby.

Um brilho de esperança iluminou os olhos dele por um segundo, antes que a tristeza voltasse a anuviá-los.

— Não. Não quero mais acreditar. Não vou ser chamado de louco novamente.

— Eu sei o que você quer dizer.

— Não tente me enganar.

Sorri ao perceber o quanto ele estava se esforçando para ser maduro e normal, em contraste com o desejo premente de acreditar em mim.

— Eu sei que é difícil, mas gostaria de pedir mais uma chance, Bobby. Por favor, confie em mim uma vez mais.

— Como?

— Venha cá. Deixe-me abraçá-lo. Assim, você saberá que sou real.

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Eu tenho medo.

Eu sorri. Aquele tipo de honestidade era o que precisávamos para nos salvar daquela situação insana.

— Eu também. Por favor, acredite em mim mais uma vez.

Ele se levantou hesitante e aproximou-se até estar ao alcance da minha mão.

— Você é de verdade?

— Essa foi a primeira coisa que você perguntou quando me viu, lembra? Na

ocasião, eu não entendi o que queria dizer. Mas agora, posso afirmar que sim, Bobby.

Ele não me tocou, mas eu vi a esperança voltar a brilhar nos olhos dele.

— Você não cumpriu a promessa.

— Sim, eu sei, e sinto muito.

— Por que está usando muletas?

— Oh... é uma longa história.

— Eu esperei que você voltasse... Esperei todos os dias — balbuciou, deixando evidente o esforço para não chorar.

— Ei, eu tenho um presente para você — lembrei-me de repente.

— É mesmo? O que é?

Enfie a mão no bolso, quase esperando encontrá-lo vazio. Meus dedos se fecharam na pedra lisa e fria. Tirei a mão e estendi para Bobby. A ponta-de-flecha se parecia com um minúsculo coração em minha palma.

— Oh... — Bobby ofegou. — Mamãe sempre prometeu que encontraria uma ponta-de-flecha branca para mim.

Eu me aproximei e caí de joelhos diante dele, sem conter o pranto.

— Foi ela quem me mostrou onde estava. Era véspera de Natal e você estava dormindo.

— É mesmo?

Acenei com a cabeça e sorri entre as lágrimas.

— Às vezes, a magia é real.

Eu sabia o quanto Bobby havia esperado que um adulto lhe dissesse tais palavras. Ele apanhou a pedra e apertou-a entre as duas mãos.

— Eu sabia... — sussurrou. — Não estou louco.

— Guarde sempre com você, como um amuleto de boa sorte, e quando estiver perdido ou confuso, basta segurar a ponta-de-flecha branca para se lembrar do quanto sua mãe o amava.

Abri os braços, e Bobby se aninhou no meu peito. O impacto do corpo pequenino tirou meu equilíbrio, e caímos no chão recoberto de musgo. Pela primeira vez, eu realmente o abraçava. O beijo molhado que recebi na bochecha não poderia ser mais real.

— Ei... — Ele se afastou, rindo. — Você está quente!

— Eu não estava antes?

Ele balançou a cabeça solenemente.

— Quando você me tocava, era como... o vento.

Nós nos sentamos, olhando um para o outro.

— Bobby O'Shea... É muito bom conhecê-lo!

— Eu pensei que você fosse como a minha mãe.

Eu o toquei na bochecha, mais macia do que sempre imaginei.

— Não. Eu não estava morta. Apenas levei muito tempo para encontrar meu

caminho de volta.

— Como é possível que você estivesse aqui?

Desejei saber se haveria uma resposta para aquela pergunta. Talvez eu nunca soubesse por que meu sonho era uma versão esfarrapada da realidade ou como terminei ali, depois de estar inconsciente na cama do hospital em Bakersfield. Por ora, tudo o que eu podia fazer era encolher os ombros e afirmar:

— Magia. Foi pura magia, Bobby.

Ele franziu a testa e pensou por alguns segundos.

— Eu concordo — disse por fim.

Eu sorri e toquei a ponta do nariz arrebitado.

— O que você tem feito desde que parti?

Um sorriso travesso encurvou os lábios rosados, e ele me agarrou pela mão.

— Venha ver!

Rindo, Bobby me puxou na direção da casa. Impaciente com minha lentidão para caminhar, ele correu à frente e me esperou na porta dos fundos. Ao me aproximar, distingi seis cabanas construídas nos fundos da casa. Bobby entrou na mais próxima, a única que parecia em condições de ser habitada. Eu o segui para o interior às escuras e ele acendeu a luz.

Fiquei surpresa com o que vi. As paredes inacabadas de toras de madeira recendiam a pinho, e amplas janelas se abriam para o lago. À esquerda, uma porta entreaberta deixava entrever o banheiro com azulejos brancos e uma banheira no centro.

— Ele não sabia o que fazer com as paredes. Não estava na lista.

Encarei Bobby, confusa. Antes de abrir a boca para perguntar qualquer coisa, ele me conduziu para fora da cabana.

— Papai reformou as cabanas por sua causa.

— Bobby, querido, eu não sei do que você está falando...

— Você sabe. A lista.

— Que lista?

Ele enfiou a mão no bolso da calça e tirou um papel amassado. Uma profunda emoção me cingiu quando passei os olhos pela caligrafia infantil:

Idéias para o Chalé do Conforto:

Reformar as cabanas.

Envernizar as janelas.

Instalar banheira em todos os banheiros.

Mudar o nome da pousada.

Não cortar árvores velhas.

— Oh... — sussurrei, tremendo, embora não estivesse com frio. — Como...

Bobby encolheu os ombros. Nós dois sabíamos que não havia resposta para

minha pergunta silenciosa. Era como a ponta-de-flecha: magia.

— Eu falei para meu pai que você voltaria.

Quando ele olhou para mim, meu coração transbordou com um tipo de amor que eu nunca conhecera. Ajoelhei-me e puxei-o para os meus braços. Bobby consentiu, mas afastou-se logo a seguir.

— Venha — chamou, puxando-me pela mão.

Cruzamos o quintal, e uma rajada de vento alvoroçou o jardim. De repente, uma chuva de pétalas coloridas caiu sobre nós, trazidas pela brisa.

Bobby parou defronte a porta de entrada e sorriu.

— Quero fazer uma surpresa para ele.

— Oh, será uma surpresa e tanto — murmurei, sentindo um nó no estômago. Uma coisa é convencer um menino de que existe magia; outra, completamente diferente, é incutir esperanças impossíveis num homem adulto.

Bobby bateu à porta, e passos ecoaram do interior da casa. Quando dei por mim, eu havia cravado as unhas nas palmas das mãos e mordida os lábios a ponto de feri-los. Meu coração bombeava com tanta força que tive medo que explodisse.

Daniel estava lá, e era muito parecido com o homem que eu vira. Não era tão magro quanto imaginei, e os cabelos estavam mais curtos. Mas era ele, sem a menor sombra de dúvida.

Bobby mudava de um pé para outro, excitado, esperando que o pai saísse à varanda. Eu, por outro lado, permaneci como uma estátua, receando que o mais leve sopro de respiração apagasse a cena.

— Veja, papai. Ela voltou!

Daniel se aproximou com passadas hesitantes e olhos fixos em mim, como se estivesse vendo um fantasma. Tentei sorrir, mas não consegui. Se ele me desse as costas e fechasse a porta, seria meu fim.

— Joy?

— Sim, sou eu.

Fui tomada por uma emoção tão intensa que só Deus sabe como tive forças para responder.

— Eu sabia que você a reconheceria! — Bobby riu.

— Como isso é possível? — perguntei, confusa.

— Bobby desenhou centenas de retratos com seu rosto — Daniel explicou com o sotaque dos meus sonhos. — E falou a seu respeito até que eu não agüentasse mais. Mas...

— Mas?... — estimulei, preparando-me para o pior.

— Mas ele não mencionou que você era tão linda.

Uma intensa onda de rubor queimou minhas bochechas. Eu me senti como uma adolescente ao ser notada pelo capitão do time de futebol americano pela primeira vez.

— Isso é loucura — balbuciei.

— Não... É magia, Joy.

O modo como ele pronunciou meu nome soou como uma prece que encheu meu coração de esperança. Sem pensar, aproximei-me e pousei a mão no braço dele. Minhas muletas caíram com um baque surdo no chão.

Daniel tocou meu rosto e só então, quando senti o calor da palma contra a pele, percebi o quanto eu queria que ele fizesse aquilo. Suspirei, e a nuvem pálida da respiração formou um halo à minha frente.

— É como se eu já a conhecesse.

Acenei em afirmativa.

— Quem você é, realmente?

— Joy Faith Candellaro. Sou bibliotecária numa escola secundária em Bakersfield.

— Joy... É um bonito nome. — Ele se afastou um passo e fez um gesto extenso com a mão. — Entre, Joy.

Daniel piscou para Bobby com cumplicidade antes de cochichar-lhe:

— Eu não disse que, quando Joy voltasse, bastava bater à porta e eu a deixaria entrar?

Nós rimos e eu avancei para a porta, esquecida das muletas. Tinha consciência de que Daniel me encarava com inúmeras perguntas em mente, e talvez antevisse que eu não saberia como responder. Ele também fora pego entre dois mundos, e isso nos unia ainda mais.

Não havia nenhum balcão de registro, foi a primeira coisa que notei. A esquerda, vi o saguão de entrada e a sala de estar, sem o sofá xadrez ou as poltronas de couro vermelho. No entanto, a lareira de pedra estava lá, assim como a árvore de Natal com os enfeites que Bobby e eu colocamos. Parecia ainda mais colorida, drapejada de luzes e ornamentos. Embaixo dela, restava apenas um presente solitário, embrulhado pelas mãos de uma criança e com o meu nome escrito com giz de cera vermelho.

Uma intensa emoção me invadiu. Eu tinha passado o Natal num quarto asséptico, rodeada por enfermeiras e médicos. Aqueles dois estranhos foram os únicos que guardaram o Natal para mim.

— Estamos em março... — observei, olhando para Daniel.

De repente, o pânico congelou minhas veias. E se eu ainda estivesse em coma? E se tudo aquilo não passasse de mais uma alucinação?

— Bobby nunca deixou de acreditar — ele respondeu naquele sotaque que aquecia minha alma. — Ele se recusou a desmontar a árvore antes que você voltasse.

Comovida, fui para perto da árvore e reconheci os objetos que Bobby escolhera. Porém, havia um enfeite novo. Cheguei mais perto e estudei o porta-retrato de argila, pintado de amarelo, emoldurando uma gravura feita por mãos infantis. As figuras não passavam de garatujas, mas reconheci o homem de cabelos negros

com um sorriso largo, o menino de olhos grandes e a mulher ruiva. Debaixo de cada um, nossos nomes, escritos com a caligrafia cuidadosa de um adulto: Daniel, Bobby, Joy.

— Eu fiz para você — Bobby anunciou com um sorriso que iluminou a noite. — Papai me ajudou.

Eu me volvei para Daniel. Meu coração inflou como um balão cheio de amor. Não sabia o que dizer àquele homem que era um amigo e, ao mesmo tempo, um estranho.

Comecei a chorar. Era ridículo me emocionar com algo tão simples, feito por pessoas que eu via concretamente pela primeira vez.

— Você deve achar que sou louca...

Daniel tocou de leve nas lágrimas do meu rosto.

— Você sabe o que é realmente maluco? — sussurrou num tom que somente eu pude ouvir.

— O... O quê?

— Um homem na minha idade acreditar em magia. — Ele me envolveu pelo pescoço e puxou-me para perto de si. — Não sei como tudo isso aconteceu, nem o que o futuro nos reserva, mas tenho uma certeza: nós fomos abençoados com um presente mágico.

Prendi a respiração quando ele aproximou o rosto e pousou um beijo leve nos meus lábios.

— Feliz Natal, Joy Faith Candellaro. Estávamos esperando por você.

Ele me beijou mais uma vez, um toque rápido e nada mais, mas foi intenso o bastante para me aquecer a alma. Enlacei-o pelo pescoço e o fitei, me perdendo e me encontrando nos olhos verdes.

O eco da risada travessa de Bobby me acordou do estado hipnótico.

— Venha, Joy. Você tem de abrir seu presente.

Eu sorri. Estar ali era o melhor presente que poderia receber de Deus.

Olhei para Daniel e sussurrei:

— Magia.

E ambos soubemos que acreditaríamos pelo resto de nossas vidas.

Fim

Conversão formatação ePub: Reliquia

Projeto
pr
Revisoras

Digitalização: Cris Silva

Revisão: Andréa